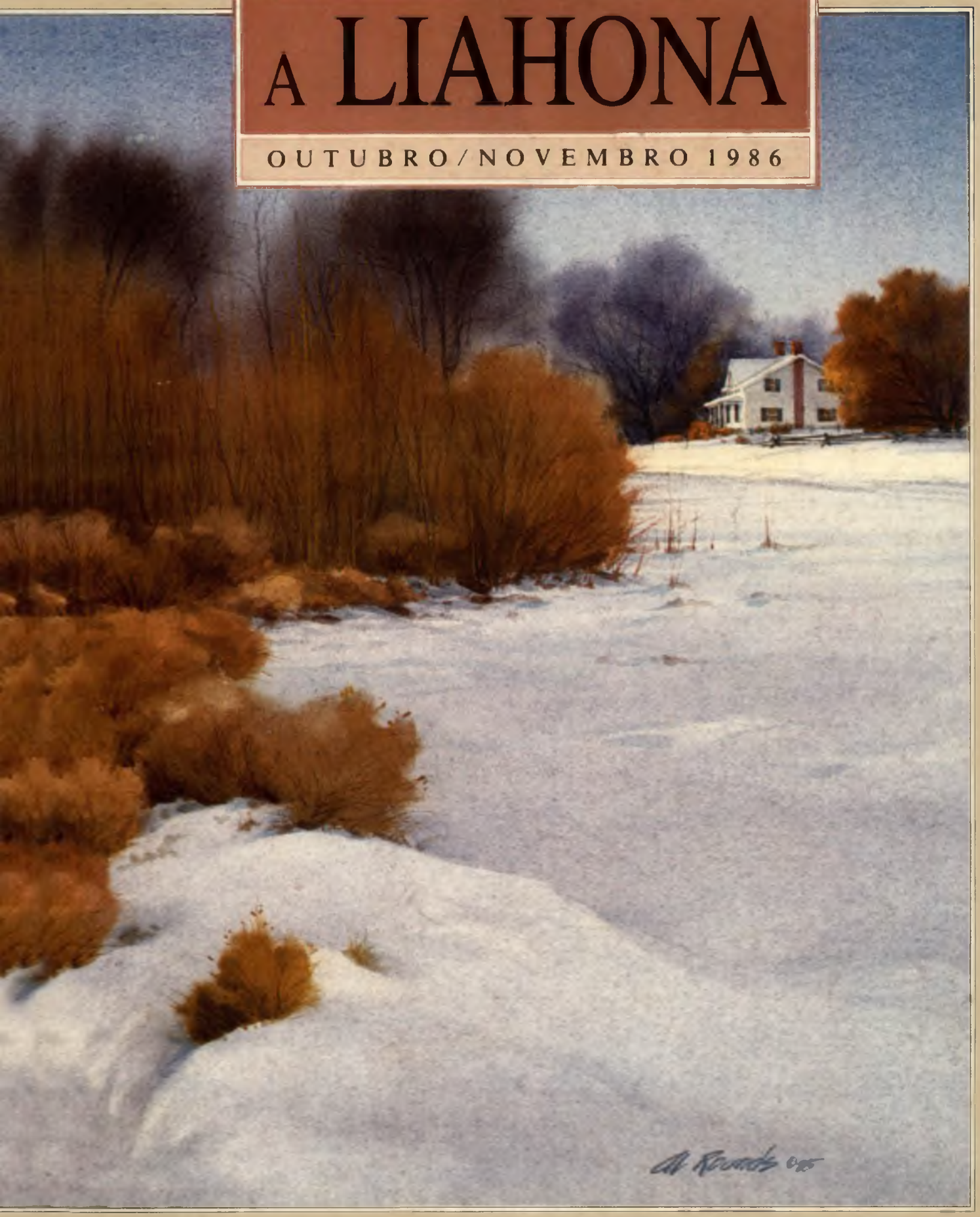
A LIAHONA

OUTUBRO/NOVEMBRO 1986



OS PROFETAS FALAM

WILFORD WOODRUFF FALA SOBRE O SACERDÓCIO DE DEUS

O Santo Sacerdócio é o meio pelo qual Deus se comunica e se relaciona com o homem na terra; e os mensageiros celestiais que visitaram a terra para se comunicar com o homem, são seres que foram portadores e honraram o sacerdócio enquanto vivos; e tudo quanto Deus ordenou que fosse feito para a salvação do homem, desde seu aparecimento na terra até a redenção do mundo, aconteceu e acontecerá por força do sacerdócio eterno...

Todas as organizações do sacerdócio têm poder. O diácono tem poder pelo sacerdócio do qual é portador. Da mesma forma, também o mestre tem poder. Eles têm poder para apresentar-se diante do Senhor, e suas orações são ouvidas e respondidas, da mesma forma que o profeta, vidente ou revelador tem poder... É por intermédio desse sacerdócio que as ordenanças são conferidas aos homens, que seus pecados são perdoados, e que são redimidos. Com esse propósito, ele foi revelado e selado sobre nossa cabeça.

Lembremo-nos de que o eterno e perpétuo sacerdócio nos foi dado com o único propósito de administrar as ordenanças necessárias à vida e à salvação, tanto dos vivos como dos mortos, e nenhum homem na face da terra pode usar esse sacerdócio para qualquer outro propósito que não a obra do ministério, o aperfeiçoamento dos santos, a edificação do corpo de Cristo, o estabelecimento do reino dos céus e a redenção de Sião...

O mesmo sacerdócio existe no outro lado do véu. Todo homem que é fiel, estará em seu quorum lá... O sacerdócio não é tirado dele, e existem milhares de pessoas mais, a quem deve pregar lá, do que teve enquanto estava vivo. Mas isto depende de que os vivos aqui construam templos, de que as ordenanças pelos mortos sejam realizadas, e logo encontrareis no mundo espiritual vossos ancestrais que nunca ouviram o som do evangelho. Vós que estais aqui ...tendes o poder para ser batizados em nome de vossos mortos e redimi-los.

Basta que (qualquer) homem use (o) sacerdócio para qualquer outro propósito que não a edificação do reino de Deus,... e os céus se afastam, o poder do sacerdócio deixa de existir, e ele passa a ter que andar na escuridão e não na luz. Esta é a chave para a apostasia de todos os homens, seja nesta geração ou em qualquer outra. ■

(Extraído de Discourses of Wilford Woodruff, editado por G. Homer Durham, Salt Lake City: The Bookcraft Co., primeira edição, 1946.)

A LIAHONA

Outubro/Novembro de 1986
Volume 39 - Nº 7
PBMA0507PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson.

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard.

Comitê de Supervisão:
Joseph B. Wirthlin, John H. Groberg, James M. Paramore, Hugh W. Pinnock

Editor: Joseph B. Wirthlin

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinckman

Desenhista:
N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Diretor de Distribuição:
Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Noticias Locais:
Flávia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires

Capa: *A Casa de Joseph Smith Sr., no Inverno*. Pintura de Al Rounds, 1985, cortesia do Sr. e Sra. Michael Ahlander.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 20,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 2,50**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.

Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Fotolitos e impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

Os Profetas Falam: Wilford Woodruff Fala sobre o Sacerdócio de Deus
Primeira contracapa

2 **Mensagem da Primeira Presidência: Alegria em Cristo**
Presidente Ezra Taft Benson

7 **Gordon B. Hinckley: O Primeiro Conselheiro**
Élder Boyd K. Packer

14 **Thomas S. Monson: Sempre Empenhado no Serviço do Senhor**
Jeffrey R. Holland

22 **Compreender o Rubens**
Leona Haag

24 **Perguntas e Respostas: A Doutrina do Sacerdócio de Melquisedeque**
James A. Carver

27 **Hino: Eu Sei que Vive o Redentor**

ESPECIALMENTE PARA A JUVENTUDE:

28 **Voltar para Casa**
Heinz Rahde

32 **Voar como um Pássaro**
Terry J. Moyer

36 **O Melhor da Safra**
Joan C. Hansen

38 **Não Meu Pai**
Richard W. Klomp

SEÇÃO INFANTIL:

43 **Música do Vento**
Deanne Packer Kelly

46 **Josias: Um Rei de Oito Anos de Idade**
História das Escrituras

48 **Ellen Pucell Unthank**
Sharon Bigelow

50 **Boneca de Papel das Crianças Pioneiras**
Marian Dautel

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Alegria EM CRISTO

Presidente Ezra Taft Benson

Sem Cristo não pode haver a plenitude da felicidade.

Em nosso estado pré-mortal, rejubilamo-nos de alegria quando o plano de salvação nos foi revelado. (Ver Jó 38:7.)

Foi lá que nosso irmão mais velho, Jesus, o primogênito dentre os filhos espirituais de nosso Pai, se ofereceu como voluntário para nos redimir de nossos pecados. Ele seria nosso Salvador quando viesse à terra, o Cordeiro "imolado desde a fundação do mundo". (Moisés 7:47.)

Graças sejam dadas ao Deus Filho por se haver oferecido. E graças sejam dadas ao Deus Pai por tê-lo enviado. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito." (João 3:16.)

Jesus era um Deus antes de vir para a terra. Nosso Pai Celestial deu-lhe um nome acima de todos os outros: o Cristo. Temos um livro dentre as escrituras, cuja missão maior é convencer o mundo de que Jesus é o Cristo. É o Livro de Mórmon. Ele é um outro testamento de Jesus Cristo e "o livro mais correto da terra". (Introdução do Livro de Mórmon.)

Em suas páginas, lemos que "não se dará nenhum outro nome e não haverá nenhum outro caminho ou meio pelo qual os filhos dos homens possam obter salvação, que não seja em nome de Cristo, e através de Cristo, o Senhor Onipotente". (Mosiah 3:17.)

No que diz respeito ao homem, devemos construir nossos alicerces "sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo". (Helamã 5:12.)

O primeiro e grande mandamento é amá-lo e amar a seu Pai. (Ver Mateus 22:37-38.)

Jesus Cristo é "o Pai dos céus e da terra, o Criador de todas as coisas, desde o princípio". (Mosiah 3:8.)

"Portanto", declara Jacó no Livro de Mórmon, "se pôde Deus falar e o mundo existir, e o homem ser criado, por que, pois, não há de poder mandar na terra, ou na obra de suas mãos sobre a superfície da terra, de acordo com a sua vontade e prazer?" (Jacó 4:9.) Deus, o Criador, comanda suas criações

"Jesus Cristo Visita as Américas", John Scott.

mesmo neste exato momento.

Todos os profetas, desde os dias de Adão, testificaram do ministério divino do Messias na mortalidade. Moisés profetizou a respeito da vinda do Messias. (Ver Mosiah 13:33-35.)

"Conhecíamos o Cristo e tínhamos esperança em sua glória muitos séculos antes de sua vinda", diz Jacó no Livro de Mórmon. (Jacó 4:4.)

Nesse mesmo livro de escrituras está registrada a manifestação do Cristo em seu corpo espiritual ao irmão de Jared. "Este corpo que agora vês", disse o Senhor, "é o corpo do meu espírito; e o homem foi por mim criado segundo o corpo do meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne". (Éter 3:16.) E assim o fez.

Ele foi o Filho Unigênito de nosso Pai Celestial na carne: o único filho cujo corpo mortal foi gerado por nosso Pai Celestial. Sua mãe mortal, Maria, foi chamada de virgem, tanto antes como depois de ter dado à luz. (Ver 1 Néfi 11:20.)

E assim o Deus pré-mortal; o Deus de toda a terra, o Jeová do Velho Testamento, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Legislador, o Deus de Israel, o Messias prometido, nasceu em Belém.

O Rei Benjamim profetizou a vinda de Cristo e seu ministério desta maneira:

"Porque o tempo se aproxima, e não está muito longe, em que, com poder, o Senhor Onipotente, que reina, que era e que é, de toda a eternidade a toda a eternidade, descerá dos céus entre os filhos dos homens e habitará em um tabernáculo de barro; e irá entre os homens fazendo grandes milagres, tais como curar os enfermos, levantar os mortos, fazer andar os paralíticos, dar vista aos cegos, fazer os surdos ouvir e curar toda espécie de enfermidades.

E expulsará os demônios ou espíritos maus que habitam nos corações dos filhos dos homens.

E eis que sofrerá tentações, dores corporais, fome, sede, e cansaço maiores do que os que o homem

No Getsêmani e no Calvário, Cristo realizou a expiação infinita e eterna. Foi o maior ato isolado de amor registrado na história. Depois, seguiu-se sua morte e ressurreição.

"Cristo no Getsêmani", Harry Anderson.

pode suportar, sem morrer; pois que correrá sangue de cada um de seus poros, tão grande será sua angústia pelas maldades e abominações de seu povo.

E se chamará Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Pai dos céus e da terra, o Criador de todas as coisas, desde o princípio; e sua mãe se chamará Maria." (Mosiah 3:5-8.)

O Senhor testificou: "Vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou. E o Pai me enviou para que eu fosse levantado sobre a cruz." (3 Néfi 27:13-14.) E isso aconteceu.

No Getsêmani e no Calvário, ele realizou a infinita e eterna Expiação. Foi o maior ato de amor isolado registrado na história. Depois, seguiu-se sua morte e ressurreição.

Assim ele se tornou nosso Redentor: redimindo a todos nós da morte física, e redimindo da morte espiritual todos aqueles que obedecerem às leis e ordenanças do evangelho.

Sua ressurreição está comprovada na Bíblia. O Livro de Mórmon registra a aparição do Senhor ressuscitado no continente americano. A esse povo ele disse:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas...

Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo."

Uma a uma, aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas "(tocaram) com as mãos o seu lado e (apalparam) as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés".

E eles "(clamaram) a uma só voz, dizendo: Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E lançando-se aos pés de Jesus, adoraram-no". (3 Néfi 11:10, 14-17.)

Hoje, na igreja restaurada de Cristo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ele se está revelando e mostrando sua vontade, desde o primeiro profeta da Restauração, Joseph Smith, até o presente.

"E agora", disse o Profeta Joseph Smith, "depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este testemunho é o último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai." (D&C 76:22-23.)

E agora, o que devemos fazer? Bem, devemos fazer o mesmo que os Reis Magos em outros tempos. Eles buscaram a Cristo e o encontraram. E nós temos que fazer o mesmo. Os que são sábios ainda o buscam hoje.

"Eu vos exorto", admoestou Morôni, "a que busqueis esse Jesus de quem os profetas e apóstolos têm escrito". (Éter 12:41.) E Deus proveu os meios, as escrituras sagradas, particularmente o Livro de Mórmon, para que todos os que buscam possam saber que Jesus é o Cristo.

Em seu livro Lectures on Faith, o Profeta Joseph Smith citou uma lista de seis atributos de Deus que os homens precisam entender para terem fé nele. O Livro de Mórmon presta testemunho constante de que Cristo possui todos esses atributos.

Primeiro, Deus é o Criador e preservador de todas as coisas. O Rei Benjamim disse: "Ele criou todas as coisas,... ele tem toda a sabedoria e poder." (Mosiah 4:9.)

Segundo, Deus distingue-se pela excelência de seu caráter, sua misericórdia, longanimidade e bondade. Alma testifica que Cristo é "cheio de graça, eqüidade e verdade; cheio de paciência, misericórdia, e longanimidade". (Alma 9:26.)

Terceiro, Deus é imutável. Mórmon revelou que "Deus não é... um ser variável; ao contrário, é imutável de eternidade a eternidade". (Morôni 8:18.)

Quarto, Deus não mente. O irmão de Jared declarou: "És Deus de verdade e não podes mentir." (Éter 3:12.)

Quinto, Deus não faz acepção de pessoas. Mórmon testifica que "Deus não é um Deus parcial". (Morôni 8:18.)

Sexto, Deus é um Deus de amor. A respeito desse atributo divino, Néfi escreveu que o Senhor "nada faz que não seja em benefício do mundo; porque ama o mundo a ponto de entregar sua própria vida". (2 Néfi 26:24.)

O Livro de Mórmon foi designado pela Deidade a trazer os homens a Cristo e a sua igreja. Tanto nós como nossos amigos não-membros podemos saber que o Livro de Mórmon é verdadeiro, submetendo-o à prova divina proposta por Morôni. (Ver Morôni 10:3-5.)

Que grande dom seria receber um conhecimento maior a respeito do Senhor! Que grande dom seria compartilhar esse conhecimento com outras pessoas!

Com essa finalidade, permiti-me que vos admoeste a não apenas ler o relato bíblico da ressurreição de Cristo, mas a ler e compartilhar com um amigo não-membro o relato do Livro de Mórmon a respeito de quando Cristo apareceu aos habitantes das Américas depois de sua ressurreição.

Dai ou emprestai-lhes um exemplar do Livro de Mórmon, até mesmo vosso próprio, se necessário. Isto pode abençoá-los eternamente.

Concluindo, como diz o Livro de Mórmon, precisamos "acreditar em Cristo e não o negar". (2 Néfi 25:28.) Precisamos confiar em Cristo e não no braço da carne. (Ver 2 Néfi 4:34.) Precisamos "(vir) a Cristo, (ser) perfeitos nele". (Morôni 10:32.) Precisamos vir "com um coração quebrantado e um espírito contrito" (3 Néfi 12:19), tendo fome e sede de justiça (ver 3 Néfi 12:6). Precisamos vir "(banquetear-nos) com a palavra de Cristo" (2 Néfi 31:20), à medida que a recebemos por meio das escrituras, de seu ungido e de seu Santo Espírito.

Resumindo, precisamos seguir "o exemplo do Filho do Deus vivente" (2 Néfi 31:16) e ser a "classe de homem" que ele é (ver 3 Néfi 27:27).

Com Morôni, testifico que "os eternos desígnios do Senhor hão de seguir adiante, até que todas as suas promessas sejam cumpridas" (Mórmon 8:22).

Num futuro bem próximo, Cristo virá novamente. Ele virá em poder e majestade, como Rei dos reis e Senhor dos senhores. E por fim, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Cristo.

Mas eu testifico agora que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith é seu profeta, que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus e que sua igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é verdadeira, e que Cristo é o cabeça desta Igreja.

E faço-o em nome de Jesus Cristo, amém. ■

Adaptado pelo Presidente Benson da mensagem apresentada por ele a 1.º de dezembro de 1985, num devocional no Tabernáculo de Lago Salgado, seu primeiro discurso como recém-ordenado profeta do Senhor.

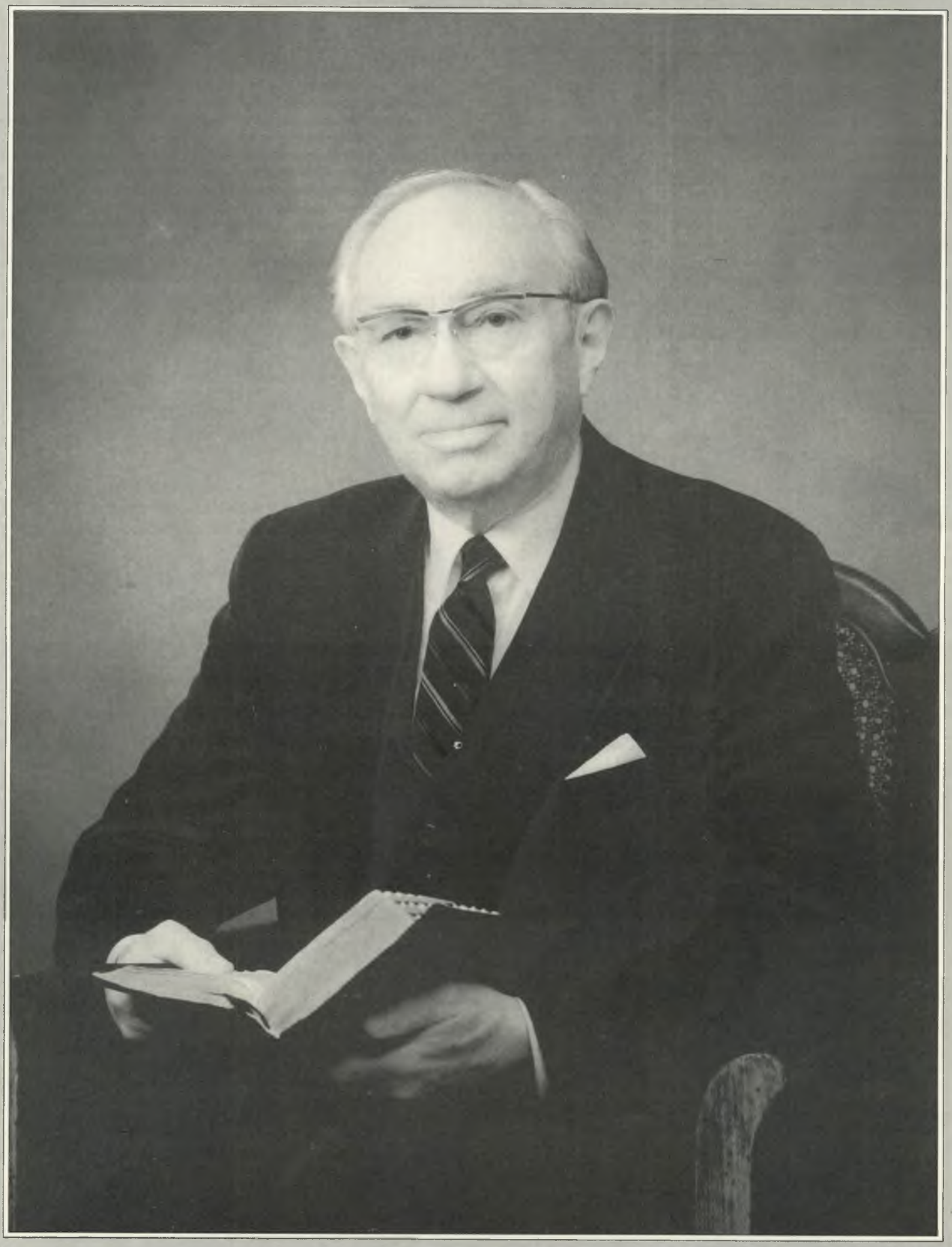
Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Nosso irmão mais velho, Jesus, o filho primogênito de nosso Pai em espírito, foi preordenado para ser nosso salvador antes que o mundo fosse criado.
2. Com a orientação do Pai, Jesus criou a terra e depois veio a este mundo na qualidade de Unigênito de nosso Pai Celestial na carne, para fazer a vontade do Pai e "elevado na cruz".
3. Tanto a Bíblia como o Livro de Mórmon testificam do nascimento e ressurreição do Senhor, e de seu sacrifício expiatório.
4. O Livro de Mórmon, restaurado por intermédio do Profeta Joseph Smith, foi designado pela Deidade a trazer os homens a Cristo e à sua igreja nos últimos dias.
5. Os membros são incentivados a compartilhar com seus amigos não-membros o relato do Livro de Mórmon a respeito das manifestações pessoais de Cristo a seus seguidores nas Américas.

Auxílios para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito do papel do salvador em nossa vida.
2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita?



PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY: O PRIMEIRO CONSELHEIRO

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

Quando Gordon B. Hinckley falou pela primeira vez no púlpito do Tabernáculo de Lago Salgado, na qualidade de autoridade geral, disse:

"Sei que não trilhei sozinho (o caminho) e sou muito grato aos numerosos homens e mulheres, aos grandes e bons homens presentes aqui hoje, e às ...pessoas maravilhosas de cujos nomes não me lembro, que me ajudaram." (General Conference, abril de 1958, p. 123.)

Seria ilusório apresentar um esboço biográfico de Gordon B. Hinckley e focalizá-lo primeiro. Para torná-lo representantivo do que verdadeiramente sente, devemos começar pela influência terna, orientadora, paciente, e perseverante de sua esposa: Marjorie Pay Hinckley. Foi a sua influência mais do que qualquer outra coisa que levou o Irmão Hinckley ao seu chamado.

Para entender sua influência, precisamos retroceder aos dias de provações e dificuldades dos pioneiros, até suas avós.

Sua bisavó paterna, Mary Gobel, tinha treze anos quando veio da Inglaterra para Utah, com sua família. Seu pai dirigia um carroção que acompanhou uma companhia pioneira de carrinhos de mão.

A mãe, a irmã e o irmão de Mary, morreram todos naquela viagem terrível. Seus pés ficaram congelados, e posteriormente os dedos foram amputados. A pequena Mary chegou ao vale no mesmo carroção que o corpo de sua mãe.

A avó materna da Irmã Hinckley, Martha Elizabeth Evans, casou-se com George Paxman, o filho fiel de um presidente de estaca. Tendo ele conhecimentos de carpintaria, mudou-se para Manti, Utah, onde trabalhou no templo. Eles moravam numa casa com telhado de céspede e eram companheiros felizes, selados nos convênios sagrados do evangelho.

Dois meses antes do nascimento de sua segunda filha (a mãe da Irmã Hinckley), George Paxman se acidentou, enquanto colocava as portas maciças do lado direito do templo. Talvez uma das portas tenha escorregado um pouco e ele fez força para mantê-la no lugar.

Uma semana depois, faleceu, em conseqüencia de ferimentos internos. Martha criou as filhas, costurando para sustentá-las. Foi viúva por sessenta e dois anos, sempre amável, nunca perdendo a fé. A filha de sua filha viria a tornar-se esposa de um apóstolo, conselheiro do presidente da Igreja.

O avô do Presidente Hinckley, Ira Nathanial Hinckley, perdeu os pais e foi enviado de Michigan a Springfield, Illinois, para morar com seus avós. Na adolescência, foi para Nauvoo, Illinois, e encontrou o Profeta Joseph Smith.

Ele foi para o Oeste com os pioneiros. Durante a Guerra Civil, apresentou-se como voluntário no exército da União, ficando de guarda na linha telegráfica transcontinental. Mais tarde, foi enviado por Brigham Young para Cove Creek, Utah, onde construiu um forte que existe ainda hoje.

No caminho para o Oeste, Ira Hinckley ficou para trás uma temporada, para arar os campos e plantar grãos que não colheria. A colheita destinava-se àqueles que viessem depois. Os antepassados do Irmão e da Irmã Hinckley plantaram sementes de fé para aqueles que o seguiram.

Esse espírito foi transmitido como um legado ao Irmão Hinckley. Ele sente que não é o dono desse legado, mas apenas seu depositário para protegê-lo e aumentá-lo para aqueles que vierem nas gerações futuras. Os santos dignos agem da mesma forma, obtendo bênçãos para seus filhos e para os filhos de seus filhos. Esse "remanescente de fé", como ele o chama, provém da influência de pessoas boas, e se

Cortesia de The Deseret News

No alto, à esquerda: Gordon B. Hinckley, quando era produtor e secretário do Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária da Igreja. No alto, à direita: Fotografia da formatura na Universidade de Utah, primavera de 1932. Centro, à esqueda: Desde sua missão na Europa, no início da década de 30, Gordon B. Hinckley vem sendo uma influência orientadora nos esforços missionários mundiais da Igreja. Centro, à direita: Conhecido por seu firme testemunho da Restauração, Gordon B. Hinckley dirige a palavra a funcionários e missionários na Apresentação Teatral no Monte Cumorah. Embaixo, à esquerda: O Presidente David O. McKay apresenta o mais novo assistente dos Doze durante a Conferência Geral, a 6 de abril de 1958.

torna evidente tanto no Presidente como na Irmã Hinckley.

O pai do Irmão Hinckley, Bryant S. Hinckley, tinha um mês de vida quando Cove Fort foi construído. A família mudou-se mais tarde para Fillmore, Utah, onde Ira N. Hinckley foi chamado para presidir a estaca. Bryant S. Hinckley viria a seguir os passos de seu pai e a presidir a Estaca Liberty, na cidade do Lago Salgado, então a maior estaca da Igreja, com aproximadamente mil e quinhentos membros. Gordon B. Hinckley seria a terceira geração a presidir uma estaca de Sião.

Bryant S. Hinckley recebeu três dons: intelecto brilhante, fé inquebrantável, e — coisa rara naquela época — boa formação acadêmica.

Casou-se e vieram os filhos. Então sua esposa morreu, deixando-o com filhos pequenos para criar. Nessa época, ele era presidente da Latter-day Saint Business College, na qual a simpática Ada Bitner passou a lecionar inglês e taquigrafia. Ela havia estudado no Leste para aprender um novo tipo de taquigrafia, e tornou-se a primeira naquela área a ensinar esse método. LeGrand Richards, um futuro apóstolo, foi um de seus alunos. Um outro professor da escola era o jovem J. Reuben Clark Jr., que seria um dia conselheiro de presidentes da Igreja.

Bryant e Ada casaram-se, e a família aumentou. Não se pode dizer que era uma "segunda" família, ou uma "outra" família, pois, como diz o Presidente Hinckley, "éramos todos os mesmos, uma única família".

Quando Gordon foi ordenado diácono, podendo assim assistir à reunião do sacerdócio da estaca, seu pai levou o seu ainda um tanto relutante filho para sua primeira reunião e, na qualidade de membro da presidência da estaca, dirigiu-se ao púlpito. Gordon ficou na última fileira.

A congregação de homens cantou um hino de abertura "Hoje ao Profeta Louvemos". (*Hinos*, nº 108.)

Hoje ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus...

Então aconteceu! "Senti uma certeza tão forte!" diria mais tarde o Presidente Hinckley. O espírito de confirmação inundou seu coração, o espírito de testemunho afirmou àquele jovem diácono que Joseph Smith fora um profeta de Deus. Ele o sabia! Ele o sabia! Sabia-o com tanta certeza quanto sabia que vivia! A partir daquele momento, ele estava equipado com aquele "remanescente de fé".

Mais tarde, quando a fé desse brilhante aluno universitário era desafiada por dúvidas (sempre parte da educação dos jovens membros da Igreja), a lembrança daquele momento o apoiava. Ainda hoje, mais de sessenta anos depois, ele não consegue falar dessa experiência sem colocar o dedo por baixo dos óculos, para impedir que uma lágrima lhe role pelas faces.

Eis uma lição para os jovens da Igreja. Se o Irmão Hinckley saiu da universidade com a fé ligeiramente abalada, ele a restabeleceu aceitando o chamado para cumprir missão na Inglaterra. Ele fizera planos de freqüentar a Universidade de Columbia, Nova York, para obter o grau superior em jornalismo, pois tinha talento com as palavras. Mas isso tinha que esperar.

Foi durante a Grande Depressão (1929-1940), e devido à taxa de câmbio desfavorável na época, a Inglaterra era a missão mais cara do mundo. Ele começou sua obra missionária em Preston, onde os primeiros apóstolos haviam iniciado a obra. Serviu como assistente do Élder Joseph F. Merrill, membro do conselho dos Doze e presidente da Missão Européia. G. Homer Durham, mais tarde presidente do Primeiro Quorum dos Setenta, foi um dos companheiros do Élder Hinckley.

Ele voltou com a designação do presidente de missão de apresentar à Primeira Presidência um relatório a respeito das condições da missão. Ele deveria passar apenas alguns minutos com o Presidente Heber J. Grant e seus companheiros, mas a reunião durou muito mais. Como ficou claro nos meses seguintes, o relatório para a Primeira Presidência foi também uma entrevista de emprego.

Foi organizado um novo comitê dos Doze para dotar a obra missionária com a força dos mais recentes meios de comunicação. Gordon deveria servir como produtor e secretário do Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária da Igreja. Era, na verdade, o início do escritório de comunicações públicas da Igreja. Seus planos de ir para a universidade seriam postos de lado. Sua carreira como professor do seminário, no qual estava lecionando em caráter temporário desde que voltara da missão, seria substituída. O comitê era constituído por seis membros dos Doze, tendo o Élder Stephen L. Richards como encarregado.

Havia um escritório vazio disponível, mas sem nenhum mobiliário na ocasião. Sendo engenhoso, procurou um ex-companheiro missionário, cujo pai vendia móveis para escritório e saiu de lá com uma mesa desconjuntada do refugo. Uma perna era mais curta; isto poderia ser consertado com um pedaço de madeira. O tampo estava empenado e um pouco rachado; isso poderia ser ignorado. Ele trouxe sua máquina de escrever de casa e começou uma carreira que o levaria à ordenação como apóstolo e à Primeira Presidência da Igreja.

Houve outras lições difíceis em sua juventude. Em 1918, quando Gordon tinha oito anos, chegou um telegrama trazendo a trágica notícia da morte de seu irmão mais velho, Stanford, que estava servindo na França com as Forças Aliadas.

Isso afetou o jovem Gordon, e também o Gordon *adulto*. Anos mais tarde, durante as guerras da

Cortesia de The Deseret News

Cortesia de The Deseret News

No alto; à esquerda: O Élder Gordon B. Hinckley em seu escritório. No alto, à direita: Com a esposa, Magorie Pay Hinckley, em abril de 1970. Centro: O Presidente Joseph Fielding Smith examina o livro do Élder Hinckley sobre a história da Igreja, que se tornou uma referência-padrão para os missionários. Embaixo, à esquerda: Durante anos, o Élder Hinckley supervisionou o crescimento da Igreja no Extremo Oriente. Aqui ele cumprimenta pessoas na República Popular da China.

Coréia e do Vietnam, ele viria a estar muito ligado aos militares e à obra missionária. A obra missionária era a coisa que ele mais amava.

Ele conseguiu um acordo com os oficiais do Serviço Militar dos Estados Unidos, que permitia o melhor equilíbrio possível naquelas emergências entre o serviço missionário e militar. Tudo foi feito dentro da lei.

Ele visitou militares SUD, homens e mulheres, nos acampamentos e frentes em todo o mundo. Ensinou-lhes que um militar que vive o evangelho é um missionário. Numa sala fria na Coréia, e ao longo da frente de batalha no Vietnam, seu coração foi tocado, e sua fé fortalecida, ouvindo os testemunhos daqueles missionários fardados.

Quando era menino, Thomas E. Calister, seu patriarca, deu ao jovem Gordon uma bênção. Os patriarcas são profetas.

"Atingirás a estatura máxima do homem e tornar-te-ás um líder poderoso e valente no meio de Israel...

O Santo Sacerdócio será teu para que o desfrutes, e ministrarás ao povo de Israel como apenas podem fazê-lo os que são chamados de Deus. Serás sempre um mensageiro da paz; as nações da terra ouvirão tua voz e terão conhecimento da verdade por meio do maravilhoso testemunho que hás de prestar."

Ao voltar de sua missão na Inglaterra, presumiu que a promessa de sua bênção patriarcal estava cumprida, pois havia prestado testemunho da verdade nas quatro grandes capitais da época: Londres, Berlim, Paris e Washington D.C.

Cumprimento mais amplo da promessa, porém, o aguardava. Foi chamado como assistente dos Doze em 1958, e como apóstolo em 1961. Em 1961, foi-lhe dada a responsabilidade pela Igreja na Ásia. Em 1962, acompanhou o Presidente Henry D. Moyle a todas as missões nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Europa. O Presidente Moyle exerceu grande influência sobre ele, assim como o Presidente J. Reubem Clark Jr.

Não é nenhum exagero dizer-se que seria mais fácil citar os lugares nos quais ele não pregou do que citar os países para onde seu ministério o levou. Ele prestou testemunho em todos os países do Hemisfério Ocidental, com exceção das Guianas, na América do Sul; virtualmente em todos os países da Europa, incluindo Rússia, Hungria e Iugoslávia; no Oriente, incluindo as Filipinas, Índia, Indonésia e Malásia; no Oriente Próximo; na África; e nas ilhas do Pacífico. Os patriarcas realmente têm uma visão profética, e o Irmão Hinckley, obediente aos seus chamados, vive para ver o cumprimento de sua bênção.

Talvez seja essencial a quem deva servir com humildade e distinção no reino de Deus receber, como bênção, algumas características ou atributos que o façam considerar-se inapto.

Esse "dom" não vem à tona com freqüência. Em geral, está profundamente oculto dentro de nós, e se percebe em muitas coisas pequenas que um indivíduo aprendeu na lição de Moisés, quando, após ter uma grande visão, disse: "Agora, por isto sei que o homem é nada, coisa que nunca havia imaginado." (Moisés 1:10.)

De alguma forma faz parte do caráter de Gordon B. Hinckley um sentimento semelhante a esse. Talvez tenha como ponto central o fato de haver admitido que, enquanto garoto, era tímido. Sem esse "dom", as altas posições na sociedade o teriam tornado insensível aos sentimentos e necessidades de homens e mulheres comuns, à viúva e sua oferta, aos pobres. Mas ele tem consciência de suas necessidades; está constantemente pensando neles. "Tenho sentimentos em relação aos membros da Igreja, porque sou um deles", disse ele.

O Irmão Hinckley serviu por vários anos no que foi chamado informalmente de "Comitê do Sofrimento". Nele eram considerados os casos daqueles que haviam cometido transgressões graves. Ele demonstrava amor solidário àqueles que sofriam de culpa, e particularmente aos inocentes afetados por ela.

Essa consciência em relação aos membros da Igreja se torna evidente quando ele resmunga (essa é a palavra certa) em relação a coisas como uso indevido da autoridade, executivos dominadores, classe acadêmica privilegiada, conduta exorbitante na vida em família, ou pretensões mundanas.

Alguns vêem o respeito votado aos líderes da Igreja e supõem que a vida é só honras e satisfação. O Presidente Stephen L. Richards, um mestre e amigo que exerceu grande influência sobre o Irmão Hinckley, falou numa reunião geral do sacerdócio a respeito de lidar com os difíceis problemas que acontecem na vida de alguns membros. "Irmãos, isso é quase suficiente para tirar a alegria de nosso chamado". Aqueles que conhecem o Presidente Hinckley sabe o quanto esses assuntos o preocupam. É nesses momentos que seu cativante senso de humor vem ajudá-lo.

De maneira bastante interessante, uma perspectiva íntima de seu próprio valor o qualifica também para enfrentar os grandes da terra. Estivemos com ele quando se reuniu com presidentes, embaixadores de nações, generais, almirantes e outras pessoas de altas posições.

Minutos após a apresentação, o Irmão Hinckley faz alguma observação bem-humorada que faz todos sorrirem, e então todos ficam à vontade. Ele mantém sua dignidade quando o faz e exatamente no momento certo lê passagens do Livro de Mórmon para o presidente dos Estados Unidos.

Nenhum homem nesta geração viajou tantos quilômetros, para tantos lugares, com um propósito tão singular: pregar o evangelho,

Cortesia de The Deseret News

No alto, à esquerda: O Presidente e a Irmã Hinckley partilharam toda uma vida de serviço à Igreja. No alto, à direita: O Presidente Hinckley participou da dedicação ou rededicação de trinta e um templos. Aqui, ele e o Élder W. Grant Bangerter discutem a maquete de um novo templo. Embaixo, à esquerda: Numa cena familiar desde 1981, o Presidente Hinckley dirige uma sessão da conferência geral. Embaixo, à direita: Um momento de meditação em seu lugar no Tabernáculo da Praça do Templo.

ministrar aos santos, tratar da redenção dos mortos.

O Élder Hinckley de alguma forma parece estar sempre por perto quando santos que sofrem precisam de conforto e consolo. Ele estava em Tonga, quando um barco cheio de santos afundou tragicamente. Correu para aquela determinada ilha a fim de dar conforto. Encontrava-se na América do Sul, quando um terremoto devastador atingiu o Peru. Novamente se ouviu sua voz consoladora e solidária e foi providenciada ajuda. Estava na Coréia, quando balas silvaram pelo hotel em que estava hospedado.

O Presidente Hinckley foi chamado pelo Presidente David O. McKay, para descobrir um meio de acelerar a obra de redenção dos mortos. Os filmes que agora nos orientam durante as sessões de endowment no templo foram o resultado. E, começando com a dedicação do Templo da Suíça, onde foi iniciado esse sistema de instrução, ele participou da dedicação ou rededicação de trinta e um templos. Há bem pouco tempo, quando tanto o Presidente Kimball como o Presidente Romney estavam impossibilitados de viajar, o Irmão Hinckley recebeu a designação de cumprir o sagrado dever de presidir a dedicação de dezoito templos e proferir as orações dedicatórias.

Ele fala com ternura, quando se aborda com ele o significado dos sagrados convênios do templo em sua própria família. Ele e a Irmã Hinckley tiveram cinco filhos: Kathleen H. Barnes, Richard Gordon, Virginia H. Pierce, Clark Bryant e Jane H. Dudley. Seus filhos e respectivos cônjuges não encaram sua preeminência como um desafio para sua própria individualidade. Pelo contrário, consideram-na um ministério sagrado ao qual dão apoio vital. Eles a consideram uma bênção. "O mérito disso", insiste ele, "deve ser creditado à mãe deles".

O que nos impressiona, ao examinarmos alguns pormenores da vida de Gordon B. Hinckley é que houve algum plano organizado de preparação para a responsabilidade que agora tem.

No decorrer de meio século, ele conheceu, amou e, de uma ou de outra forma trabalhou com sete presidentes da Igreja: Heber J. Grant, George Albert Smith, David O. McKay, Joseph Fielding Smith, Harold B. Lee, Spencer W. Kimball e, agora, Ezra Taft Benson.

Na igreja, serviu como professor e líder em sua ala e estaca, como membro da Junta Geral da Escola Dominical e como supervisor das auxiliares.

Em muitas ocasiões, foi encarregado ou encarregado interino de importantes comitês das Autoridades Gerais. Entre eles o Comitê Geral do Sacerdócio, Comitê Missionário, Comitê do Templo, Comitê de Correlação da Igreja, Comitê de Pessoal, Comitê de Orçamento e Consignação de Verbas, a Junta de Educação e Junta de Curadores da Universidade Brigham Young (e o Comitê Executivo de ambas), o Comitê de Comunicações Públicas, Comitê de Assuntos Especiais e Comitê dos Sistemas de Informação e Comunicação.

Nota-se que esses chamados abrangem todos os negócios da Igreja, tanto no campo temporal como no espiritual.

O jovem Gordon Hinckley fez cursos de ciências econômicas na universidade. Isto lhe deu alguns fundamentos nos quais alicerçou sua vida posteriormente. Homens de negócios chegaram a reconhecer sua aguda percepção, sendo convidado para tornar-se membro de juntas diretoras. Ele aconselhou homens de negócios em importantes decisões financeiras e políticas.

Podemo-nos perguntar, esse serviço é compatível com o chamado ao ministério? Na Igreja não existe clero profissional; os irmãos são chamados de todos os campos profissionais. Mas seus deveres incluem a administração dos recursos sagrados da Igreja, os dízimos e ofertas.

E vemos o propósito da instrução do Senhor a seus apóstolos para que não se afastem do mundo, mas permaneçam *no* mundo, sem ser *do* mundo. (Ver João 17:15.)

Os assuntos referentes a negócios da Igreja se estendem por todo o mundo. Esses negócios estão relacionados à administração dos fundos para construir capelas e templos e ao financiamento de missões e centenas de outras coisas essenciais à missão da Igreja. Embora se possa contratar contadores habilitados para cuidar desses negócios, o Comitê de Disposição dos Dízimos — a Primeira Presidência, o Quorum dos Doze e o Bispado Presidente — tem que assumir total responsabilidade. A experiência valiosa do Irmão Hinckley tem-lhe sido útil em seu trabalho como curador dos fundos sagrados da Igreja.

Esses contatos comerciais e cívicos têm mantido o Irmão Hinckley informado a respeito dos assuntos dos homens. Ele adquiriu um conhecimento bastante vasto de assuntos públicos e políticos. Isso também tem sido de grande valor para a Igreja. Mais de uma vez, quando havia envolvimento de padrões morais e os interesses da Igreja estavam ameaçados, ele foi chamado para ajudar a encontrar uma saída em dias difíceis.

Mas não são os padrões do mundo que orientam o Presidente Hinckley. Ele tem sempre à mão as escrituras bem marcadas e que denotam uso constante.

E, se acontecer de você bater com delicadeza à porta de seu escritório de manhã bem cedo, procurando conselho a respeito de um problema, talvez note uma ligeira demora; apenas o tempo suficiente para que ele se levante, pois estava ajoelhado, e venha até a porta. Quando se sabe disso, entende-se por que o Senhor chamou Gordon Bitner Hinckley como apóstolo, como conselheiro de profetas e presidentes. ■

As fotos são cortesia de Busath Photography.

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON

Sempre "Empenhado no Serviço do Senhor"

Jeffrey R. Holland
Presidente da Universidade Brigham Young

Tom Monson, aos vinte e três anos, bispo há relativamente pouco tempo da Ala Seis-Sete, da Estaca Valley View, Cidade do Lago Salgado, estava incomumente inquieto, à medida que prosseguia a reunião de liderança do sacerdócio da estaca. Tinha a nítida impressão de que deveria deixar a reunião imediatamente e rumar para o Hospital dos Veteranos, no alto da cidade. Antes de sair de casa naquela noite, recebera um telefonema, informando-o de que uma pessoa idosa, membro de sua ala, estava doente e fora internada no hospital, para tratamento médico. A pessoa que telefonara perguntava se o bispo teria tempo para passar pelo hospital a qualquer hora e dar-lhe uma bênção. O jovem líder ocupado explicou que estava saindo para uma reunião da estaca, mas que, certamente, teria prazer em passar pelo hospital, logo que a reunião terminasse.

Agora o influxo era mais forte que nunca: "Saia da reunião e vá ao hospital imediatamente." Mas o próprio presidente da estaca estava falando no púlpito! Seria muito descortês levantar-se em meio à mensagem do oficial presidente, abrir caminho em toda uma fileira de irmãos, e depois sair da capela. Com dificuldade, esperou os momentos finais da mensagem do presidente da estaca, e depois correu em direção à porta, antes mesmo de proferida a última oração.

Correndo toda a extensão do corredor, no quarto andar do hospital, o jovem bispo notou uma atividade diferente fora do quarto indicado. Uma enfermeira o parou e disse: — O senhor é o Bispo Monson?

— Sim, — foi a resposta ansiosa.

— Sinto muito, — disse ela. — O paciente estava chamando seu nome pouco antes de morrer.

Lutando contra as lágrimas, Thomas S. Monson virou-se e saiu de volta à noite, prometendo naquele momento e lugar que nunca mais deixaria de atender à inspiração do Senhor. Reconheceria os influxos do Espírito quando viessem, e os seguiria onde quer que o levassem, sempre "empenhado no serviço do Senhor".

Não se pode entender o Presidente Thomas S. Monson, recém-chamado segundo conselheiro na Primeira Presidência da Igreja, sem entender a repetição desses influxos em sua vida e a lealdade absoluta com que tem mantido a promessa de obedecer-lhes. Na verdade, a vida dele se parece com um manuscrito sagrado no qual o Espírito Santo escreveu, e continua escrevendo, uma marcante mensagem espiritual após a outra. Nesse aspecto e em muitos outros, ele é bastante semelhante a Néfi: "Muito jovem", chamado como bispo aos vinte e dois anos, conselheiro na presidência da estaca aos vinte e sete, presidente de missão aos trinta e um, apóstolo aos trinta e seis (o mais jovem em cinqüenta e três anos), e conselheiro na Primeira Presidência aos cinqüenta e oito (o mais jovem neste século). É também de "grande estatura", um homem robusto, alegre, ativo, que desde a juventude trabalhou ao lado do pai na tipografia.

Mas o Presidente Monson é mais semelhante ainda ao jovem Néfi em humildade e fé. Em tudo o que realizou com tanto sucesso, ele tem sido firme no compromisso de "ir e cumprir as ordens do Senhor" (1 Néfi 3:7), não importando os obstáculos que encontra no caminho. Mais ainda, fê-lo como o próprio Néfi o fez: "conduzido pelo Espírito, não sabendo de antemão o que deveria fazer". (1 Néfi 4:6.) Não é de admirar que homens como eles sejam recrutados para "estabelecer a minha Sião..., pois terão o dom e o poder do Espírito Santo". (1 Néfi 13:37.) À luz dessa promessa, com certeza nenhum patriarca de estaca foi mais profético do que o Irmão Frank B. Woodbury, naquele dia de março de 1944, quando, colocando as mãos sobre a cabeça de Tom Monson, que tinha dezesseis anos, disse:

"O Espírito Santo te foi conferido para ser tua fonte de inspiração e teu

À esquerda, no alto: O Presidente Monson com sua esposa, Frances Johnson Monson, "mulher de fé serena e profundamente poderosa". À esquerda, embaixo: Tom Monson, o jovem descrito por seu bispo como "do tipo que fazia o que a maioria dos rapazes não faz". À direita, no alto: O jovem Thomas Monson em seu triciclo ao lado da casa da família, na Cidade do Lago Salgado. À direita, embaixo: Menos de um ano antes do fim da Segunda Guerra Mundial, Tom Monson, então com dezessete anos, juntou-se à reserva naval.

guia, para te dirigir em teus labores, e trazer-te à mente as coisas que já passaram e mostrar-te as coisas que virão...

Serás na verdade um líder entre teus companheiros... Terás o privilégio de ir pelo mundo e proclamar a mensagem do evangelho... e terás o espírito de discernimento...

"Busca o Senhor em humildade para te dirigir e orientar, para que possas saber o rumo certo a seguir... nos altos e sagrados chamados para os quais serás chamado..."

Apenas podemos imaginar o que o patriarca deve ter sentido, após dar essa bênção extraordinária a esse rapaz aparentemente igual aos outros. Talvez o Irmão Woodbury soubesse até mesmo naquela ocasião quão "altos e sagrados" esses futuros chamados seriam.

Thomas Spencer Monson nasceu numa manhã de domingo, 21 de agosto de 1927, na Cidade do Lago Salgado, Utah. Seus pais, G. Spencer e Gladys Condie Monson, eram de ascendência sueco-inglesa e escocesa respectivamente; pais humildes, trabalhadores, amorosos, que já haviam sido abençoados com uma filha, Marjorie, e posteriormente viriam a ser abençoados com Robert, Marilyn, Scott e Barbara.

A família, incluindo os parentes mais distantes, teve um papel incomumente importante na vida de Tom Monson. Seu avô materno comprara uma propriedade perto do centro da cidade, construíra sua própria casa lá, e dera casas a cada uma das quatro filhas do casal. Foram dias cheios de alegria e constantes reuniões da família, não apenas com as tias maternas vizinhas, mas também com os parentes das famílias Condie e Monson que vinham das comunidades próximas.

Embora sua família não tivesse nenhum dos assim chamados luxos da vida (ele se lembra de quanto seu quarto era frio no inverno), o coração terno e a natureza compassiva do jovem Tom o tornaram consciente das muitas pessoas a sua volta menos afortunadas que ele.

Suas experiências de infância parecem ter sido parte de um processo de treinamento divinamente designado a sensibilizar Thomas Monson em relação à condição dos pobres pelo resto de sua vida. Quando, mais tarde, se tornou bispo da mesma Ala Seis-Sete na qual nascera e fora criado, ela contava com mil e sessenta membros, inclusive cerca de oitenta e cinco

viúvas e a maior carga de serviços de bem-estar da Igreja.

Muitos talvez saibam que o jovem Bispo Monson dedicava todo Natal, uma semana de suas férias pessoais para visitar todas as oitenta e cinco viúvas de sua ala. Talvez muitos *não* saibam que, nos primeiros anos, o presente que costumava levar-lhes era uma das galinhas criadas por ele próprio. E embora faça mais de trinta anos que foi desobrigado do cargo de bispo, o Presidente Monson visitou cada uma daquelas viúvas em todo Natal, e levou-lhes um presente, enquanto viveram.

Além disso, parecia que aquelas doces mulheres não morriam até que o Irmão Monson estivesse de volta de suas muitas designações, possibilitando que ele falasse em seu funeral. Talvez ninguém na atual liderança da Igreja tenha falado em tantos funerais (certa vez foram três serviços fúnebres num dia) e sempre fazendo observações pessoais a respeito daquelas almas às vezes tão comuns e sem notoriedade alguma, mas que ele conheceu e amou em algum lugar no decorrer de seu ministério.

"Tom é um homem das pessoas comuns, o campeão dos menos afortunados", diz seu velho amigo Wendell J. Ashton. "Quando ele leva amigos para uma partida de basquete, por exemplo, não são os ricos e famosos ou homens de negócios. É um grupo de pessoas comuns que conhece desde a infância. Ele é como um pinheiro: a copa é alta e está subindo para o céu, mas os ramos se estendem a pouca distância do solo, protegendo tudo o que precisar de abrigo."

"Poucas pessoas o sabem, mas o Irmão Monson é o capelão auto-nomeado de várias casas de repouso da cidade", nota o Élder Boyd K. Packer, que esteve ao lado do Élder Monson no Quorum dos Doze durante quinze anos. "Ele as visita sempre que sua agenda ocupada o permite, e às vezes até mesmo quando não tem disponibilidade de tempo."

(Uma pessoa bem intencionada certa vez disse ao Presidente Monson que era inútil visitar ele aquelas pessoas idosas e falar durante muito tempo com elas, quando raramente respondiam uma palavra. "O senhor bem que poderia poupar seu tempo e fôlego, Élder Monson. Eles não sabem quem o senhor é."

"Se eles me conhecem ou não é irrelevante", respondeu com firmeza Thomas Monson. "Não falo com eles porque me conhecem; falo com eles, porque eu os conheço.")

W. James Mortimer, editor do *Deseret News* e amigo de longa data, observa: "Servi com o Presidente Monson em assuntos de negócios, da igreja e pessoais nos últimos vinte e cinco anos. Ele é extraordinário. Sua força é evidente, mas sempre mostra a marca da humildade. Seu intelecto é ativo, mas sempre temperado com sabedoria. O poder do qual é portador é sempre exercido com bom discernimento. Conquistou o amor que as outras pessoas lhe dedicam com serviço e lealdade."

O Élder James E. Faust, companheiro do Presidente Monson no Quorum dos Doze, sugere que "ninguém neste mundo é mais leal que Tom Monson. Uma vez que você seja amigo de Tom, será seu amigo para sempre. Sua mente não se esquece de nada, tampouco seu coração, especialmente das pessoas."

O Presidente Monson já cultivava essa lealdade e serviço devotado ao próximo bem cedo na vida. "Ele era do tipo que fazia o que a maioria dos rapazes não faz", diz John R. Burt, um amigo de toda a vida, ex-bispo, que serviu com o Irmão Monson como conselheiro na presidência da Estaca Temple View. "Ele costumava encontrar-se com os conselheiros de seu quorum e os incentivava a agir, mesmo sendo mais jovem. Geralmente você tem que instigar bastante os jovens, mas não o Tom. Estava sempre pronto a fazer alguma coisa que valesse a pena.

Essa capacidade ele conservou. Nunca o vi assumir a liderança de qualquer projeto que não desse bom resultado. Ele tem uma grande atitude espiritual que incentiva ao trabalho. Ele é um gigante espiritual."

Como em muitas outras circunstâncias, o inegável influxo do Espírito Santo teve uma influência especial quando Tom, aos dezessete anos, ao contrário dos outros quarenta e um recrutas com quem ingressara no serviço militar naquele dia, escolheu a reserva naval (durante o período da guerra mais seis meses), ao invés da marinha regular (por quatro anos com a promessa de baixa em data fixa). Foi uma decisão que ele havia tornado objeto de fervorosa oração.

Apenas algumas semanas após sua convocação, houve o armistício na Europa, e alguns meses depois veio a paz no Pacífico. Menos de um ano depois de ter começado o serviço ativo, o guarda-marinha Thomas S. Monson voltou para casa, e graduou-se com honra pela Universidade de Utah, apenas um trimestre depois dos membros de sua classe, que não prestaram serviço militar. Os influxos do Espírito lhe pouparam três anos de serviço militar desnecessário após a guerra. Mal sabia ele que, mesmo nessa época, estava sendo revestido de "toda armadura de Deus" (Efésios 6:11) para uma batalha totalmente diferente e um período bem maior de serviço. Ele estava "empenhado no serviço do Senhor", e seu tempo era muito importante.

Um dos capítulos mais ternos do livro da vida, preenchido com as coisas do coração e do espírito, começa com o namoro do Presidente Monson com Frances Johnson. "Mamãe é a outra metade da história de sucesso de papai, a metade que ninguém conhece realmente", diz sua filha Ann Monson Dibb. "Certa vez, ele fez numa conferência um discurso intitulado "Anônimo", a respeito das pessoas que servem com tanta fidelidade, e dão tanto de si, e ainda assim nunca buscam reconhecimento. Esse discurso se aplica lindamente a minha mãe; talvez ele até mesmo o tenha escrito baseado nela. Ele não poderia ter feito o que fez sem ela."

Devia ser, obviamente, um casamento planejado nos céus, pois, quando naquela primeira tarde o jovem Tom bateu na casa dos Johnson, o Irmão Franz Johnson

comentou: — Monson! Monson! É um nome sueco, não?

— Sim, senhor! — assegurou-lhe rapidamente o jovem pretendente.

Então o Irmão Johnson, dirigindo-se à gaveta da escrivaninha, trouxe uma fotografia de dois missionários e perguntou, apontando para um deles: — Você tem algum parentesco com *este* Monson?

— Sim, senhor. Este é Elias Monson, meu tio-avô, — afirmou o jovem visitante.

Os olhos do irmão Johnson encheram-se de lágrimas, ao exclamar: "Ele foi um dos missionários que ajudou a levar o evangelho a minha mãe e meu pai e minha família inteira, lá na Suécia." Com esse firme alicerce, o romance entre Tom e Frances floresceu, e os dois se casaram no Templo de Salt Lake para o tempo e a eternidade, em 7 de outubro de 1948.

"Tom estava servindo como secretário da ala, depois como superintendente da organização dos Rapazes, quando nos casamos, e desde aí, vem passando de uma designação para outra", lembra a Irmã Monson. "Algumas pessoas perguntam como uma recém-casada se adapta a isso, mas nunca foi um sacrifício ver meu marido fazendo o trabalho do Senhor. Isso me tem abençoado, e também a nossos filhos. Ele sempre soube que, se fosse para a Igreja, eu esperaria que ele fizesse o que tinha de fazer."

"Em trinta e sete anos de casamento, não vi Frances queixar-se nenhuma vez de minhas responsabilidades na Igreja", diz o Presidente Monson, carinhosamente. "Nesses trinta e sete anos, estive fora muitos dias e muitas noites, e raramente pude sentar-me com ela na congregação. Mas não existe ninguém igual a ela, absolutamente ninguém. Ela me apóia de todas as maneiras e é uma mulher de fé serena e profundamente poderosa."

Com Frances ao seu lado e responsabilidades crescentes na Igreja, o Irmão Monson continuou a preparação que um dia viria a ajudá-lo em seu serviço como conselheiro na Primeira Presidência da Igreja.

Comprometido fortemente com a educação (ele possui um *Prêmio para Aluno de Destaque* da Universidade de Utah e título de Doutor Honoris Causa em Direito da Universidade Brigham Young, de cujo Corpo de Curadores faz parte), Tom graduou-se com honra em administração de empresas, pela Universidade de Utah, em 1948. "Tom era um aluno que se destacava", lembra o Dr. O. Preston Robinson, ex-chefe de departamento do Irmão Monson na universidade. "Ele conseguia nota máxima em tudo o que fazia. Já então percebi que o mundo certamente ouviria falar muito dele. Ele começou a trabalhar para mim na universidade; depois, lecionou comigo, e então juntou-se a mim no *Deseret News*. Posteriormente, tive o privilégio de trabalhar para ele. Nada que eu diga dele como homem e amigo verdadeiro é suficiente. Amo-o como um filho." Numa típica prova de sua determinação, o Presidente Monson mais tarde terminaria o mestrado em administração de empresas, na Universidade Brigham Young, vários anos *depois* de ser chamado como autoridade geral.

A carreira precoce no campo da publicidade e gerência no *Deseret News* foi interrompida, quando serviu como presidente da Missão Canadá, de 1959 a 1962. A missão abrangia uma grande área geográfica, sem estacas e com poucos edifícios adequados.

"Ele exerceu um impacto dramático sobre aquela missão", lembra o ex-missionário F. Wayne Chamberlain. "Lá estava ele, mais jovem que muitos missionários de tempo integral, e sem nunca ter cumprido missão. Mas, no minuto em que chegou a Toronto, Ontario, assumiu a direção. Depois de uma rápida viagem por toda a missão, ele sabia o nome de cada missionário e conhecia muitos dos membros. Levantou o ânimo de todos, em todo lugar a que ia; praticamente ativou a missão inteira." Sob a direção desse jovem presidente, a obra da Igreja floresceu no leste do Canadá.

Pouco mais de um ano e meio após seu retorno para a Cidade do Lago Salgado e depois de ter servido em vários comitês gerais da Igreja, Thomas S. Monson foi chamado para ser membro do Quorum dos Doze Apóstolos, a 4 de outubro de 1963.

Além do trabalho do Irmão Monson como apóstolo, vieram muitas significativas obrigações profissionais e cívicas também, inclusive o trabalho na Junta Executiva Nacional dos Escoteiros dos Estados Unidos (da qual recebeu a Medalha Búfalo de Prata, de muito prestígio entre os escoteiros) e na Força Tarefa do Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, para Iniciativas do Setor Privado, um grupo de pessoas que encoraja os cidadãos a se envolverem em projetos de beneficiamento de suas comunidades.

"Tom age com igual capacidade e desembaraço como líder entre membros e não-membros", diz o Élder Neal A. Maxwell, seu companheiro no Quorum dos Doze. "Também a sua força administrativa e capacidade executiva não devem ser consideradas como resultado só de sua instrução acadêmica ou oportunidades profissionais, por mais notáveis que sejam. É algo mais profundo que isso, algo inato nele. Ele não precisa dedicar muito tempo a um assunto para perceber sua importância e reter seu significado. Percebe os detalhes essenciais da maior parte dos assuntos, enquanto os outros ainda tentam descobrir por onde começar."

John W. Gallivan, membro da Igreja Católica Romana, líder na comunidade de Lago Salgado, e ex-editor do *Salt Lake Tribune*, comenta: "Se alguma vez o encontrar, Tom Monson será seu amigo. Esse homem caloroso, sincero, que gosta das pessoas, não ama seu próximo porque é um mandamento; Tom Monson é seu amigo, porque ama a humanidade. Esse é seu temperamento. A Igreja proporcionou a esta comunidade uma união especial, através da amizade, quando colocou Tom Monson na Primeira Presidência."

Sua habilidade diplomática para lidar com grupos de não-membros

À esquerda, no alto: O Élder Monson recebe o título de doutor "honoris causa" da Universidade Brigham Young, em 1981. À esquerda, embaixo: O Presidente Monson com seu perpétuo passatempo; a criação de pombos, dois dos quais ele examina nesta foto. Esquerda: Homem de fé e compaixão, Thomas Monson foi chamado aos trinta e um anos para presidir a Missão Canadá. No alto, à direita: A família Monson em 1982: (da esquerda para a direita) Thomas L., Clark S., o Presidente Monson, Ann Monson Dibb e, sentada, a Irmã Monson.

As fotos são cortesia de

torna-se evidente no trabalho de quase duas décadas do Presidente Monson nos países da Europa Oriental. Após seus esforços para ajudar a criar a primeira estaca naquela área, em agosto de 1982, um sonho pessoal se realizou, ao ver a dedicação de um templo em Freiberg, República Democrática Alemã, no dia 29 de junho de 1985.

"Se não fosse pelo Irmão Monson, haveria pouco para nossos santos nesta parte da Europa", diz Joseph L. Wirthlin, grande amigo e presidente de área na Europa. "Agora temos estacas, alas, capelas e, milagre dos milagres, um templo. Tom deu tudo aos santos daqui, inclusive a roupa do corpo, literalmente. Vi-o dar seus ternos e suas camisas e seus sapatos. Deve ter dado uns vinte ternos a santos pobres na Europa Oriental. Diz ele que eram ternos usados, velhos, que ia jogar fora; mas sempre me pareceram novinhos em folha."

Como membro do Conselho dos Doze durante vinte e três anos, as oportunidades administrativas do Irmão Monson incluíram designações e treinamento inestimável, abrangendo todos os campos da vida SUD: Obra missionária, serviços de bem-estar, educação, genealogia, ensino familiar, treinamento de liderança, correlação, elaboração de materiais curriculares, programas dos quoruns do sacerdócio e auxiliares, e muito, muito mais. "Ele é um gênio no que diz respeito a organização", diz o Élder Packer. "Se eu tivesse que escolher alguém para administrar um negócio importante com sucesso, passando por todos os canais necessários e fazendo todas as verificações necessárias, escolheria Tom Monson."

"Sua vida é tão sistemática quanto sua mente", revela a excelente secretária do Presidente Monson, Lynne F. Cannegieter. "Ele nunca deixa nada para depois, e parece que nunca se esquece de nada." Obviamente, tal gama de experiências e grau de capacidade serão agora um recurso extraordinário para alguém chamado a assentar-se diariamente em conselho com o Presidente Ezra Taft Benson e o Presidente Gordon B. Hinckley na Primeira Presidência da Igreja.

Certo fim-de-semana, em agosto de 1974, houve uma mudança inesperada na designação para uma conferência, enviando o Élder Monson para a Estaca Shreveport Louisiana. A agenda da tarde de sábado estava preenchida com muitas reuniões. Quase desculpando-se, o presidente da estaca perguntou ao Irmão Monson se ele tinha tempo suficiente para dar uma bênção a Christal

Methvin, de dez anos, que sofria de câncer. O irmão Monson disse que teria prazer em fazê-lo, e perguntou se ela viria às reuniões da conferência ou se estava confinada ao hospital de Shreveport. Com certa relutância, o presidente da estaca disse que Christal não podia sair de casa, que ficava a muitas milhas de Shreveport.

Verificando a agenda, o Élder Monson viu que simplesmente não haveria tempo disponível. Como alternativa, sugeriu que ela fosse lembrada nas orações em público que seriam oferecidas no decorrer da conferência. Com certeza, consolou ele, o Senhor entenderia e abençoaria a família Methvin da mesma forma.

Antes da conferência da estaca, e, sem o conhecimento do Élder Monson, a perna de Christal fora amputada, descobrindo-se depois que o câncer já atingira seus pequenos pulmões. Fora programada uma viagem até a Cidade do Lago Salgado onde ela poderia receber uma bênção de uma autoridade geral. Os Methvin não conheciam pessoalmente nenhuma delas e, por isso, mostraram a Christal uma foto de todos os líderes da Igreja. Ela apontou a fotografia do Élder Thomas S. Monson e disse: "Gostaria de que ele me desse uma bênção."

Mas as condições de Christal haviam-se deteriorado tão rapidamente, que o vôo para Lago Salgado teve que ser cancelado. Estava ficando cada vez mais fraca fisicamente, mas não na fé. Ela disse: "Já que uma autoridade geral vem para a nossa conferência de estaca, por que não o Irmão Monson? Se eu não puder chegar até ele, o Senhor o mandará a mim." Mais ou menos no mesmo momento, o Irmão Monson recebeu a alteração inesperada em sua designação de conferência que o levou a Shreveport.

Como um favor final a Christal, eles concordaram em ajoelhar-se ao lado de sua cama e pedir apenas mais uma bênção: a oportunidade de desfrutar da visita pessoal do Irmão Monson.

Depois de receberem a notícia pelo presidente da estaca de que o Irmão Monson não poderia visitar Christal por causa da agenda sobrecarregada da reunião, os Methvins ficaram desapontados, como é compreensível. Ajoelharam-se novamente em torno da cama de Christal, implorando um último favor para ela: que, de alguma forma, seu desejo de uma bênção das mãos do Irmão Monson fosse realizado.

No mesmo momento em que a família Methvin se ajoelhou em torno da cama de Christal, o Élder Monson estava arrumando suas anotações, preparando-se para falar na parte final da reunião do sábado à noite. No entanto, ao dirigir-se para o púlpito, uma voz sussurrou-lhe num tom quase audível uma mensagem breve, mas familiar: "Deixai vir a mim os pequeninos, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus".

Suas anotações, toldaram-se à medida que seus olhos se enchiam de lágrimas. Tentou seguir o tema da reunião como programado, mas o nome e a imagem de Christal Methvin não lhe saia da mente. Então, sempre fiel ao precioso dom que já tanto havia demonstrado possuir, respondeu à mensagem espiritual. Deu instruções a respeito das mudanças que deveriam ser feitas na agenda da conferência do dia seguinte, fossem quais fossem as conseqüências em termos de confusão e na quebra de continuidade. Então a reunião continuou.

Depois de uma viagem de muitos quilômetros no domingo bem cedo, o Élder Monson contemplou uma criança que estava doente demais para levantar-se, fraca demais para falar. Sua doença agora a havia deixado cega. Profundamente tocado pela cena e pelo tão manifesto Espírito do Senhor, o Irmão Monson ajoelhou-se e colocou a frágil mão daquela criança entre as suas. "Christal", sussurrou, "estou aqui".

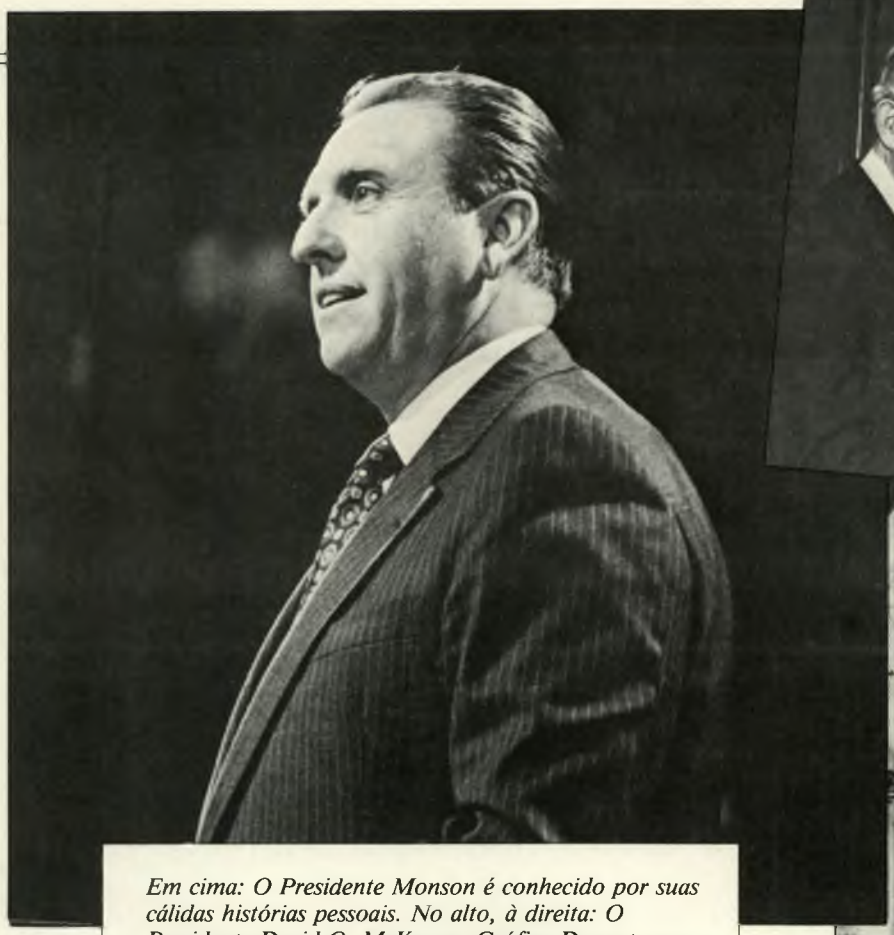
Com grande esforço, ela respondeu, sussurrando: "Irmão Monson, eu simplesmente sabia que o senhor viria."

"Foi dada uma bênção, recomendando o corpo e espírito daquela doce criança aos cuidados amororos de seu Pai Celestial, que, com certeza, deve ter observado aquela cena tocante. Seu quase inaudível "obrigada", foi uma eloqüente confirmação da bênção e da calma vida de fé que vivera. Na quinta-feira seguinte, quando ela estava sendo lembrada no círculo de orações da Primeira Presidência e do conselho dos Doze, onde o Élder Monson colocara seu nome, o espírito puro de Christal Methvin deixou seu corpo dilacerado pela doença e entrou no paraíso de Deus.

Embora seu pai tenha estado muito ocupado durante toda a vida, os três filhos da família Monson não se consideram negligenciados. "Os pais das outras crianças pareciam estar em casa mais do que o nosso", lembram eles, "mas não pareciam fazer tanto com seus filhos quanto papai fazia conosco. Estávamos sempre fazendo alguma coisa juntos, e nos lembramos com carinho desses momentos."

O filho mais velho dos Monson, Tom, conta que quase nunca havia tempo livre para estar com seu pai durante os anos que passaram na Missão Canadá, que tanto exigiram dele (os Monson tiveram três dias em três anos em que comeram sozinhos, em família, sem missionários ou outros convidados da missão). Apesar disso, todas as noites antes de o pequeno Tommy ir para a cama, ele subia até o escritório do pai, e o que quer que este estivesse fazendo era posto de lado para jogarem uma partida de damas. "De certa forma essa lembrança me é tão cara quanto a que tenho de meu pai voando até Louisville, Kentucky, anos mais tarde, para me dar uma bênção para me curar da pneumonia que eu contraíra durante o treinamento militar básico lá", disse Tom.

Ann lembra que, embora sua inseparável pasta estivesse sempre aberta e seu pai estivesse sempre lendo alguns papéis importantes, ele fazia seus filhos sentirem-se parte de seu ministério e não deixava de compartilhar com eles experiências espirituais de suas designações. "Minhas lembranças mais queridas", diz ela, "são de quando ele voltava para casa no sábado à noite, depois de uma conferência de estaca para a



Em cima: O Presidente Monson é conhecido por suas cálidas histórias pessoais. No alto, à direita: O Presidente David O. McKay na Gráfica Deseret, com o então gerente-geral, Thomas S. Monson. Embaixo, à direita: Tendo recebido várias condecorações nacionais por seus serviços no escotismo, o Élder Monson visita um acampamento de escoteiros no Canadá.

As fotos são cortesia de The Deseret News.

qual fora designado, ou de percorrer uma missão, e o ouvíamos contar a respeito da inspiração especial que tivera ao chamar um patriarca ou a respeito das experiências edificantes que tivera entrevistando missionários.'' Havia muitas histórias desse tipo para a família Monson partilhar, porque diária, semanal ou mensalmente, seu pai recebia impressões especiais e influxos inspirados referentes a chamados a serem feitos e providências a serem tomadas.

Clark foi profundamente tocado quando, numa tipicamente maravilhosa pescaria dos Monson, o pai lhe pediu que recolhesse a linha por um momento. Quando as linhas estavam enroladas e as varas colocadas de lado no barco, o Irmão Monson disse: ''Dentro de aproximadamente cinco minutos seu irmão Tom estará sentado prestando exame na Ordem dos Advogados, que lhe permitirá exercer a profissão. Ele trabalhou muito durante os três anos da Faculdade de Direito para consegui-lo e deve estar um pouco nervoso. Vamo-nos ajoelhar aqui mesmo no barco. Vou fazer uma oração por ele, e depois você fará a sua.''

''Foi uma das maiores experiências de minha vida'', contou Clark mais tarde. Também ficou profundamente emocionado, anos mais tarde, quando seu pai deu uma volta de sessenta e quatro quilômetros para que Clark desse uma boa olhada num ninho de gavião. ''Acho que não deveria ter ficado supreso por ele ter feito aquilo. É exatamente o tipo de coisa que ele tem feito durante toda a vida por aqueles que, a seu ver, estão em necessidade.''

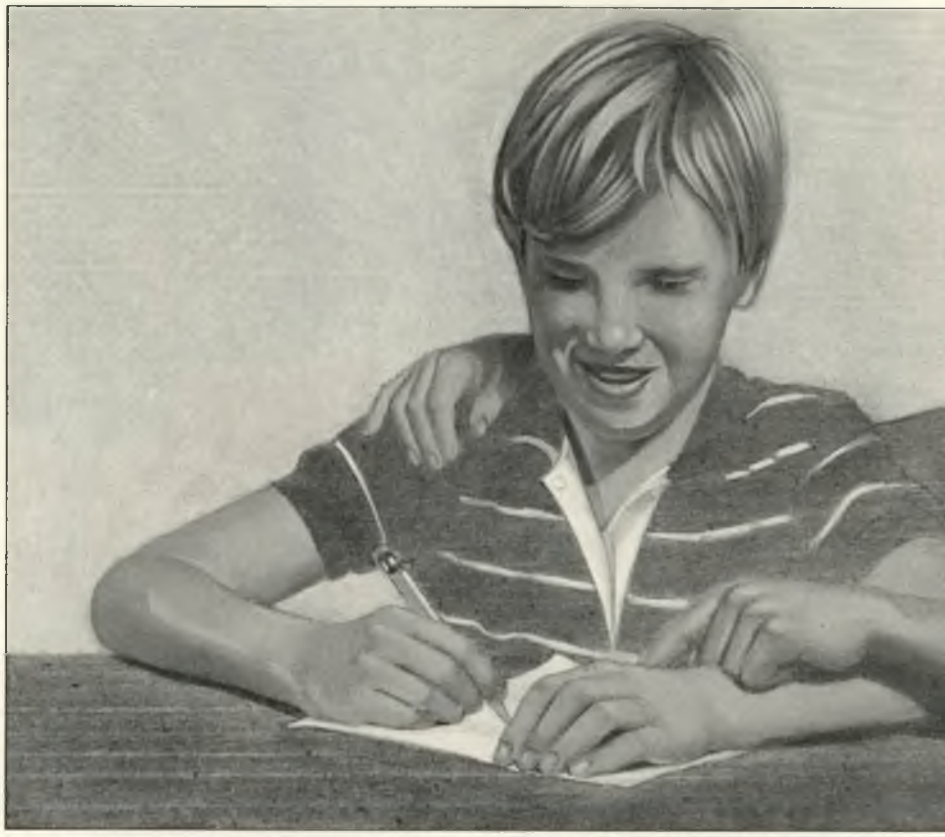
Nadando no Rio Provo, o adolescente Tom Monson viu um grande grupo de pessoas em férias gritando freneticamente que uma integrante do grupo havia caído no rio e era provável que se afogasse no remoinho em direção ao qual estava sendo impelida. Exatamente naquele momento, ela surgia no campo de visão de Tom. Ele nadou até ficar ao lado dela, agarrou-a por trás e a rebocou até a margem.

''Eles foram muito generosos em sua gratidão e me atribuíram a salvação dela'' contaria o Irmão Monson mais tarde. ''Mas acho que eu simplesmente estava no lugar certo, no momento certo, para dar uma ajuda.

Assim tem sido sempre com Thomas S. Monson, um Néfi moderno que resolutamente segue a inspiração do Espírito, sempre no lugar certo e no momento certo, sempre ''empenhado no serviço do Senhor''. ■

COMPREENDER O RUBENS

Leona Haag



Ilustrado por Stephen Moore.

"Espero que você tenha sucesso com Rubens" disse a secretária, quando me deu a lista de nomes das crianças que estavam em minha nova classe de Arqueiros da Primária. Uma outra pessoa a ouviu e começou a oferecer-me sua solidariedade. Outra irmã inclinou a cabeça em sinal de aprovação, e a ex-professora de Rubens estava prestes a me contar sua horrível crônica, quando saí, desculpando-me.

Eu estava surpresa. Sabia que, às vezes, as crianças recebiam de suas professoras escolares o rótulo de "bom" ou "ruim", mas, com certeza, não as crianças da Primária!

Naquela noite, ao orar, agradeci ao Pai Celestial a oportunidade de ensinar algumas de suas crianças e pedi uma ajuda especial em relação a Rubens. Implorei orientação e prometi fazer tudo o que pudesse para entender Rubens e ajudar as outras pessoas a mudarem a atitude negativa em relação a ele.

No domingo seguinte, a mãe de Rubens chamou-me de lado para me alertar a respeito da hiperatividade do filho e me oferecer apoio. Disse que se dispunha a discipliná-lo em casa, se eu lhe dissesse quando ele se comportava mal. Agradeci, mas não lhe disse que neste ano eu queria que as coisas fossem diferentes.

Na primeira semana ou duas de Primária, as coisas correram bem. Fiquei imaginando por que qualquer outra pessoa tivera problemas com Rubens. Seus brilhantes olhos azuis eram cheios de travessura, mas ele não era agressivo. Ele simplesmente sabia todas as respostas. Os outros meninos tinham dificuldade para acompanhá-lo, e muitas vezes confiavam nele para dar as respostas. E Rubens sentia prazer na atenção que lhe era dada e, algumas vezes, se exibia deliberadamente.

Logo percebi que Rubens não era o único que precisava de compreensão; os meus sete alunos tinham problemas e necessidades especiais. Assim, a cada semana eu lhes ensinava importantes princípios do evangelho e, ao mesmo tempo, tentava atender a essas necessidades.

Descobri que as necessidades de Rubens não eram as mais difíceis de atender; as de Estêvão eram bem mais. Estêvão tinha dificuldade de aprender. Sempre chegava cinco ou dez minutos depois que a aula tinha começado e sentava-se sozinho num canto, lá atrás. Os outros meninos o provocavam e faziam pouco dele. E, por necessidade de sentir-se aceito e de ter amigos, ele suportava tudo calado, semana após semana.

Uma semana, quando Estêvão chegou, ficou animado ao ver que o único lugar vazio era bem no meio dos outros meninos. Mas estes, rapidamente, pegaram a cadeira e a colocaram num canto do fundo da classe, e Estêvão voltou a sentar-se sozinho.

Durante o resto do ano, Rubens ajudou Estêvão, sem que lhe pedissem. Um domingo trabalhou com afinco com ele durante aproximadamente dez minutos, para que escrevesse a palavra "profeta".

Não pude dizer nada, não porque não soubesse o que dizer ou fazer, mas porque o Espírito me dizia que deixasse as coisas acontecerem. Eu queria repreender as crianças, mas considerei-me impedida de fazê-lo. Mal podia acreditar! Mas continuei com a aula, como se nada estivesse errado.

Durante toda a semana seguinte, fiquei desanimada em relação a minha classe. Eu não sabia o que fazer para ajudar Estêvão. Rubens estava ficando difícil de controlar, e os outros meninos continuavam com necessidades que eu não sabia como atender. Orei e não recebi nenhuma solução definida, apenas a certeza de que tudo se resolveria.

Foi difícil manter Rubens quieto durante os exercícios de abertura na semana seguinte. Tive receio de colocar seis garotos indisciplinados numa sala pequena, e medo de ver Estêvão chegar e observar novamente seu olhar magoado.

Cheguei à sala antes dos alunos. Quando abri a porta, senti uma calma segurança de que hoje seria o começo do fim de nossos problemas.

Os meninos entraram correndo, deslocaram as cadeiras cuidadosamente arrumadas e sentaram-se. Levantei-me para dar-lhes algumas instruções. Mas não tinha certeza do que ia dizer e fiquei um pouco surpresa com o que realmente falei.

Disse aos meninos que, de agora em diante, teríamos um tempo de compartilhar na classe. Conversaríamos sobre a escola ou sobre o que eles quisessem até Estêvão chegar. Depois expliquei a necessidade de Estêvão de sentir-se aceito e ter amigos. Disse-lhes que eles também precisavam de Estêvão.

Estêvão abriu a porta com a cabeça mais baixa do que nunca. Rubens deu um salto, pegou-o pelo braço e puxou-o para dentro da sala. Os meninos insistiram em que se sentasse no meio deles. Acolheram-no com prazer, sem hesitação. Estêvão sorriu feliz!

Rubens terminou sua folha de respostas primeiro, como de costume. Então, sem alarde, pedi-lhe que ajudasse Estêvão.

Durante o resto do ano Rubens ajudou Estêvão sem que lho pedissem. Um domingo trabalhou com afinco com ele durante aproximadamente dez minutos, para que escrevesse a palavra "profeta". Em outra ocasião, ficou tão entusiasmado, que se esqueceu de preencher sua própria folha de respostas. Ele animava e louvava Estêvão a cada esforço que fazia. E a boa influência de Rubens afetou os outros meninos; quando Rubens não estava, eles animadamente tomavam seu lugar ajudando Estêvão.

Quando a mãe de Rubens me perguntou como as coisas estavam indo, eu lhe contei a respeito do trabalho que ele estava fazendo com Estêvão. Disse-lhe o quanto o amava, e que ela deveria ter orgulho dele. Encantada, ela me disse confidencialmente que realmente soubera o tempo todo que seu filho não era um problema.

E quando a mãe de Estêvão me perguntou como ele se relacionava com a classe, pude dizer-lhe honestamente que todos na classe o amavam. Ele freqüentemente fora rejeitado pelos outros, mas graças à inspiração do Espírito em nossa classe da Primária, os outros meninos o haviam aceito, e ele descobrira seu próprio valor.

Quão grata sou por um Pai amoroso que responde às orações, e que me deu oportunidade e inspiração para ajudar esses pequeninos a crescerem!

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja

Como os santos dos últimos dias apóiam a doutrina da autoridade do Sacerdócio de Melquisedeque encontrada na Bíblia?

James A. Carver, instrutor do Instituto de Religião da Universidade de Washington.

Os críticos às vezes questionam a doutrina da autoridade do sacerdócio dos santos dos últimos dias, citando duas passagens das escrituras, uma em Mateus e outra em Hebreus. É interessante que os santos dos últimos dias usem essas mesmas referências para apoiar a doutrina do sacerdócio. Felizmente, no entanto, devido à revelação em nossos dias, os santos dos últimos dias não dependem apenas da Bíblia para uma compreensão plena dessa e de outras doutrinas.

A primeira referência, Mateus 16:13-19, tem sido usada pelos católicos para apoiar sua posição referente à corrente contínua de autoridade que se estende desde o Apóstolo Pedro até o papa atual:

"E chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?...

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela;

E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus."

Joseph Smith explicou que a rocha sobre a qual a igreja seria edificada é a revelação. (Veja *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, compilado por Joseph Fielding Smith, p. 267.) De fato, a revelação era o assunto naquele momento. Pedro sabia que Jesus era o Cristo pela revelação: "Porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus."

A Bíblia também corrobora essa interpretação. Uma análise textual dessa passagem demonstra claramente que, embora as chaves do reino tenham sido dadas a Simão Pedro, a Igreja não foi fundamentada nele. Pelo contrário, foi edificada sobre Cristo, a "rocha" da revelação.

O texto grego, por exemplo, deixa claro que a "rocha" do versículo 18 não era Pedro. A palavra grega usada para *Pedro* é *petros*, um substantivo masculino que significa pequena rocha ou pedra. A palavra grega para *pedra* ("sobre esta pedra") é *petra*, um substantivo feminino que significa alicerce. Assim o texto grego diz: "Tu és Pedro (*petros*, pequena rocha) e sobre esta pedra (*petra*, alicerce) edificarei a minha igreja."

Quem é essa *petra*, essa grande rocha? A resposta é dada explicitamente em I Coríntios 10:1-4:

"... Nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar.

E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar,

E todos comeram dum mesmo manjar espiritual,

E beberam todos duma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e *a pedra era Cristo*." (Grifo nosso.)

A palavra grega para *pedra* na passagem acima, como no versículo de Mateus, é *petra* (alicerce). Não há dúvida de que Cristo é a "pedra" sobre a qual a igreja deveria ser edificada, não Pedro. Paulo disse aos coríntios que "porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo". (I Coríntios 3:11.)

Mas qual é a importância da relação do fundamento com a pedra? E qual o papel da revelação nessa relação?

Quando Simão Pedro foi apresentado a Jesus, o Senhor mudou o nome de Simão para "Cefas, que quer dizer Pedro". (João 1:42.) Na tradução da Bíblia de Joseph Smith, foi acrescentada uma palavra esclarecedora: "Cefas, que quer dizer *vidente*, ou Pedro." (Grifo nosso.)

A razão para o novo nome de Simão não fica clara até a experiência em Cesaréia de Filipo, citada anteriormente. O Élder Bruce R. McConkie explicou: "Ao prometer-lhe as chaves do reino, nosso Senhor (disse) a Pedro que as portas do inferno não prevaleceriam contra a rocha da revelação, ou em outras palavras, contra os videntes. (Mateus 16:18.) Os videntes são profetas especialmente escolhidos e autorizados a usar o Urim e o Tumim, e que têm poder de ver as coisas do passado, do presente e do futuro. "Não há dom maior que um homem possa receber." (Mosiah 8:13-18.)" (*Doctrinal New Testament Commentary*, 3 vols., Salt Lake City: Bookcraft, 1965-1973, 1:133.)

Providence Litograph Company

Embora as chaves do reino tenham sido dadas a Simão Pedro, a Igreja não foi fundamentada nele. Pelo contrário, foi edificada sobre Cristo, a "rocha" da revelação.

A experiência no Monte da Transfiguração foi essencial para o novo papel que Pedro exerceria. Assim como o monte foi uma rocha de revelação, foi por revelação que Pedro soube que Jesus era "o Cristo, filho do Deus vivo". A pequena pedra (Pedro) deveria tornar-se um "vidente" que receberia revelação da grande pedra (Jesus Cristo), a Rocha da Revelação. Ele seria quem deteria as chaves do reino e representaria o Senhor na terra. Ele apascentaria as ovelhas. (Ver João 21:15-17.)

Jesus não disse a Pedro que sempre haveria um vidente na terra para deter as chaves do reino, mas que "as portas do inferno" não prevaleceriam contra "esta pedra" (*petra*), ou a Rocha da Revelação. "Nesse caso", diz o Élder McConkie, "Jesus está dizendo a Pedro que as portas do inferno jamais prevalecerão contra a rocha da revelação; ou seja, enquanto os santos estiverem vivendo em retidão, de modo que possam receber revelação dos céus, eles evitarão as portas do inferno, e a própria Igreja permanecerá pura, imaculada e segura contra todo o mal. Mas se, devido à iniqüidade, a revelação cessar, então as portas do inferno prevalecerão contra o povo." (*Commentary*, 1:399.)

Os católicos não aceitam o princípio da revelação nos dias atuais; os papas não são considerados "videntes" que recebem revelação da Rocha. Os protestantes aceitam a conclusão de que a igreja não foi edificada sobre Pedro, mas não conseguem reconhecer o significado do papel de *petros*, o vidente que detém as chaves do reino. Nós, santos dos últimos dias, somos na verdade abençoados por entendermos o significado pleno desse importante acontecimento registrado na Bíblia. O Presidente Ezra Taft Benson é o vidente necessário em nossos dias: um profeta, vidente e revelador.

Agora, tratemos da segunda passagem escriturística em questão. O capítulo sete de Hebreus é usado por muitos protestantes para argumentar que não há necessidade de uma função no sacerdócio na igreja, além de Jesus, que somente ele é portador do Sacerdócio de Melquisedeque.

Quando Lutero se rebelou contra o sacerdócio católico, lançou a idéia do "sacerdócio de todos os que crêem" e ensinou que "nenhum homem necessita de um sacerdote como intermediário entre ele e Deus, a não ser Cristo, que é o perfeito sacerdote de todos os homens."[1] Em essência, Lutero disse que não há nenhuma função do sacerdócio realizada, a não ser por Cristo. Um cristão não necessita do sacerdócio, dizia ele, nem precisa de outro portador do sacerdócio que não Cristo, para ser salvo.

Nessa epístola aos hebreus, Paulo se refere explicitamente ao Sacerdócio de Melquisedeque, presumindo que seus leitores já entenderam sua função. O propósito dessa epístola é provar a superioridade do convênio maior (a lei do evangelho) em relação ao convênio menor (a lei mosaica). No capítulo sete, ele continua a seguir esse curso, mostrando que o Sacerdócio de Melquisedeque, que administra a lei maior, é superior ao Sacerdócio Aarônico ou Levítico, que administra a lei menor.

Há muitos conceitos informativos sobre o sacerdócio neste capítulo, como as idéias de que a perfeição é atingida por meio do Sacerdócio de Melquisedeque (vers. 11-12), que o Sacerdócio de Melquisedeque não é restrito a uma linhagem (vers. 13-15), que o sacerdócio é eterno (vers. 16-17), que é recebido por juramento e convênio (vers. 20-21), e que a função do sacerdócio de Cristo continua eternamente (vers. 27-28).

Este capítulo poderia ser compreendido melhor como uma tipologia, sendo Melquisedeque, o grande sumo sacerdote, um "protótipo" de Cristo; e a ordem do sacerdócio do qual Melquisedeque e seu povo eram portadores, sendo um protótipo da ordem do sacerdócio do qual Jesus e seus discípulos eram portadores.

O versículo 24 talvez seja o que mais freqüentemente é mal interpretado e tem causado muita discussão. A confusão está na palavra grega traduzida em português como *perpétuo*: "Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo."

Em inglês, na versão do Rei Tiago, aparece uma nota de rodapé com outra opção de tradução para *perpétuo*: "Ou, que não é passado de um para outro." Esta tradução apóia a alegação de Lutero de que a administração do sacerdócio ocorreu apenas em Cristo, que seu sacerdócio não foi passado a outras pessoas, que não existe um sacerdócio formal na igreja. Alguns comentaristas e lexicólogos tentaram defender esta tradução paralela como correta, apesar de não haver nenhuma evidência comprovada de uso para essa tradução e nenhuma base contextual para tal interpretação.

Perpétuo é tradução da palavra grega *aparabaton*. O uso dessa palavra no grego antigo tem sido examinado há anos, e nenhum estudioso de que tenha notícia descobriu algum exemplo fidedigno dessa palavra sendo usada no sentido de "que não pode passar de um para outro". No entanto, a tradução "perpétuo" ou "imutável" tem inúmeros exemplos. Assim, de acordo com o uso grego conhecido, a melhor tradução seria "perpétuo".

Por exemplo, esta é a conclusão do *Theological Dictionary of the New Testament*, de Kittel: "Devemos manter a tradução "perpétuo", pois o sentido ativo ("não-transferível") não é atestado em qualquer outro lugar."[2] *The Vocabulary of the Greek Testament*, de Moulton e Milligan, uma compilação dos usos gregos comprovados, diz: "É claro que o uso técnico, comparado ao literário posterior, constitui um forte argumento contra a tradução "não transferível"[3].

O próprio contexto do capítulo de Hebreus corrobora a tradução "perpétuo", mas não pode aceitar a idéia de "não transferível". O autor começa o capítulo sete, acentuando a natureza eterna do sacerdócio. Melquisedeque "permanece sacerdote para sempre"(vers. 3); ele ainda "vive" (vers. 8); outro sacerdote é levantado "segundo a virtude da vida incorruptível" (vers. 16); "tu és sacerdote etenamente" (vers. 17-21); "mas este, porque *permanece eternamente*, tem um sacerdócio perpétuo" (vers. 24; grifo nosso).

Não há nada no contexto que sugira que o sacerdócio é "não transferível". Ele é eterno, nunca se afastará de um portador do sacerdócio, a não ser por transgressão. Em certo sentido, ninguém transfere seu sacerdócio para outra pessoa; ele é nosso, "perpétuo", ou eterno. Mas isto não significa que não possamos conferir o sacerdócio a outro homem, quando autorizados a fazê-lo.

O sacerdócio é organizado em certa "ordem". Cristo foi um sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque". (Vers. 21.) O fato de Melquisedeque ter uma "ordem do sacerdócio" indica que mais pessoas além de Jesus eram portadoras do sacerdócio. Se Cristo tivesse sido o único portador do Sacerdócio de Melquisedeque, não haveria uma "ordem".

Apoiando essas conclusões, há as evidências encontradas entre os papas anteriores ao Concílio de Nicéia. Ignácio, Bispo de Antióquia, que morreu em 135 A.D., afirmou que "o sacerdócio é realmente o *ponto mais alto de todas as coisas boas entre os homens*, e aquele que for tolo o suficiente para combatê-lo, desonra não o homem, mas Deus, e o Cristo Jesus, o Primogênito, e o único Sumo Sacerdote, por natureza, do Pai."[4]

Aqui Ignácio sugere que Cristo é, de fato, o único sumo sacerdote *do Pai*. Ele, no entanto, não diz nada a respeito daqueles que receberam o Sacerdócio de Melquisedeque — "o Santo Sacerdócio, segundo a ordem do Filho de Deus" (D&C 107:3) — e são ordenados como sumos sacerdotes *do Filho*. Ele também distingue o direito de Cristo ao sacerdócio *por natureza*, do recebimento do sacerdócio pelo homem *por ordenação*. É o sacerdócio de Cristo por natureza, mas para os outros é "o ponto mais alto de todas as coisas boas" que eles podem atingir.

Teófilo, um bispo posterior de Antióquia, por volta de 168 A.D., diz com referência ao homem Melquisedeque: "Naquela época, havia um rei justo chamado Melquisedeque, na cidade de Salém, que agora é Jerusalém. Ele foi o primeiro sacerdote de todos os sacerdotes do Deus Altíssimo... E dessa época em diante, achavam-se sacerdotes por toda a terra."[5] Com certeza, na opinião de Teófilo, havia uma "ordem" de Melquisedeque.

O conhecimento de que há uma ordem no Sacedócio de Melquisedeque desapareceu do texto bíblico. Mas a revelação moderna restaurou muitas verdades claras e preciosas a respeito do sacerdócio que são vitais para nossa salvação e vida eterna. O sacerdócio é essencial. É o poder de Deus que nos leva à perfeição.

Este artigo não abrange todas as passagens bíblicas que fazem referência ao sacerdócio; pelo contrário, focaliza passagens que foram mal entendidas por muitos estudantes da Bíblia. ■

NOTAS

1. Veja William Hordern, *A Layman's Guide to Protestant Theology*, New York: MacMillan Co., 1955, pp. 29-30.
2. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1967, p. 743.
3. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1982, p. 53.
4. Ver Alexander Roberts e James Donaldson, editores, *The Ante-Nicene Fathers*, 10 vols., Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1979, 1:90; grifo nosso.
5. Ver *The Ante-Nicene Fathers*, 2:107.

MÚSICA DO VENTO

Ilustrado por Dilleen Marsh

Deanne Packer Kelly

Janete bateu o ferro quente na fronha e, com má vontade, o deslizou para a frente e para trás, até que o tecido ficou liso. *Estou cansada de passar fronhas! Estou cansada de passar tudo!* pensou, olhando para a pilha de roupas limpas, mas ainda amassadas. *Há coisas demais para fazer!*

O barulho inexorável do vento feroz lá fora só era interrompido pelo ritmo do ferro de Janete batendo na táboa de passar. Ela olhou pela janela para a nevasca oscilante e estremeceu. *Eu não queria ser a filha mais velha. Assim não teria de fazer todo o trabalho, enquanto mamãe está doente.*

Exatamente uma hora antes, sua mãe dissera: "Quando você acabar de passar roupa, querida, venha ao meu quarto e nós decidiremos o que fazer para o jantar."

Janete gemeu só de pensar no jantar e nos pratos sujos. *Por que tem que ser eu? Não é justo!* Lágrimas encheram-lhe os olhos, e seu cabelo castanho comprido tocou o rosto pálido ao alisar a fronha com a mão, dobrá-la com capricho, e colocá-la na pilha de roupa passada. Pensou na mãe, que estava descansando na cama, e nos outros quatro filhos brincando sossegadamente em algum outro lugar da casa. A

tempestade parecia fazer todos ficarem quietos, como se estivessem apenas passando o tempo silenciosamente até ela acabar.

Mais tarde, com um suspiro de alívio, Janete pegou a última peça para passar, um dos lenços do pai. *Sei que mamãe não tem culpa de ter que ficar na cama para não perder o bebê*, pensou enquanto passava. *"Ela procura mostrar-se animada, mas sei que está bastante preocupada. E quando papai olha para ela, parece preocupado também.*

Olhando para fora, Janete viu que a tempestade estava piorando. O vento fazia mais barulho e fustigava a casa deixando-a ainda mais triste. De repente, a luz da lavanderia piscou e apagou. Ainda era bastante cedo, de modo que, apesar da tempestade, a neve refletia muita claridade através da janela.

Janete percebeu um som fraco e musical. *De onde vem isso?* Quis ela saber. *Não pode ser o rádio, porque não há eletricidade*. Ela foi até a porta e ficou ouvindo.

"É realmente lindo!" murmurou, ainda ouvindo. Ela começou a andar de aposento em aposento, seguindo o som parecido com uma flauta, e tentando descobrir de onde vinha. Imaginava quem poderia estar tocando. Ninguém na família tocava flauta. O som persistente era calmo, suave. Parava, depois recomeçava, ficava mais baixo e voltava a intensificar-se.

Ainda seguindo o som, Janete chegou à porta de seu próprio quarto! *O que está acontecendo?* Indagou de si para si. A porta estava entreaberta. Com o ouvido sintonizado no som claro, suave, ela entrou devagar. O reflexo da neve branca lá fora, levada rodopiando pelo vento, iluminava os tons rosados e brancos de seu quarto. Ela seguiu o som, mais alto agora, até a janela. Com medo de perturbar o que quer que estivesse produzindo aquela estranha toada, com muito cuidado puxou a vaporosa cortina branca para o lado.

"Bem, e essa agora!" exclamou Janete. A música que ouvia estava sendo produzida natural e simplesmente pelo vento furioso! O vento soprava tão forte contra sua janela, que o ar forçado por entre as fendas estava produzindo uma melodia encantadora.

Janete ficou parada, absorta, com o olhar fixo na janela e na neve branca impelida pelo vento. Então, interrompendo seu devaneio, voltou-se e correu para o quarto da mãe. Alegre por achar sua mãe acordada, Janete contou-lhe com entusiasmo sua descoberta.

Os olhos escuros da mãe brilharam, e seu rosto cansado abriu-se num largo sorriso. Erguendo a mão para que Janete a ajudasse, disse, com entusiasmo: "Mostre-me!"

Janete apoiou a mãe ao irem para o quarto dela e, em silêncio, as duas sentaram-se lado a lado na cama. O único som era a música do vento.

"É maravilhoso!" sussurrou a mãe.

Depois de ouvirem caladas durante mais alguns minutos, Janete disse: — Eu realmente ficaria com medo, se estivesse lá fora na tempestade de neve completamente sozinha!

— Eu também, — concordou a mãe. — Mas não é maravilhoso como essa terrível ventania

consegue produzir tão extraordinária melodia, soprando por uma frestinha à toa?

— É mesmo.

Esquecendo o medo, Janete aconchegou melhor a cabeça no ombro da mãe. Seus pensamentos voltaram para o começo da tarde. Parecera o fim do mundo naquele momento. Mas talvez as coisas não fossem tão ruins, afinal. Um sentimento de paz e bem-estar cresceu dentro dela.

— Janete? — a voz da mãe quebrou o silêncio. — Sem energia elétrica, o que faremos para o jantar?

Janete deu uma risadinha: — Bem, acho que temos ensopado suficiente que sobrou de ontem à noite. Vou pôr na panela e aquecê-lo na lareira. Depois, podemo-nos sentar em volta do fogo e comer como os pioneiros comiam!

— Como os pioneiros! — repetiu a mãe.

Janete lembrou-se da paz e satisfação que sentira ao ouvir a música do vento. Sabia que sua vida era bem mais fácil que a dos pioneiros. Sorriu e foi preparar o jantar. ■

JOSI

UM REI DE OITO ANO

Ser o rei da poderosa nação judaica era um grande desafio para Josias, que tinha apenas oito anos de idade. Seu pai que tinha sido rei antes dele, tinha sido muito perverso, e Josias queria corrigir o mal praticado pelo pai e ensinar a retidão ao povo. A maioria das pessoas de Judá adorava ídolos, e a iniqüidade era grande. Josias sentia que essas coisas eram erradas, mas não sabia ao certo o que fazer para corrigi-las.

Depois de haver reinado por vinte e seis anos, Josias decidiu reformar o templo construído pelo Rei Salomão que, embora ainda se conservasse de pé, estava em más condições.

"Contai toda a prata trazida à casa do Senhor", ordenou Josias, "e dai-a aos carpinteiros, construtores e pedreiros, para que possam reparar os estragos da casa do Senhor."

O trabalho de reconstrução da casa do Senhor estava sendo feito com vigor quando Hilquias, o sumo sacerdote, descobriu um livro da lei no templo. Hilquias e Safã, o escrivão, leram esse livro de escritura e levaram ao conhecimento de Josias sua

A S:
S DE IDADE

emocionante descoberta.

Josias ficou maravilhado ao ouvir a palavra do Senhor, saída das escrituras, pela primeira vez em sua vida. Finalmente ele sabia como agir, mas isto fez o rei ficar triste, pois as escrituras diziam: "Não terás outros deuses diante de mim", e o povo de Josias vinha adorando ídolos. Josias ficou com medo, porque seu povo estivera fazendo coisas erradas durante muito tempo, e ele sabia que o Senhor devia estar zangado com seu povo.

Josias ordenou a seu sumo sacerdote e aos líderes religiosos que descobrissem o que o Senhor esperava dele e de seu povo. Os líderes se dirigiram a uma mulher muito espiritual, chamada Hulda, a profetisa.

Ela respondeu aos homens: "Assim diz o Senhor Deus de Israel: Este povo praticou grandes iniqüidades e deve ser punido. No entanto, sua punição não virá enquanto Josias for rei, pois ele tem-se humilhado e escutado a palavra do Senhor."

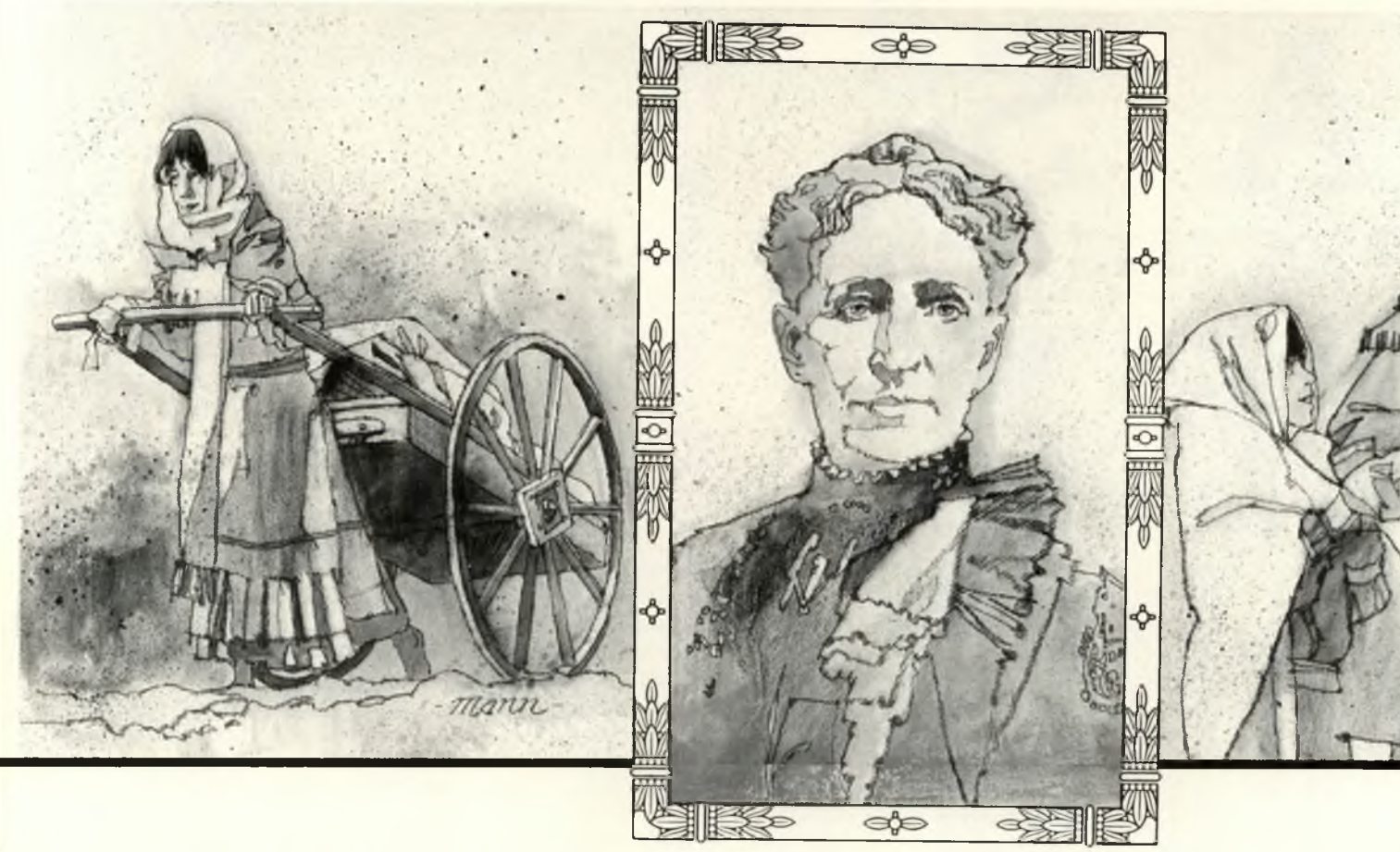
Depois de ouvir as palavras de Hulda, Josias compreendeu que deveria usar seu tempo como rei para ajudar o povo a se aproximar do Senhor.

O rei chamou todo o povo e convocou uma reunião no templo. Ele lhes leu as palavras das escrituras que haviam sido encontradas na casa do Senhor. Ele e seu povo fizeram com o Senhor o convênio de guardar os mandamentos de Deus. Josias então viajou pelo reino, destruindo os ídolos e os lugares onde eles haviam sido adorados. Josias amou o povo e ensinou-o a adorar o verdadeiro Deus vivo.

Depois de ajudar seu povo a chegar a conhecer a verdade, Josias aconselhou o povo a festejar novamente a Páscoa, em lembrança da bondade do Senhor, tirando o povo de Israel do Egito. Esta foi a maior celebração em toda Judá por muitos anos, com o povo voltando-se alegremente ao Senhor.

Embora Josias tivesse apenas oito anos quando se tornou rei, foi um dos melhores que Judá jamais teve. Ele se converteu ao Senhor de todo o coração, de toda a sua alma, e com todas as suas forças. ■

(Esta história se encontra em II Reis 22-23.)



HERÓIS E HEROÍNAS

ELLEN PUCELL UNTHANK

Sharon Bigelow

Ellen Pucell, de dez anos de idade, recusou-se a dar mais um passo. Durante dias sem fim e incontáveis quilômetros, ela vinha-se arrastando pelo solo gelado, coberto de neve. Agora com o frio impiedoso varando suas roupas rasgadas, a dor nos pés havia-se tornado insuportável, e Ellen, ou Nellie, como todos a chamavam, sentou-se, tremendo, sem poder continuar. Sua irmã mais velha, Maggie, instigou-a a levantar-se. Mas, enquanto seus amigos exaustos arrastavam-se adiante, lutando para puxar carrinhos de mão pela neve, Nellie continuava sentada, sem poder mover as pernas entorpecidas.

Maggie voltou a implorar à irmã mais nova que andasse com ela, antes que o grupo de pioneiros as deixasse para trás. Quando se foi sua esperança de alcançar os outros, aproximou-se delas uma carroça. O homem que a conduzia, um dos líderes que

Ilustrado por Paul Mann

tinha a sorte de possuir um carroção, parou para perguntar das meninas. Quando Maggie explicou a situação, Nellie foi colocada na parte de trás do carroção, com seus pés balançando da borda, enquanto corriam para alcançar os outros.

A família de Nellie viera de Liverpool, Inglaterra, em maio de 1856 com um grande grupo de santos dos últimos dias. Depois de uma viagem segura no navio *Horizon*, eles aportaram em Boston, seguindo de trem para Iowa. De lá Nellie havia partido com seus pais, sua irmã, Maggie, e mais de quinhentos pioneiros, em busca de paz e um novo lar, no Vale do Lago Salgado. Pobres demais para adquirir carroções ou cavalos para puxá-los, a grande maioria preferiu construir carros menores, de duas rodas, chamados carros de mão, que eles próprios puxariam, levando apenas as provisões estritamente necessárias, cobertores e roupas de reserva, utensílios domésticos e até mesmo mantimentos tiveram que ficar para trás.

Nas primeiras semanas, a companhia de carrinhos de mão desfrutou de bom tempo, mas já em outubro, as primeiras nevascas e o frio cortante retardaram os pioneiros.

A família de Nellie sofreu junto com os outros. Sua mãe ficou doente e teve que ser transportada no carrinho deles. O pai caiu nas águas de um dos rios que atravessaram, e por não ter roupas secas, nem um abrigo quente, apanhou uma gripe terrível. O suprimento de comida da família tornou-se escasso, e a neve cobria qualquer combustível que pudessem apanhar para fazer uma fogueira.

O pai de Nellie morreu no dia 22 de outubro de 1856, de fome e frio. Cinco dias depois, a mãe morreu também. As sepulturas só puderam ser cavadas na neve, porque o inverno prematuro havia congelado o solo. Nellie e Maggie, exaustas e tristes, continuaram a jornada sozinhas, vendo mais gente da companhia morrer e aumentar o rigor do frio.

Certo dia, quando Nellie e sua irmã caminhavam na frente do grupo, apareceram dois homens e fizeram sinal para que elas se aproximassem. A princípio, as meninas recusaram, mas logo decidiram que os homens não lhes fariam mal. Os homens deram a Nellie algum dinheiro, mandando que ela comprasse alguma coisa para pôr nos pés no posto comercial de caçadores do qual se aproximavam. Nellie aceitou com gratidão o dinheiro e a oportunidade de agasalhar os pés descalços, que há muito estavam dormentes por causa do frio.

Na Cidade do Lago Salgado, o Presidente Brigham Young havia pedido voluntários para irem ao encontro da companhia de carrinhos de mão nas planícies. Quando os voluntários finalmente alcançaram a companhia, perto de Laramie, Wyoming, eles encontraram o grupo sofrido quase soterrado pela neve. Os pés de Nellie estavam quase congelados. O grupo de salvamento colocou Nellie e os membros que restavam da companhia em seus carroções e voltaram para Lago Salgado, onde chegaram no dia 30 de novembro.

Quase todas as pessoas da companhia de carrinhos de mão haviam sofrido doloroso congelamento de pés, mãos e orelhas, e testemunhado a morte de familiares e amigos. O médico teve que amputar os pés de Nellie. Como não havia pele para cobrir o osso, ela ficou com feridas latejantes que jamais sararam.

Nellie e sua irmã acabaram mudando-se do Vale do Lago Salgado, para Cedar City, mais ao sul. Lá Nellie se casou com William Unthank e criou seus seis filhos. Com um avental de couro protegendo as pernas feridas, Nellie rastejava de joelhos pela pequena casa, mantendo-a imaculadamente limpa.

Nellie trabalhou de boa vontade no que pôde para ajudar no sustento da família. Além de seus trabalhos domésticos, ela lavava roupa para outras pessoas e fazia coisas para vender, a fim de aumentar a renda da família. Se alguém oferecesse comida e ajuda, ela insistia em retribuir o favor. A fim de demonstrar sua gratidão, ela reunia os filhos uma vez por ano para limpar a capela. Enquanto os meninos carregavam água, as meninas lavavam janelas, e Nellie esfregava o chão.

William talhou "pés artificiais" de madeira para Nellie, mas eles apenas irritavam os tocos não cicatrizados. Mais tarde, através de doações, Nellie conseguiu adquirir pernas de madeira, mas ela as usava apenas em ocasiões especiais, porque aumentavam sua dor constante.

Apesar da pobreza e dor, Nellie raramente se queixava. Ela chegara a conhecer o Pai Celestial em seu sofrimento. Desde os sapatos que lhe foram dados para calçar os pés nus, o carroção mandado quando não conseguia continuar, a ajuda recebida durante uma vida inteira de aflição, Nellie Pucell Unthank sabia que podia contar com o Senhor. ■

BONECA DE PAPEL DAS CRIANÇAS PIONEIRAS

Marian Dautel

EU SEI QUE VIVE O REDENTOR

Alegremente ♩= 80-92

1. Eu sei que vi- ve o Re- den- tor, O tri- un- fan- te Sal- va- dor,
2. E- le é a Ro-cha I - mor- tal, Em que de- ve- mos con- fi- ar,
3. Oh! Dá- me a paz ce- les- ti- al, Que só em ti pos-so en- con- trar,

Ven- ceu a mor- te e a dor, Meu Rei, meu Mes- tre, meu Se- nhor.
O bem que a fas- ta to- do o mal, A luz que a sen- da vem mos- trar.
Pa- ra se-guir- te a- té o fi- nal, E com mais fé per- se- ve- rar.

Letra: Gordon B. Hinckley, nascido em 1910. © 1985 SUD
Música: G. Homer Durham, nascido em 1911-1985. © 1985 SUD
Tradução: Humberto Eiti Kawai e Clery Pereira Bentim

D&C 76:22-24, 41-42
Jó 19:25

ESPECIALMENTE PARA A JUVENTUDE

VOLTAR PARA CASA

Heinz Rahde,
conforme narrado a Sandra Stallings

Quando eu tinha quinze anos, minha classe na escola foi convocada para o exército alemão, e nosso professor foi conosco. Era a Segunda Guerra Mundial, e fomos designados para uma bateria antiaérea.

Minha família era totalmente contra a guerra, mas eu não tinha escolha, a não ser participar dela. Se me tivesse recusado a ir, teria sido levado à força. Assim, com relutância, deixei meus pais e minha irmã e a pequena cidade agrícola de Heuerssen, Alemanha, situada perto da Floresta Heisterberg, Alemanha, onde cresci.

Desde o início da guerra, eu orava constantemente, pedindo orientação. Disse ao Senhor que faria qualquer coisa que pudesse para estar no lugar certo, mas, se minha opinião não fosse adequada, pedia que me ajudasse. Disse-lhe que aceitaria os pensamentos orientadores que ele implantasse em meu coração, sem questionar.

Meus colegas de classe e eu estávamos sediados perto de Hanover, Alemanha. Mais ou menos uma vez por mês, nossa unidade, de aproximadamente trezentas pessoas, costumava reunir-se. Geralmente havia uma festa da unidade, e todos costumavam beber e fumar, exceto eu. Eu não o sabia a princípio, mas nosso comandante-chefe me observava durante essas festas.

Certo dia perguntou-me por que eu não fumava nem bebia. Apesar de tímido, disse-lhe que simplesmente não acreditava nessas coisas. Acho que era o único que não fumava nem bebia no grupo todo, e o único SUD.

"Deve haver uma razão específica para você não fazer essas coisas", continuou ele a questionar-me. Eu lhe disse que era melhor para meu corpo abster-me dessas coisas, e tentei ser um tanto evasivo na resposta. Quando temos quinze anos, não é fácil suportar que as pessoas riam de nós e digam que não somos homem, se não fumamos nem bebemos. Meus companheiros haviam-me ridirularizado com freqüência, e

meu comandante sabia disso.

— Você é mórmon, não é?

— Sim, sou.

— Por que não me disse? — perguntou.

— Não sou tão expansivo. Sou um pouco tímido, — expliquei. — O Senhor viu a reação dos outros.

— Bem, isso poderia mudar, se você simplesmente lhes contasse, — respondeu-me.

Certa noite estávamos todos sentados em torno de uma mesa numa festa, e todos estavam bebendo, exceto eu. Acho que tomei um refrigerante que comprara na cidade. O oficial comandante estava-me observando novamente.

Ele levantou-se e disse: "Rahde, levante-se". Então disse ao grupo todo: "Gostaria de informar-lhes que Rahde é mórmon. Ele não bebe, nem fuma. E eu gostaria de que vocês respeitassem isso. Se vir alguém caçoando dele por causa disso, o porei na prisão."

Fiquei chocado. Fiquei vermelho, porque todos estavam olhando para mim. Então ele disse: "De agora em diante, Rahde, é sua tarefa cuidar desses homens e verificar que, quando forem à cidade e beberem demais, consigam achar o caminho de volta."

Daquele minuto em diante, muitos grupos queriam que eu os acompanhasse todas as noites. Eles me levavam para os bares, e assim que entravámos, diziam: "Nenhuma bebida para Heinz. Ele tem que nos levar de volta. Ele não bebe, e não o amolem."

Não tive que dizer mais nada, nunca. Tinha mais amigos assim do que poderia ter tido de algum outro modo. Nada poderia ter me feito um bem maior do que essa franqueza, como percebera o sensato oficial comandante. Foi um testemunho o fato de confiarem em mim a tal ponto que, todas as vezes que surgia uma oportunidade, pediam que os acompanhassé e me protegiam. Ninguém ousava me oferecer qualquer coisa outra vez.

Aproximadamente seis meses antes do fim da guerra, fui designado para uma unidade em que os jovens recém-chegados eram treinados no equipamento de radar. Estávamos sediados em Seesen, nas Montanhas Harz, e eu tinha aproximadamente dezessete anos. Certo dia, tivemos que escrever uma composição a respeito da Alemanha, e a minha foi considerada a melhor. O oficial fez-me ficar de pé, na frente de toda a unidade, e disse: — Parabéns por escrever a melhor composição. Espero que você se apresente como voluntário agora para tornar-se oficial do "Reich" alemão. Precisamos de pessoas com o seu potencial, e espero receber o seu requerimento escrito esta noite.

— Não precisa esperar até a noite, — respondi: — Eu recuso.

Ele ficou realmente furioso e quis punir-me. Disse: — Amanhã vou perguntar-lhe outra vez, e depois de amanhã novamente.

— Bem, eu não vou aceitar, — disse-lhe eu. Eu não estava de acordo com o espírito do nacional socialismo. Meu pai era amigo do povo judeu, e sempre orávamos por eles em casa. O oficial me perguntou o que eu queria fazer. "Quero seguir com o resto do grupo", respondi. Ele me disse que, se eu não quisesse apresentar-me como voluntário, seria obrigado a ficar e treinar outros jovens. Não havia escolha.

Embora forçado a ficar naquele grupo contra minha vontade, senti-me bastante seguro em relação a isso, como se fosse lá que eu deveria estar. Todos os meus amigos foram enviados para a Rússia. Somente um voltou, todos os outros foram mortos. O Senhor me conduziu ao lugar certo no momento certo, para que minha vida fosse poupada.

Durante a guerra, freqüentemente senti que alguém estava tomando conta de mim, que estava sendo enviado para o lugar certo no momento certo. Fui abençoado com paz interior, apesar do tumulto que me cercava.

Quando a guerra estava quase terminando, os outros quatro instrutores e eu recebemos ordens de ir para Berlim. Hitler estava lá na época, e era a última fase da guerra. Os russos avançavam, e os ingleses e americanos já se encontravam bem perto de onde eu estava.

Dissemos que iríamos a Berlim, mas eu já orara a respeito e senti que deveria ir para casa. Sabíamos que seria inútil ir a Berlim, porque a guerra estava perdida. — Günther, — disse a meu melhor amigo, — eu não vou. Vou para casa.

— Irei com você, — decidiu ele. Perguntei-lhe a respeito de sua decisão apressada, e ele disse:

— Tenho observado você o tempo todo. Notei que você é bastante religioso, e o admiro. Confio em suas decisões, porque acho que são tomadas com alguma orientação do alto.

Os outros três instrutores decidiram ir conosco, e nós cinco partimos, supostamente para Berlim. Logo que nos afastamos um pouco, corremos para a mata e enfiamos as roupas civis que levávamos conosco.

Os americanos já tinham chegado e ocupavam as estradas principais perto da floresta. Andamos rumo ao pico da montanha, porque lá ainda estaríamos bastante seguros. Nossa viagem para casa levaria duas ou três semanas. Dormíamos na mata, nós cinco sob um cobertor, revezando-nos de hora em hora, porque os dois que estavam na ponta ficavam muito expostos ao frio. A comida que levamos durou três dias. O resto do tempo comemos frutinhas apanhadas na floresta, e vez por outra famílias alemãs nos davam comida.

Lembro-me da primeira vez que encontrei os americanos. Seguíamos por um denso pinheiral e tínhamos que atravessar a estrada. Afastamos os galhos das árvores e, de repente, um enorme tanque estava bem em nossa frente, com o canhão apontado para nós.

Fiquei apavorado. Nunca tinha visto um tanque americano ou um soldado americano. A parte superior do tanque abriu, e apareceu um americano.

Prisioneiros russos libertados pelos americanos estavam sentados no alto do tanque. Eles viram que estávamos tremendo. O americano perguntou-me de onde vínhamos e para onde queríamos ir. Eu lhe disse que queríamos ir para casa. "De jeito nenhum", disse ele. "Subam e vamos levar vocês conosco. Na próxima parada, colocaremos vocês num caminhão que os levará para um acampamento."

Os soldados russos que estavam sentados no tanque me fizeram pensar numa possível solução para nosso dilema. Durante a guerra, o sentimento de amor que aprendera durante toda minha vida na igreja estava em meu coração. Eu não odiava ninguém. Pensei em ser o guardador de meu irmão.

Os soldados russos aprisionados em nosso acampamento não eram bem tratados. Como não tinham muito o que comer e nós tínhamos bastante, nós lhes pedíamos que lavassem nossos utensílios de cozinha e eles consentiam. Sempre deixávamos comida nos utensílios, só para alimentá-los.

Meu oficial comandante notou, e me chamou. — O que vocês fazem com os utensílios de rancho?

— Os russos os lavam para nós, — respondi.

— Fiz uma verificação e havia comida neles.

— Não conseguimos comer tudo. É por isso que deixamos as sobras.

— Você sabe que isso é estritamente proibido. Poderia colocar isso no relatório e você teria problemas. Não o faça novamente, — disse ele, e colocou a mão em meu ombro.

Um dos russos aos quais déramos comida deu-me um bilhete, dizendo que sempre que eu precisasse de ajuda dos russos, deveria mostrar-lhes aquele bilhete.

Eu o pusera no bolso, e no momento em que nos vimos frente àquele tanque, lembrei-me dele. Peguei-o e dei-o aos russos. Eles o leram e, repentinamente, disseram: "Amigo! Amigo!" em alemão, e falaram com o americano, contando-lhe que eu dera comida aos russos. Ele disse: "Soube que você foi bom com os russos. Não vamos levá-los vão em frente."

Continuamos nossa marcha pela floresta, dia após dia, chegando mais perto de casa. Da trilha da montanha, podíamos olhar e ver os tanques americanos passando. Poucos dias após nosso primeiro encontro com os americanos, estávamos seguindo por um dos lados da montanha pela mata, quando, de repente, senti algo engraçado. Disse a meus amigos que eu deveria descer, bem lá onde estavam os tanques.

— Você está louco! — objetaram eles. — Não vê os tanques lá em baixo? Eles atirarão em você à primeira vista. Disse-lhes que não importava, eu tinha que descer.

— Heinz, você orou a respeito? — perguntou-me Günther.

— Sim, — disse eu.

— Então vou com você.

Foi exatamente assim. Ele não pensou duas vezes.

Os outros três ficaram para trás. "Não vamos com você, porque você está louco", disseram eles. "Você vai cair bem nos braços deles."

Descemos a colina tão rapidamente quanto pudemos. Günther, que era pouco maior que eu, segurava meu braço e quase me arrastava. Um pouco depois, os outros três vieram correndo atrás de nós. Eles não sabiam por que, disseram, mas queriam ir conosco. Continuamos montanha abaixo e saímos da floresta.

Do lado esquerdo, havia uma pequena casa de fazenda. Ao sairmos dentre as árvores, a porta da casa se abriu e um homem saiu, dizendo: "Entrem depressa." Entramos correndo, e ele bateu a porta atrás de nós. Depois, escondeu-nos no estábulo debaixo de palha, porque era proibido, sob pena de severa punição por parte dos americanos, esconder soldados alemães.

Mal tínhamos rastejado para debaixo da palha, quando os americanos passaram com tanques e caminhões e subiram as montanhas. Era a primeira vez que o faziam. Horas depois, voltaram com os caminhões cheios de soldados alemães que foram levados para campos de prisioneiros.

Mais uma vez o Senhor me conduziu ao lugar certo no momento certo. Quando os americanos haviam abandonado a montanha e ido embora, saímos do estábulo e retomamos nossa caminhada para casa. Poucos dias depois, fomos mais uma vez interceptados pelos americanos. No início, não falei. Queria agir como se não soubesse inglês. Eu os ouvi dizer: "Bem, vamos simplesmente deixá-los sentados aí, e os colocaremos no próximo caminhão que passar para transportá-los para um acampamento." Os caminhões vinham passando a cada dois ou três minutos.

Ficamos lá sentados, esperando um caminhão aparecer a qualquer segundo. Esperamos muito tempo, uma hora ou mais, mas não veio nenhum caminhão. Finalmente, dirigi-me a um dos policiais militares.

Disse-lhes quem éramos, e ele disse: — Ah, de repente você fala inglês.

— Sim, falo inglês. Aprendi na escola. Eu só estava com medo.

— Quantos anos você tem? — perguntou-me. Disse-lhe que tinha dezessete anos e meio.

— Onde vocês estavam?

Expliquei-lhe tudo, o que havíamos feito, por que estávamos usando roupas civis, que queríamos ir para casa. Pelo

Ilustrado por Paul Mann.

telefone ele verificou a unidade de onde vínhamos para ver se as informações que lhe dera eram corretas. Depois, fitou-me por um longo tempo e disse: "Tenho um filho que tem aproximadamente a sua idade, e se elé dissesse a alguém: — Gostaria de ir para casa, para junto de mamãe — gostaria que lhe dessem uma oportunidade. Se você seguir esta estrada, encontrará um quartel-general; mas, se seguir aquela, não conseguirão vê-los. Boa sorte."

Finalmente estávamos quase em casa. Tudo estava destruído. Não havia trem, carros, ônibus, nem telefone — nada. Assim, continuamos rastejando pela floresta, seguindo o riacho. Eu conhecia bem aquela área. Chegamos perto de minha casa, e eu apenas queria atravessar o portão do quintal do meu vizinho. Deixei os outros e abri o portão. Uma pequena arma que fora posta lá para atirar nos esquilos disparou, deixando-me apavorado e assustou os vizinhos, que logo vieram correndo. Mas eles ficaram contentes por ver que eu estava de volta, em segurança. Mandei minha irmã de volta até a floresta com um pouco de alimento para meus amigos antes que continuassem a caminho de casa.

Todos conseguimos chegar lá, porque o Senhor nos conduziu aos lugares certos nos momentos certos.

A oração fora minha força. Em alguns momentos, era tudo o que eu tinha. Orei pedindo orientação o tempo todo e recebi a tranqüila certeza de que tudo acabaria bem, e isso verdadeiramente aconteceu. Acho que não se passou um dia sem que eu dissesse ao Senhor que o amava. Durante a guerra, sentia amor no coração. Não sentia ódio. Acho que foi por essa razão que o Senhor poupou minha vida. Fiquei em sintonia com ele. Sabia que, se guardasse os mandamentos e fosse digno de receber sua orientação, ele me protegeria. E ele o fez. ■

VOAR COMO UM PÁSSARO

Terry J. Moyer

Acho que tinha mais ou menos sete anos, quando mamãe me disse que o Pai Celestial ouve e responde às orações. Talvez ela me tenha dito antes, mas não me lembro.

— Então, se eu *realmente* quiser uma coisa, e se for um garoto *realmente* bonzinho, e pedir, o Pai Celestial vai-me dar?

— Isso mesmo, filho. Se você tiver uma fé muito forte, e for para o seu bem, ele lhe dará o que pediu.

Naquela quente noite do verão de 1944, eu estava na cama, pensando no que mais queria do Pai Celestial. Outro irmão? Talvez. Uma bola nova? Provavelmente ganharia uma no meu aniversário. Que tal o fim da guerra e papai voltar para casa? Sim. Mamãe estava pedindo isso muito em suas orações.

E então me ocorreu aquela coisa, a mais decisiva, a mais desejável, mais esperada, mais importante do mundo para meu coração de sete anos: eu queria voar ...como um pássaro.

E por que não? Os pássaros voam. Os morcegos voam. As pipas e os aviões de papel e os insetos e as borboletas voam. Por que não eu?

Como os outros meninos teriam inveja de mim! Como minha professora ficaria boquiaberta de surpresa e admiração! E meus amigos Joey Hirschberger e Jimmy Johnson como não me invejariam!

Tendo o cuidado de não acordar meu irmão menor, Lynn, deslizei para fora da cama e me ajoelhei. Cruzei os braços (como mamãe fazia), e fechei bem os olhos. Depois apertei os dentes (um sinal seguro de muita fé, eu acreditava), refleti a solenidade do momento no rosto sério, e fiz minha primeira oração sozinho, em voz alta:

"Pai Celestial, quero voar. Eu quero mesmo, mesmo, *mesmo*, voar. O Senhor poderia fazer o favor de me abençoar, para que possa voar? Serei um menino realmente bonzinho, se o Senhor me ajudar a voar. Honestamente, Amém."

Então me levantei, puxei minha cadeira para o centro do quarto escuro, e subi na cadeira. Abrindo bem os braços, murmurei novamente: "Por favor, Pai Celestial, ajuda-me a voar. Mamãe disse que o Senhor poderia fazer isso. Sei que Senhor pode fazer isso."

Então, comecei a agitar os braços furiosamente. Para cima e para baixo, mais depressa, mais depressa.

Vocês, provavelmente, podem imaginar o que aconteceu: meus braços ficaram cansados.

Sentei e pensei na coisa. Talvez estivesse faltando algo importante. Talvez o que precisava fosse pular da cadeira enquanto agitava os braços.

Subi novamente na cadeira. Desta vez realmente agitei os braços e depois pulei da cadeira, para cima, para a frente.

E para baixo. Tum! Logo mamãe apareceu na porta, perguntando o que havia causado todo aquele barulho.

No dia seguinte, ponderei o problema até que pensei ter achado a solução: O Pai Celestial deve estar provando a minha fé. Talvez o segredo fosse orar muitas noites em seguida, cerrar mais os dentes e ter uma expressão mais séria enquanto orava.

Tentei. Todas as noites, durante uma semana, orei e orei,

Ilustrado por Dale Kilbourn

com minha fé e entusiasmo crescendo. Na noite de domingo, tinha certeza de que estava pronto.

De pé novamente na cadeira, braços abertos, mais uma vez murmurei minha oração ao Senhor, absolutamente certo de que ele ouviria e responderia a minha oração, permitindo que eu voasse.

Meus braços começaram a se agitar para cima e para baixo, cada vez mais depressa. Pulei para cima e para o lado.

E para baixo. Tum! Novamente me perguntaram o que era o forte barulho que vinha do quarto de cima.

O que estava faltando? Eu havia apertado os dentes e contraído o rosto até fazer uma careta. Por que não funcionou? Por que não havia voado da cadeira e pelo quarto? Fiquei na cama por um longo tempo, pensando, surpreso.

No dia seguinte, estava no quintal da casa, quando ouvi mamãe me chamar.

Amoras pretas. Eu havia prometido apanhar as amoras da grande amoreira silvestre que ficava atrás da garagem. Mas estava quente e não tinha vontade de lutar contra a amoreira silvestre e seus espinhos em agosto, para ter geléia em janeiro.

Só por um momento, fingi que não ouvira. Foi aí que a inspiração me veio: Como eu poderia esperar que o Senhor me permitisse voar, se eu não conseguia fazer um servicinho à toa para minha mãe?

Daquele momento em diante, tornei-me um ajudante fanático. Não apenas apanhei as amoras, mas cortei lenha, enchi a caixa de lenha, varri o pátio, arrumei a mesa e fui à loja. E depois peguei mais amoras até que meus braços e minhas mãos ficaram arranhados e sangrando por causa dos espinhos.

Cansei mamãe, pedindo mais e mais tarefas. Como o Senhor poderia recusar agora? Eu havia orado com toda minha força durante duas semanas, havia exercido uma fé enorme, e enchido meus dias de boas obras e baldes de amoras. Com certeza agora eu voaria!

Naquela noite, lembrei tudo isso ao Senhor em minha oração, depois subi novamente na cadeira no quarto escuro. Desta vez... Desta vez... Desta vez vai *funcionar*.

Não funcionou. A curva para o alto e para o lado continuou numa curva para baixo, terminando no tombo que já era familiar.

Não consegui entender. Com todas as orações, com toda fé e com todas as boas obras, eu continuava no chão da mesma forma que Joey e Jimmy. O que poderia estar faltando?

Sem mencionar meu desejo de voar, expus o problema das orações não respondidas a minha professora da Escola Dominical. O que aconteceu depois foi uma lição a respeito de como orar e de como o Pai Celestial responde às orações. E lá estava a resposta. Surpreendi-me por não ter percebido: Eu falhara, não confiando inteira e completamente no Senhor.

Até agora, havia pulado de uma cadeira baixa — uma cadeira suficientemente baixa para, se o vôo não desse certo, pelo menos, não quebrar o pescoço. O Senhor devia estar esperando que eu demonstrasse uma fé *real*, pulando de algum lugar com altura suficiente para que, se não desse certo, me machucar. Isso provaria minha fé! E, além disso, sempre fizera minhas tentativas na privacidade de um quarto escuro. Da próxima vez, eu provaria ter uma fé *real*, pulando de algum lugar realmente alto, com assistência e à luz do dia.

Durante toda a semana seguinte, eu me preparei. A fé, as orações, a incansável ajuda para minha mãe continuaram. Na tarde de sábado, eu estava pronto.

Expliquei meu projeto a Lynn, a Joey Hirschberger e Jimmy Johnson. Falei a respeito da fé e das boas obras, do tipo de oração em que você cerra os dentes e faz uma careta. Expliquei a necessidade de a gente se arriscar para mostrar que confia plenamente no Senhor.

E então subi pela escada até o telhado da garagem. Lynn, Jimmy e Joey ficaram embaixo, observando-me, boquiabertos.

Joey disse que pensava que eu estava louco. Mas o que Joey sabia a respeito da fé, de obras e de orações?

E agora eu estava no telhado da garagem, olhando para baixo. A distância do telhado até o chão parecia maior do que calculara de lá debaixo.

Bem abaixo de mim, estava a terrível amoreira silvestre. Ela parecia maior e mais larga do que nunca quando vista do chão.

Seus ramos longos e grandes cobertos de terríveis espinhos chegavam quase até o lugar onde eu estava.

Tive que afastar o pensamento de dúvida: "E se não der certo? E se eu não voar? E se cair na amoreira?" Mas eu não podia duvidar. Todo o esforço seria inútil, se duvidasse!

Pois a dúvida é o oposto da fé. Então, com a simples lógica, decidi que, se tirasse minha única proteção contra os terríveis espinhos da amoreira, provaria minha fé absoluta, inabalável.

Tirei minha camisa. Joey disse que achava que era a coisa mais estúpida que ele já tinha visto, e que ia contar para minha mãe.

Eu mandei Joey sentar-se e ficar quieto, mas ele saiu para contar a minha mãe de qualquer jeito. Agora eu tinha que me apressar!

Fechei os olhos e lembrei ao Senhor como ele atende orações de fé e como, se alguém quer alguma coisa o suficiente e é um menino bonzinho e ajuda a mãe e vai à Escola Dominical, suas orações serão respondidas.

Feito isso, comecei a agitar os braços, cada vez mais rápido. Então, com os olhos ainda bem fechados, pulei para cima e para longe do telhado da garagem, para cima e para o lado sobre a grande amoreira silvestre, sem camisa.

Antes de abrir os olhos, eu sabia que estava deitado de costas na mesa da cozinha. O Doutor Nichols estava de saída, dizendo alguma coisa sobre a improbabilidade de se fraturar um osso pulando sobre um "travesseiro" gigante, mesmo que esteja coberto de espinhos. Eu podia sentir o tecido frio, enquanto mamãe continuava a lavar o sangue das dúzias de arranhões e cortes que eu tinha.

Depois que o Doutor Nichols saiu, mamãe mandou embora meus amigos de olhos arregalados e eu abri os olhos. Vi que os braços, mãos e rosto de mamãe estavam cobertos de dúzias de arranhões, e percebi o que ela fizera para me resgatar.

Ela deu o seu sorriso especial cheio de ternura e me apertou em seus braços. — Por ferimentos sofridos em batalha, condecoro-o com o "coração púrpura"* — disse ela, calmamente, — e talvez uma estrela de bronze por bravura.

— Você tem uma medalha para tolice? — perguntei. — Sinto-me tão estúpido!

— Todos nós nos sentimos assim algumas vezes, — respondeu mamãe, — Cometemos erros, aprendemos com eles, e depois continuamos com nossa vida.

Houve uma longa pausa antes que eu fizesse a pergunta: — Você disse que o Pai Celestial atende nossas orações...

Mamãe terminou a sentença: — E agora você não tem certeza se ele realmente o faz. (De alguma forma, mamãe sempre sabia o que eu estava pensando.)

— É claro que ele ouve e responde às orações, — afirmou-me, e eu podia saber que ela realmente queria dizer aquilo. Só que às vezes oramos por coisas que não são boas para nós. Algumas vezes nos esquecemos de dizer: "Seja feita a tua vontade." E às vezes, também, sua resposta é um calmo, firme não. Mas o não também é uma resposta, não é, filho? Ele não pode sempre dizer sim, pode? Você entende o que quero dizer?

— Acho que sim. Mas, mamãe, eu queria tanto poder voar! E tentei tanto!

— Algum dia, filho, quando seu pai voltar da Marinha, você terá a resposta para suas orações. Você e papai podem ir até o aeroporto e pagar um vôo de meia hora de avião. Há muitas maneiras de o Pai Celestial poder atender seu pedido de voar. Mas não será agitando os braços e pulando da garagem numa touceira de amoras silvestres!

A esta altura todo o sangramento havia cessado e um pequeno curativo cobria cada corte e arranhão. Quando passou a cuidar de seus próprios ferimentos, mamãe sorriu para mim e, fingindo estar brava, falou: "E por falar em cair de garagens sobre amoreiras, rapaz, se você fizer isso *outra vez*, tirarei seu coração púrpura!"

Uma voz interrompeu meu devaneio. "Estamo-nos aproximando do Aeroporto Internacional de Hamburgo. Por favor, apertem os cintos."

Estranho lembrar-me daquela oração infantil de tantos anos atrás. Por algum tempo parecera que o Pai Celestial realmente não atendia as orações. Minha resposta não veio exatamente no momento em que tanto queria. Veio mais tarde, voando sobre nossa cidade, num pequeno avião com papai. E depois, a bordo de um grande jato para a Missão Alemanha Hamburgo. É estranho como as respostas sempre parecem vir, embora nem sempre no momento ou da maneira como esperamos.

Apertei meu cinto e deixei que uma pequena prece percorresse minha mente: "Agradeço, Pai, por ouvir e atender a oração de um menino de sete anos. Agradeço-te por me permitir voar." ■

* Condecoração dos Estados Unidos para feridos em combate. N. do T.

O MELHOR DA SAFRA

Joan C. Hansen

Gosto muito de sorvete. E não serve qualquer sorvete. *Meu* sorvete tinha que simplesmente ser o *melhor*! Há uma pequena sorveteria perto de casa que tem o sorvete mais cremoso e macio do mundo, que se derrete na boca. Uma concha dele é tudo de que preciso para me extasiar. Custa um pouco mais do que qualquer outro sorvete, mas, afinal, eu mereço!

Espero que todos vocês percebam que merecem também. Vocês são os escolhidos entre os filhos de Deus e merecem o melhor que a vida tem a oferecer, até mesmo na música que ouvem. Vocês merecem! Mas então vocês se vêem face a perguntas difíceis. Como saber o que é o melhor? Como esolher?

Escolher a melhor música para ouvir não é exatamente tão fácil quanto escolher sorvete. Não é uma simples questão de gosto pessoal. Talvez vocês gostem da tradicional música étnica e achem que é a melhor que existe. Um amigo talvez goste de música clássica e ache que realmente é a melhor. A verdade é que há tradicional música étnica tanto boa como ruim, e música clássica tantó boa quanto ruim (e o mesmo acontece com o jazz, rock etc.).

Há, no entanto, algumas regras básicas que descobri serem úteis, quando estou escolhendo que música ouvir. Talvez sejam úteis para vocês também.

1. Se os músicos que as executam conhecem a sua arte, é bem mais provável que os ouçam. Há muitos grupos que chegam às paradas de sucesso simplesmente por causa de uma mensagem engraçada ou obscena existente na música, ou porque o grupo tem um nome estranho, ou porque usam instrumentos estranhos e incomuns. Mas isso não é conhecer música. Notei, no decorrer dos anos, que esses grupos que atuam assim nem sempre continuam populares por muito tempo. É porque eles não têm qualidades musicais que nos façam querer comprar seu último disco ou fita para ouvi-lo repetidamente, mesmo depois que o grupo se tiver separado. Eis algumas das qualidades que procuro:

— Música agradável de ouvir. Os instrumentos e as vozes do grupo não agridem tanto o ouvido, nem são tão dissonantes que eu me encolho ao ouvi-los.

— Acordes bem estruturados e progressões musicais interessantes. O grupo mostra alguma criatividade e inovação, ao invés de tocar os mesmos poucos acordes repetidamente.

— Qualidade poética nas letras. Ao invés de palavras que sugerem sexo, drogas ou violência, os grupos de que gosto escolhem palavras que mostram imaginação e uso inteligente da língua.

Gosto de ouvir grupos musicais cujos integrantes tiveram boa formação musical. Sua música mostra conhecimento da voz humana e da capacidade dos sintetizadores eletrônicos e de outros instrumentos musicais usados pelo grupo. Um bom músico certa vez me disse: "Você tem que saber as regras básicas da música, antes de poder ser criativo e de quebrá-las corretamente." Às vezes me parece que há um número grande demais de grupos que não têm idéia de quais são as regras, quanto mais de como quebrá-las adequadamente.

2. Se a música de certa forma me surpreende, fico encantada. Gosto de acordes, ritmos e sons que sejam inovadores, porém agradáveis. Essa idéia está muito próxima de minha primeira regra. Gosto de ouvir grupos inventivos, que me mostrem que dominam os conhecimentos básicos da teoria musical, para então criar inteligentemente sobre esse alicerce.

Às vezes parece que uma música que ouço de determinado grupo soa exatamente como a última música lançada por eles. Eles se fixam num modelo que não querem quebrar, não fico encantada nem surpres; nem é provável que queira ouvi-lo novamente.

3. Se há muita publicidade em jornais e revistas, ou pelo rádio e televisão para vender um disco ou fita cassete, fico um pouco hesitante em aceitá-lo.

Escolher a melhor música não é exatamente tão fácil quanto escolher sorvete. Não é uma simples questão de gosto pessoal, mas de qualidade, não importa qual seja o estilo musical.

Estudei os anúncios de jornais e da televisão cuidadosamente, e quase nunca vejo anúncios dos melhores restaurantes. As boas notícias se espalham com maior rapidez de boca em boca. Acho que o mesmo é válido para a música. Se o gerente de comercialização de um grupo ou disco não tem certeza de que é suficientemente bom para vender-se por seus próprios méritos, é preciso lançar uma campanha publicitária para convencer os consumidores a comprá-la.

Parece-me que, se um grupo é realmente bom, de alguma forma ouviremos falar dele, por meio de amigos, anunciantes de rádio, artigos nos jornais. Essa é a forma como tenho descoberto meus preferidos.

4. Talvez minha regra básica mais importante seja que, se a música tem letra, a mensagem deve ser boa para mim. Tento perguntar a mim mesma: "Ela me eleva e me faz crescer? Motiva-me a ter novas idéias ou ver velhas idéias de maneira nova? Ela usa estrutras verbais ou tonais bonitas? Sinto-me calma e descontraída ao ouvi-la?" Se ela consegue uma dessas coisas, então vale a pena.

Decidi que há uma enorme diferença entre música que acalma e descansa e música que me deixa nervosa. Sei que isso parece óbvio. Mas posso sentir-me confortada e calma com uma música que tenha um ritmo vivo e forte. Quando estou ouvindo ou dançando uma música viva que sei que é boa para mim, sinto-me bem, resoluta e calma; não sinto a energia nervosa pressionando, querendo extravasar-se do meu ser.

Acho que a música moderna com muita freqüência se torna uma espécie de saco de dormir, no qual nos fechamos durante quase todas as horas em que estamos acordados. Embora se possa encontrar um certo conforto em determinadas músicas, não se deve usar a música como isolamento do mundo e como uma fuga de mágoas, raiva, depressão ou frustração. A música muitas vezes pode ajudar-nos *refletindo* nossas emoções, não permitindo que as ignoremos. Enfrentar os desafios diretamente nos ajuda a compreendê-los melhor. Esse é o verdadeiro crescimento.

Procurem avaliar a música que ouvem, perguntando como os afeta. Ela os deixam nervosos, inquietos, agitados ou confusos? Não há nenhum elemento persuasivo igual a música. Nada eleva ou excita e engana mais o espírito humano que a música. Que instrumento mais poderoso poderíamos colocar nas mãos do adversário?

Tempos atrás, eu ouvia uma estação de rádio local com um "novo som", enquanto dirigia o carro. Num período de quinze minutos, ouvi uma música incentivando homicídio e outra ao sexo explícito. Embora possa não ter sido um período típico de quinze minutos, sempre que a música não estiver de acordo com nossos padrões, devemos desligar o rádio. Há tantas coisas valiosas a fazer com nosso tempo. Quero gastar meu tempo com coisas que ajudem a me transformar num ser humano mais afável, amoroso e útil.

Todos nós precisamos aprender a reconhecer quando devemos desligar uma música. Com toda a música realmente boa que existe para se ouvir, não há absolutamente nenhuma razão para encher nossa mente com lixo. Merecemos muito mais que isso.

Atribui-se ao humorista americano Mark Twain este dito: "O homem que não lê bons livros, não leva vantagem nenhuma sobre o homem que não sabe ler." Acho que podemos aplicar o mesmo conceito à música: "O jovem que não ouve música realmente boa, não leva nenhuma vantagem sobre quem não consegue ouvir." ■

NÃO M

Ilustrado por Mark Robinson

EU PAI

Richard W. Klomp

Andávamos cada vez mais rapidamente à medida que nossas bicicletas passaram pelo portão arcado que conduzia ao coração da velha cidade. Eu sempre me impressionava vendo a maciça muralha da cidade construída há oitocentos anos para proteger os habitantes da bela cidade de Luebeck, no norte da Alemanha.

Não tinha muito tempo para pensar na muralha, no entanto, porque estava ocupado evitando que a bicicleta me derrubasse ao passarmos ruidosamente pelas estreitas ruas de paralelepídedo. O gerador de luz da bicicleta, ligado à roda dianteira, rangeu quando senti meus companheiros correndo até nosso pequeno apartamento, no segundo andar na *Kleine Burg Strasse*.

O Élder Peterson geralmente chegava primeiro em casa, não por ser o companheiro sênior, mas porque tinha uma bicicleta nova de três marchas, e a minha era o que chamávamos de bicicleta sem marcha.

Estávamos quase voando, quando viramos a última esquina e nos dirigimos para nosso apartamento. O Élder Peterson brecou bruscamente, pulou da bicicleta e estava no meio da escada com um olhar de satisfação no rosto, no momento em que eu pedalava os centímetros finais.

Deixamos as bicicletas na parte interna da entrada da frente, fechamos a porta e subimos correndo os degraus estreitos do lugar que ambos chamáramos de casa durante aproximadamente três meses. Não falamos muito enquanto tirávamos poletó e gravata e chegávamos até o refrigerador que nos supria de iogurte, um iogurte cremoso natural que comíamos com morangos enlatados, flocos de aveia e uva-passa.

Depois de abençoar o alimento, saboreamos nosso lanche caseiro, discutindo os acontecimentos do dia.

— Acho que Frau Malchow vai conseguir, — comentou o Élder Peterson, em meio a colheradas de iogurte.

— E, se seu marido começasse a ler o Livro de Mórmon como prometeu, talvez ambos fossem batizados.

— Amanhã, terminaremos as duas últimas ruas do bairro da Irmã Sasse, e depois podemos começar a procurar uma nova área para percorrer.

— Parece-me uma boa idéia. Não estou acostumado a caminhar um dia inteiro sem conseguir entrar numa casa e ensinar uma única palestra, — respondi.

Lavamos nossas tijelas avantajadas, trocamos de roupa e nos ajoelhamos para a oração pessoal. Fiz uma anotação mental de rever uma das palestras na manhã seguinte, para que, quando entrasse em alguma casa, estivesse preparado para dizer àquela família maravilhosa (eu sempre tinha como objetivo ensinar famílias) algo a respeito do plano de salvação.

Fomos tranqüilamente para a cama e logo estávamos dormindo. Por volta das onze horas da noite, o Élder Peterson foi acordado pelo telefone.

— Élder Klomp, acorde, é para você. É o presidente da missão.

Tentei espantar o sono antes de pegar o telefone.

— Élder Klomp, — disse o presidente, — não sei exatamente como lhe dizer isso, mas hoje recebi um telefonema de sua irmã, informando que seu pai acabara de falecer. Ela quer que você telefone para ela e sua mãe na casa de seu irmão, em Nevada, amanhã a uma hora da tarde pelo seu horário. Se houver algo que eu possa fazer por você, não hesite em entrar em contato comigo.

Murmurei uma resposta e desliguei o telefone. Estava aturdido. Tropecei num sapato no escuro e cheguei até a pequena cozinha. Contemplei as estrelas brilhando muito através da janela.

Eu tinha realmente ouvido o que eu acabara de ouvir? perguntava a mim mesmo. As lágrimas frias que me corriam pelo rosto me convenceram de que eu estava acordado e não imaginara a notícia a respeito de meu pai. Eu não estivera sonhando. De qualquer forma, nunca tive pesadelos como

aquele. Mas então tinha que ser verdade!

Não meu pai. Papai sempre fora tão saudável e forte! Ele era saudável antes daquele ataque que o paralisara temporariamente. Teve saúde o tempo todo, enquanto eu estava crescendo, embora fosse bem mais velho que os pais de muitos dos meus amigos. Ele não me dera um forte abraço e reteve as lágrimas no aeroporto, quando parti para a Alemanha? Não ficara orgulhoso de mim, o último de seus três filhos a cumprir missão para o nosso Pai Celestial? Não me havia contado histórias a respeito da sua missão e me ensinado que devia preparar-me para ser o melhor missionário que pudesse ser? Como poderia ter ido embora? Não meu pai!

Preciso de você, papai, sou seu filho caçula, ajude-me a saber o que fazer, pai, dizia a mim mesmo, enquanto contemplava daquela janela as maravilhas da noite. Pai, você foi quem primeiro me mostrou as constelações, a Orion e a Plêiades, lembra? Olhe lá, encontrei a Ursa Maior e a Estrela Polar também.

Por favor, Pai Celestial, dá-me algum sinal para que eu possa saber que meu pai está contigo e está bem. Eu amo meu pai. Por favor, ajuda-me!

Enquanto esperava um sinal exterior que nunca veio, minha mente e coração transbordaram de lembranças comoventes. Lembrei-me do quanto papai e eu estávamos orgulhosos no dia em que nos encontramos com nossos líderes do sacerdócio, no escritório do presidente da estaca. Lembrei-me da força que senti nas mãos, quando fizeram um círculo a minha volta, enquanto meu pai me ordenava um élder, segundo a ordem de Melquisedeque.

"Bem, Elder Rick", disseram-me pouco depois, ao apertarem-me a mão calorosamente, "sabemos que você vai ser um missionário espetacular".

Quando apertei as mãos de papai e fitei seus olhos marejados, soube que ele também tinha certeza do meu sucesso.

Essa lembrança desapareceu e foi substituída pela palestra que eu havia programado estudar. Os detalhes do plano de salvação passaram-me pela mente, à medida que as lágrimas secavam nas faces.

Revi a existência pré-mortal e o conselho nos céus, percebendo pela primeira vez que meu pai devia ter estado lá. Eu sabia que meu pai nascera para receber um corpo, como todas as outras pessoas, e havia obedecido aos mandamentos do Senhor o melhor que pôde, como todos nós precisamos fazer. Ele foi sempre o homem menos egoísta que já conhecera, e embora não falasse muito a respeito de seus sentimentos, nós sempre sabíamos, pelas coisas que ele fazia, que amava mamãe e nos amava mais do que poderia dizer.

Ninguém gostava mais de ficar em casa com a família do que meu pai. Provavelmente a única coisa que papai deixava que o afastasse da família era o evangelho que ele tanto amava. Poucas pessoas serviram em tantos cargos diferentes na Igreja como meu pai. Eu sabia que ele, de fato, havia honrado seu primeiro e segundo estados, e com certeza podia esperar um futuro promissor com o Pai Celestial.

Tentei imaginar o reencontro de meu pai com seus pais terrenos e sua irmãzinha que morrera há mais de cinqüenta anos. Era difícil imaginar o Tio Lew e o Tio Vic esperando também meu pai de braços abertos em seu campo de trabalho seguinte, quase como uma transferência no campo missionário.

Esses pensamentos me fizeram sorrir, enquanto continuava olhando por aquela pequena janela de cozinha. Sabia que não precisava preocupar-me com o que meu pai estaria fazendo no futuro.

Mas, e a mamãe, agora? Eles estiveram casados quase quarenta anos. O que ela faria sem ele?

Meu estômago se contraiu de nervosismo até que me lembrei de que essa era a semana da reunião da família Klomp em Panaca, Nevada. Meus quatro irmãos e irmãs mais velhos e suas famílias estariam com mamãe, para ajudá-la a vencer esse momento difícil. Ela seria confortada por seus filhos, como tantas vezes confortara cada um de nós. Parecia terrivelmente

justo, de qualquer forma. Dei-me conta de que mamãe não era uma mulher fraca, ignorante ou sem fé. Ela me ajudara a compreender melhor e a amar o Evangelho de Jesus Cristo, e com certeza conseguiria forças nessa mesma fonte de verdade.

Não sei quanto tempo fiquei naquela janela, mas lembro-me de estar rígido, quando minhas pálpebras começaram a descambar de cansaço. Estiquei-me, ainda olhando fixamente pela janela, esperando ver alguma coisa, qualquer coisa que me mostrasse que tudo estava bem. Foi só bem mais tarde que percebi que meu "sinal" viera sob a forma do Espírito que encheu meu coração de paz, acalmou meus receios, e me aqueceu com o amor de uma família distante e de um Deus que estava bem próximo.

Quando, finalmente, me afastei da janela, perguntei-me se deveria ou não voltar para casa, deixando minha missão incompleta. Lembrei-me das escrituras a respeito de pôr mãos à obra e depois recuar, ou amar pai e mãe mais que o Salvador. Tive certeza de que papai gostaria de que eu ficasse e terminasse a obra para a qual fora chamado, mas decidi que, se mamãe precisasse de mim, eu iria para casa para ajudá-la.

Guardei tudo muito bem para mim mesmo no dia seguinte e estava decidido a não deixar que afetasse meu trabalho. Na verdade, ainda não parecia real. Parecia um sonho confuso. Ainda assim, fiz planos para dar o telefonema para minha família.

Depois de uma manhã ocupada e um almoço rápido, pedalamos para o correio, de onde eu poderia dar o telefonema. Esperei ansiosamente na fila de interurbanos. Quando, finalmente, chegou minha vez, dei ao homem atrás da escrivaninha o número de telefone correto, e ele indicou-me a cabine telefônica no centro do edifício.

— Alô, Nancy, você está-me ouvindo bem? — Indaguei, quando a ligação foi completada.

— Sim, Rick, estou muito feliz por você ter podido ligar. Estamos todos aqui tomando conta de mamãe e queremos que você saiba que tudo está bem. Ela quer que você faça o que achar que está certo.

Depois de falar com mamãe e com alguns outros familiares, e de ouvir que papai parecera realizado e feliz por ter quase toda a família junto de si antes de morrer, eu soube que não era realmente necessário em casa. Eu era necessário na Alemanha, para realizar a obra que um profeta de Deus me designara. A voz mansa e delicada me confortou, e pude cumprir a segunda metade de minha missão de modo que pudesse honrar as coisas em que eu acreditava, minha família, e, acima de tudo, meu pai. Ele havia perseverado fiel até o fim, e me ensinara a fazer o mesmo. Alguma vez ele havia recuado ou desistido antes de terminar uma designação? Não meu pai! ■

Notícias Locais

A partir desta edição de *A Liahona*, e de acordo com as novas diretrizes estabelecidas pela Igreja em todo o mundo, a revista publicará em sua seção de "Notícias Locais", somente matéria que represente realmente *notícia*, e que seja de interesse geral, proporcionando incentivo e fortalecimento para os membros.

Não será incluido nessa seção, material de outra natureza, tal como: mensagens, testemunhos, poesias, avisos, cartas, biografias etc., a menos que seja originado na Presidência da Área, ou por ela solicitado.

Continua excluída das revistas da Igreja qualquer matéria que represente propaganda comercial, de prestação de serviços, ou venda de produtos, sejam eles oferecidos por membros ou não-membros.

Excetuam-se, evidentemente, os materiais produzidos e publicados pela própria Igreja, e destinados aos programas oficialmente aprovados por ela.

Presidência da Área

Novas Designações no Primeiro Quorum dos Setenta

Um novo membro da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta foi chamado pela Primeira Presidência, que no dia 1º de agosto, anunciou as novas designações.

O Élder Joseph B. Wirthlin, que serviu no Brasil como Administrador Executivo da Igreja, achava-se servindo como presidente na Presidência da Área Européia sediada em Frankfurt, Alemanha. Foi chamado pela Primeira Presidência, para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, onde será o sétimo presidente, tendo o Élder Dean L. Larsen como presidente sênior. O Élder Wirthlin foi substituído na Presidência da Área Européia pelo Élder Carlos E. Asay que, por sua vez, deixou a presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

Como membro da Presidência do Quorum, o Élder Wirthlin será o diretor executivo do Departamento de Currículo e editor das revistas da Igreja, posições ocupadas anteriormente por Élder Asay.

Élder Wirthlin, 69 anos, foi apoiado como Assistente dos Doze em abril de 1975 e para o Primeiro Quorum dos Setenta em outubro de 1976. Ele e sua esposa Elisa Young Rogers Wirthlin são pais de oito filhos.

Os membros do Primeiro Quorum dos Setenta, agora em número de 56, são chamados para pregar o Evangelho de Jesus Cristo, edificar a Igreja e cuidar dos seus assuntos em todas as nações do mundo.

A Igreja atualmente tem mais de 6 milhões de membros e 1.600 estacas, com 14.500 alas e ramos organizados em 96 países e 18 territórios, colônias e possessões.

Quatro membros do Primeiro Quorum dos Setenta estão servindo como presidentes de templo: Royden G. Derrick, Templo de Seattle, Washington; Angel Abrea, Templo de Buenos Aires, Argentina; Victor L. Brown, Templo de Lago Salgado, Utah; e H. Burke Peterson, Templo de Jordan River, Utah. Outro membro do Primeiro Quorum dos Setenta, J. Richard Clarke, está servindo como presidente da Missão Cidade do Cabo, África do Sul.

Mudanças de Designações em Várias Presidências de Área do Mundo

A administração da Igreja nas áreas geográficas do mundo é supervisionada pelos membros do Primeiro Quorum dos Setenta, que são chamados para servir em presidências de Área. Desde 15 de agosto p.p. várias áreas sofreram mudança em sua presidência e a Área Sul-Americana Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile) tem agora como presidência os Élderes J. Thomas Fyans (presidente), Waldo P. Call e Ted E. Brewerton (conselheiros).

Na Área Sul-Americana Norte (Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia), a Presidência de Área ficou constituída pelos Élderes F. Burton Howard (presidente), Hélio da Rocha Camargo 1.º conselheiro e Francis M. Gibbons 2.º conselheiro. Élder Loren C. Dunn, foi chamado para presidir a Área América do Norte-nordeste.

Élder Gibbons foi chamado como membro do Quorum dos Setenta em 6 de abril de 1986. Quando o chamado chegou ele se aposentara havia uma semana, como secretário da Primeira Presidência, função que exerceu durante dezesseis anos. Com o grau de doutor em leis, pela Universidade de Utah, Élder Gibbons durante toda a sua vida fez um estudo dos presidentes da Igreja, escrevendo biografias de sete deles.

Élder Gibbons e sua esposa Helen Bay Gibbons, que também é escritora e autora de vários livros, têm 4 filhos e treze netos e estão agora residindo no Brasil. A Irmã Gibbons, entre os vários cargos exercidos na Igreja, também foi membro da Junta Geral da Sociedade de Socorro e Primária.

A esposa dos membros da presidência de área fora dos Estados Unidos e Canadá são chamadas para servir como representantes da Junta Geral da Área. Elas auxiliam as líderes gerais das auxiliares e são representantes das organizações Sociedade de Socorro, Primária e Moças. Na Área Sul-Americana Norte as representantes são: Caroline Heise Howard, Nair Belmira da Rocha Camargo e Helen Bay Gibbons.

Parece que Foi Ontem... o Povoamento de Dourados — MS e o Crescimento do Ramo, Dedicação da Capela

Dourados tem sua origem nos primitivos grupos indígenas que habitavam a região. Pertenciam, principalmente, às tribos Terena e Caiuás, cujos descendentes ainda sobrevivem em aldeias às margens do setor urbano do município. Até o século passado, praticamente toda a região de Dourados era desabitada, tendo sido vasculhada apenas pelos espanhóis e pelos bandeirantes — no ciclo da vacaria — em busca de riquezas naturais e de captura de selvícolas.

Com o término da guerra do Paraguai, pelos idos de 1870, deu-se o início do povoamento efetivo da região, com a fixação de ex-combatentes na área. Também da Revolução Federalista que irrompeu no Rio Grande do Sul, entre 1893 e 1895, vieram muitos gaúchos que não participaram dos campos de luta. Depois da passagem de diversos mineiros que iniciaram o processo de colonização e a largada da cultura pastoril, destacou-se a Cia. Mate Laranjeira, que detinha o monopólio da exploração dos ervais em todo o sul do Brasil.

Marcelino Pires, o pioneiro maior do município, conseguiu o registro de sua propriedade no ano de 1910, dando-lhe denominações de São João Batista de Dourados e depois "Vila das Três Padroeiras"; conseguindo o intento, doou quatro mil hectares para formação do patrimônio. Fazendo então parte do município de Ponta Porã, a emancipação de Dourados ocorreu em 1935.

A partir daquela data, Dourados cresceu. E seu povoamento maior ocorreu após 1943, com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, que terminou em 1960.

Nos anos 70, pleno século XX, os novos bandeirantes da agricultura, os sulistas, na sua maioria gaúchos, implantaram lavouras extensas, definindo a monocultura da soja na região.

A cidade cresceu extraordinariamente, graças à revolução da soja. Dourados hoje projeta-se a nível nacional como potência econômica, tornando-se a maior cidade do interior do Mato Grosso do Sul.

A 8 de agosto de 1979, a cidade é abençoada definitivamente com a dedicação do Ramo de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, fruto de famílias imigrantes que originou um grupo e a seguir um ramo. Vários presidentes revezaram-se na direção do ramo, mas em setembro de 1984, Darci João Schneider passou a presidir o ramo, tendo um grande desafio: reativar o máximo de membros, aumentar o número de batismos e construir a capela.

O desafio foi cumprido e no dia 15 de fevereiro de 1986, foi proferida a oração dedicatória da capela pelo Presidente da Missão São Paulo Norte, Robert R. Steuer. A cerimônia contou com a presença de inúmeros convidados e autoridades. O coral do ramo, dirigido pelo Irmão Marcos Antonio Oliveira Santos, trouxe na ocasião um brilho especial e inspirador.

Darci João Schneider
Presidente do Ramo

Dedicada em Cuiabá a Primeira Capela de Mato Grosso

No dia 8 de junho passado, foi dedicada a Capela de Cuiabá, a primeira no Estado de Mato Grosso, com a presença de 250 pessoas entre membros e convidados.

Localizada num lugar estratégico da Avenida do CPA, é vista por todos que por ali passam, transformando-se num cartão de visita da Igreja.

A reunião contou com a presença de toda a liderança local e mais os líderes de Várzea Grande e Vilhena, sendo presidida pelo Presidente Demar Staniscia, da Missão Brasil Brasília, que falou do grande crescimento da Igreja na região e da responsabilidade de todos se unirem na pregação do evangelho para a edificação do reino de Deus naquela área.

Em seguida o coral do ramo cantou "Nos Dedicamos Esta Casa" e o Presidente Staniscia proferiu a oração dedicatória.

Élder Lopes

Coral Sons e Sorrisos

Durante a preparação do Coral das Estacas do Estado do Rio de Janeiro para a primeira conferência de Multi-Estacas da Região, realizada no 1.º semestre de 1984, muitas experiências especiais e espirituais foram vividas pelos santos que compunham aquele coral de mais de quatrocentas vozes.

A experiência foi marcante na vida daqueles irmãos e alguns sentiram o desejo de manter unido o grupo, formando um coral permanente, que levasse em sua mensagem musical o espírito, a alegria e a felicidade própria dos santos dos últimos dias.

Assim surgiu o Coral Juventude da Promessa, composto inicialmente por membros da Estaca Andaraí, contando com o apoio do Presidente Nelson Gennari. A despeito do nome, o coral contava também com adultos e, entre eles, se destacava a Irmã Emilia Spreca, de 82 anos, um exemplo de coragem e inspiração para os mais jovens.

Com o passar dos meses, membros das outras estacas também começaram a participar. A organização do coral, mudança do nome, o repertório, a qualidade vocal, enfim, tudo precisava ser trabalhado.

Entre muitas sugestões foi escolhido o nome "Coral Sons e Sorrisos", nome esse que reflete o estado de espírito deste grupo de membros da Igreja.

O grupo é composto por cinqüenta e cinco cantores, sendo trinta vozes femininas e vinte e cinco masculinas. Entre esses cantores encontram-se seis famílias completas (pai, mãe e filhos), oito ex-missionários, um patriarca, membros do sumo conselho, bispo, conselheiros de bispado, diversas donas de casa, jovens da organização dos Rapazes e das Moças e Adultos Solteiros.

O amor à música os uniu definitivamente em torno do ideal de desenvolver os talentos individuais e adquirir conhecimentos técnicos necessários.

Esse ideal, entretanto, exigiria o sacrifício e dedicação, pois muitos dos cantores utilizam trens e ônibus com viagens que duram até duas horas para os ensaios semanais e alguns eventos exigiram ensaio durante toda uma semana. Tal sacrifício e espírito de abnegação tem resultado em experiências sagradas como o batismo de dois cantores, a reativação de alguns membros e a integração e o fortalecimento do testemunho de todos os participantes e seus familiares.

O coral já conta com um repertório de cinqüenta e quatro músicas em estilos variados, do clássico ao popular, tendo como tema o hino "SOU UM FILHO DE DEUS", interpretado como abertura de todos os concertos.

Foi organizado um Conselho Administrativo com uma presidência de três membros, um secretário e seis diretores, tendo como presidente o Irmão Joaquim José Rodrigues, membro do sumo conselho da Estaca Andaraí.

Um estatuto foi cuidadosamente elaborado e redigido e um símbolo idealizado com a finalidade de transformar o coro em uma associação artística independente, com personalidade jurídica, sem fins lucrativos e de direito privado. No dia 24 de janeiro de 1986, foi publicado em Diário Oficial o registro no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Comarca do Rio de Janeiro.

O Coral Sons e Sorrisos tem como regente titular desde a sua criação o Irmão Ramiro Martins Silva Filho, coordenador do SEI e como pianista o Irmão Roberto Rodrigues, membro do Sumo Conselho da Estaca Rio de Janeiro Madureira Brasil.

Em vinte e três meses de existência, de outubro de 1984 a setembro de 1986, o coral realizou 32 concertos em diversos locais e eventos. Entre outros, citamos com relevância "Corais na Tijuca", promovido pela Associação de Moradores da Tijuca, realizado em outubro de 1984, na Matriz dos Sagrados Corações. Naquela ocasião a professora Irene Tupinambá, presidente da Federação dos Conjuntos Corais do Rio de Janeiro declarou *já ter ouvido inúmeros corais, mas que o "Sons e Sorrisos" transmitia-lhe um sentimento profundo n'alma que não conseguia definir.*

Em julho de 1985 o coral realizou três concertos, sendo o mais importante o "Primeiro Encontro Internacional de Conjuntos Corais do Rio de Janeiro", realizado na Sala Cecília Meireles, a 2.ª Sala de Concertos do Rio de Janeiro.

O coral também tem se apresentado nas diversas capelas da Igreja, no Estado do Rio de Janeiro, em oportunidades como encontros de corais, dedicações de capelas e conferências.

Se é certo que o canto de um coral pode comover, às vezes até às lágrimas, aqueles que o ouvem, não menos certo é que aqueles que dele participam, por amor, muitas vezes são obrigados a controlar a emoção que lhes ameaça embargar a voz.

Vinte Anos da Estaca São Paulo

Comemorando os vinte anos de instalação da primeira estaca na América do Sul, a Estaca São Paulo promoveu uma festividade cívica com a participação de vários líderes que faziam parte daquela primeira estaca. Como parte do programa procedeu-se ao hasteamento da bandeira brasileira e alguns oradores lembraram o acontecimento do dia 1º de maio de 1966, data da instalação da primeira estaca. Logo após, uma placa comemorativa foi colocada nos jardins da capela da Ala V.

Usaram da palavra o Élder Wayne Beck, que está no Brasil servindo missão como secretário-executivo da Presidência de Área e que na época era o presidente da Missão; Walter Spät, presidente da primeira estaca da América do Sul e atualmente patriarca da Estaca São Paulo; Aledir Barbour, atual presidente da Estaca São Paulo, e Élder Hélio da Rocha Camargo, Autoridade Geral, servindo na Presidência de Area, e que na época foi bispo da Ala II.

Irmão Walter Spät, Élder Wayne Beck, Irmão José Lombardi e Élder Hélio da Rocha Camargo.

Foi lembrado nesta reunião que, em 1925, as terras da América do Sul foram dedicadas à pregação do evangelho, e também o fato de o Presidente Kimball — que presidia a reunião no dia da organização da Estaca São Paulo — ter dito algumas palavras em português, embora não conhecesse nosso idioma. Lembrou-se que, na época, o Irmão Osiris Cabral Tavares foi chamado como primeiro conselheiro e o Irmão Antônio Carlos de Camargo como segundo conselheiro; a Irmã Helena Magalhães Arduíno, como presidente da Sociedade de Socorro e a Irmã Ana Rosa dos Santos Palazzuoli como presidente da Primária.

Alguns puderam relembrar o espírito que reinou na antiga capela do ramo de Pinheiros, na Av. Rebouças, ocasião em que os portadores do sacerdócio cantaram o hino "Vencendo Vem Jesus".

Como parte da comemoração dos vinte anos da Estaca São Paulo, a liderança atual ofereceu um jantar aos líderes da época da organização da estaca. Houve muita confraternização durante o jantar, quando todos puderam recordar os bons momentos que tiveram na Igreja.

Foi encenada a peça "Os Peraltas na Praça", com a participação dos jovens de algumas unidades da Estaca São Paulo, sob a direção do Irmão Pietro Lapiccirella. A grande dedicação e entusiasmo dos participantes proporcionou um belíssimo espetáculo, de primeira linha. Os jovens realizaram um trabalho quase profissional e que serviu como instrumento na obra missionária, pois muitos não-membros assistiram às seis apresentações realizadas.

Na supervisão geral e coordenação estiveram Elizabeth L. C. Fusco e Christina R. Barbour. Na sonoplastia e iluminação José Humberto Lucas e Luís Godoy. Cenários de Lucki.

No elenco estiveram Karin Rieger Barbour, Tatiana C. Fusco, Jurandir P. Santos, Andréas R. Barbour, Cesar Fusco. O corpo de baile da Estaca São Paulo participou com vinte figurantes.

Ramo de São Luiz Gonzaga Dedica Capela

O dia 21 de julho p.p. foi de muita alegria para os santos são-luizenses. Com a presença do presidente da Missão Porto Alegre e seu primeiro conselheiro Irmão Marciano Schneider, foi dedicada a capela do Ramo São Luiz Gonzaga. A oração dedicatória foi proferida pelo Presidente Pedro Brassanini e assim se concretizou o sonho dos irmãos, que desde a primeira reunião daquele ramo, em 6 de novembro de 1981, almejavam ter uma capela.

A reunião, que foi transmitida pela emissora local, teve uma presença de mais de 600 pessoas, incluindo a imprensa falada e escrita.

Enviado por Artur Nunes
Ramo de São Luiz Gonzaga - RS

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de **A Liahona** e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço. Mande a informação para Caixa Postal 26023 05599 - São Paulo - SP

M D I, Nasce para os Santos

Um novo método para pianistas ou organistas que visa proporcionar ao aprendiz menor tempo para assimilação da notação musical, foi criado pelo Irmão Humberto Silveira, um dos mais antigos membros da Igreja no Brasil. Estamos falando do M D I — MÉTODO DIRETO INSTRUMENTAL.

O método vem sendo utilizado com grande sucesso nas alas da Estaca São Paulo há vários meses e é uma realidade até para crianças e idosos ou aqueles que ficaram frustrados com o sistema tradicional.

O MDI é uma representação gráfica do teclado, em que todas as 12 notas possuem lugares definidos, de tal forma que o conhecimento do teclado se torna visível na pauta MDI.

O método é apresentado em apostilas com 21 páginas, incluindo hinos já traduzidos para o MDI como "Vinde a Cristo" nº 115, "Quando Nasceu, em Belém" nº 19, "Comigo Habita" nº 38 e outros. Quem vem contribuindo na tradução é a Irmã Mercedes Pereira de Figueiredo, atualmente oficiante no Templo de São Paulo, que está admirada porque a tradução é simples e fácil, mesmo direta. Qualquer pessoa pode traduzir os hinos, utilizando a Tabela de Divisão MDI.

O aluno reproduz com as mãos exatamente o que vê, pois a pauta é uma réplica exata de um teclado. Dessa forma, o cérebro nada tem a memorizar e o aluno utilizará a acuidade visual em conexão direta com a coordenação motora manual. O aluno não terá que se preocupar com o compasso, nem mesmo os nomes das notas são fundamentais, a não ser para solfejo ou composição. A leitura musical é feita de cima para baixo, linha por linha.

Os alunos do Irmão Silveira, 50 por enquanto, aprendem em 15 minutos a teoria musical e em uma semana conseguem tocar uma música simples, estudando o equivalente a uma hora por dia.

É bastante conhecido o amor da família Silveira à música. Os filhos são instrumentistas e já fizeram parte de alguns conjuntos formados e organizados na Igreja.

O método foi oficialmente apresentado pela primeira vez, para pessoas com conhecimento de música, no dia 10 de agosto de 1986 e nessa ocasião o menino Pablo Tedjamulia, com menos de 10 anos, tocou dois hinos, empregando ambas as mãos. Pablo está matriculado há apenas trinta dias.

Algumas Autoridades Gerais, como o Élder Loren C. Dunn, tomaram conhecimento do método e reconheceram sua importância para o fortalecimento dos santos pela música com a utilização do MDI nas alas e estacas onde há necessidade premente de organistas.

O Irmão Silveira oferece-se para atender gratuitamente os pedidos de todo o Brasil por telefone ou carta:
Humberto de Andrade Silveira
(tel.: 211-0660)
R. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 211
05651 - São Paulo - SP

Enviado por Laureni Fochetto

KakemKaraokê

Kakemkaraokê, foi uma noite de Talentos, em abril p.p. onde os membros e pesquisadores da Ala Curitiba V da Estaca Curitiba Leste puderam brilhar com seus talentos.

Os melhores da noite ganharam troféu e medalhas; nesta noite pai e filha viraram cantores, de forma descontraída e tivemos apresentação especial de TAE-KNOW-DO, esquete etc.

Esta foi uma atividade da Obra Missionária que obteve muito sucesso.

Flávio Ogassawara

O Ramo de Manaú em Atividade

A Sociedade de Socorro do Ramo Manaú, Distrito de Manaus (AM), comemorou o aniversário da organização em 17 de março p.p., homenageando as mulheres SUD pioneiras. O marco inicial da sociedade, quando Joseph Smith entregou a Emma Smith o dinheiro necessário para sua criação, foi representado pelas irmãs, assim como cenas do cotidiano de uma verdadeira SUD, vividas pelas irmãs de Manaus.

Após a representação foi oferecido um gostoso bolo, cujos enfeites também lembravam a organização da Sociedade de Socorro.

O sacerdócio do Ramo de Manaú, também homenageou suas esposas e namoradas com um jantar dançante, no dia 14 de junho p.p. Com a capela singelamente decorada com flores pelo presidente do Quorum de Élderes, Irmão Ozias, foi servido o delicioso jantar preparado pelo presidente do ramo, Francisco Reguin, e seus conselheiros, Divino Presença e Ricardo Leal, ajudados pelos demais membros do sacerdócio.

ANIMAÇÃO! Essa era a palavra de ordem na festa caipira organizada pelo ramo, no dia 28 de junho p.p. Chapéus de palha, bigodes, cavanhaques e roupas coloridas vestiram os caipiras acompanhados de suas respectivas damas de vestidos enfeitados e laços no cabelo. Todos muito animados, mostrando que ser SUD é ser feliz. Durante a festa foram servidos docinhos, pipocas e refrescos, para a delícia da criançada da Primária que se divertiu a valer.

Neila Maria Barreto Leal
Diretora de Comunicações Públicas

Super-Sábado + Festival Mórmon

O Distrito de Vitória realizou no semestre passado, com grande sucesso um super-sábado para os jovens do Seminário.

Compareceram mais de 120 jovens em idade de seminário e um número bem expressivo de adultos, bem como pais de alunos e não-membros.

Nessa ocasião, somente o Ramo de Cachoeiro compareceu com 39 jovens, animando grandemente a atividade.

Em vários anos, esse foi o primeiro super-sábado com mais de 100 jovens, em idade de seminário.

A liderança do distrito apoiou a atividade e o Coral do Distrito abrilhantou a reunião com o canto do coração.

Enviado por Carlos Maurício Janes
Encarregado da publicidade SEI em Vitória

A Dinâmica Sociedade de Socorro da Ala de Itajaí

A Sociedade de Socorro da Ala de Itajaí, com suas trinta e cinco irmãs ativas e bastante animadas, realizou no dia 19 de abril p.p., um show musical que contou com a participação de 150 pessoas, membros e não-membros, o que contribuiu para a obra missionária. Foram apresentados números de piano, dublagem, dança folclórica etc.

Também no dia nove de agosto as irmãs da ala tiveram uma outra atividade homenageando os pais com um programa especial.

Foi servida uma deliciosa feijoada completa muito apreciada por todos e após o almoço teve início a programação especial, em que as crianças participaram com poesias, músicas e esquetes. A grande surpresa foi que cada irmã casada entregou um presente a seu marido, falando de seu amor a ele.

Nesse mesmo dia houve ainda um super-sábado com os jovens de Joinville e Florianópolis, que também contou com a colaboração da Sociedade de Socorro.

Enviado por
Alice Luchade e Edite Ângela Cunha

Nota de Falecimento

Faleceu subitamente, aos 28 anos de idade, no dia 1.º de maio passado, vítima de insuficiência respiratória, nosso Irmão Sidney Jorge Peniche, filho de Arnaldo Peniche (falecido) e Belmira Jorge Peniche.

Ele serviu com muito sucesso na Missão Brasil Porto Alegre, no período de junho de 1981 a junho de 1983. Atualmente pertencia à Ala IV (Pinheiros). Deixou esposa Maria Cristina Peniche e o filho Bruno de um ano e meio.

Festas Juninas

Uma série de festas juninas foram realizadas na maioria das alas e estacas do Brasil. Representantes do rádio e televisão visitaram a Estaca Brasil Araraquara, onde os membros participaram de quadrilhas, esquetes e as crianças puderam ganhar seus brindes na famosa *pesca*. Atividades dessa estaca e outras foram anunciadas na mídia. As organizações competem para ver quem faz a fogueira mais alta, os esquetes mais interessantes e humorísticos do casamento caipira.

(Church News - 29 de junho, 1986)

Ramo de Vila Galvão

Numa belíssima apresentação, as presidências da Sociedade de Socorro e da Primária do Ramo de Vila Galvão, Estaca São José dos Campos, realizaram um show de talentos no dia 26 de abril p.p. As crianças apresentaram uma hilariante sátira da peça Branca de Neve. Números de canto e dança pelos jovens e adultos, e um coral da Sociedade de Socorro abrilhantaram o show. Os números foram ensaiados pelas Irmãs Bueno.

Também no mês de junho, o ramo teve uma animada festa caipira, cuja quadrilha foi ensaiada por uma professora não-membro. Essas atividades trouxeram muita alegria, integração e união aos membros do ramo.

Enviado por Susanne B. Grempel

NOTA DE ESCLARECIMENTO

A respeito da notícia publicada em A Liahona *de Ago/Set 1986 (Notícias Locais, pág. 45), sobre a viagem do Irmão Edison Pinto Garcia, o brasileiro SUD que visitou a China, desejamos esclarecer que o Irmão Edison é membro da Ala Floresta, Estaca Belo Horizonte e funcionário do CETEC - Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais, sendo que o curso do qual participou foi de "Sedimentação em Reservatórios".*

Uma Líder Influente

A Irmã Fernanda dos Santos Brasil pertencente à liderança da Sociedade de Socorro da Estaca Rio Madureira, tem atividades importantes fora da Igreja. Ela é Presidente da Associação de Moradores de Irajá, bairro onde vive há mais de quarenta anos. Por ocasião da reforma monetária em fevereiro, a Irmã Brasil teve uma participação ativa na fiscalização e na orientação nas ruas de Irajá. Colocava bancas nas ruas com lista de preços, orientava o povo evitando depredação e conflito entre consumidores e comerciantes. Está sempre presente e à frente nas melhorias do bairro, lutando junto às autoridades locais e governamentais. Jornais de grande circulação do Rio, ressaltaram seu trabalho junto à comunidade local.

A Irmã Fernanda é casada com o Patriarca da Estaca Rio Madureira, Irmão Armando de Souza Brasil, que foi presidente do então ramo de Irajá e depois bispo da ala. Foram selados no Templo de São Paulo e têm quatro filhos.

Hélio Murillo Agner
Comunicações Públicas

Volta ao Brasil — Primária Estaca São Paulo Brasil Taboão

No dia 5 de julho realizou-se na Ala do Ferreira, sede da estaca, um programa cultural da Primária. Iniciou-se a atividade com o hasteamento do pavilhão nacional e a execução do Hino Nacional Brasileiro.

Nove alas, durante três horas, mostraram os usos, costumes, cultura, música e folclore dos seguintes estados brasileiros: Bahia, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Amazonas, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Região Nordeste. Paralelamente a esta programação cultural, cada ala apresentou em um stand vários produtos dos estados representados, como fotos, postais, comidas típicas, artesanato etc... Foi um verdadeiro passeio pelo nosso querido país.

Durante o espetáculo, nos intervalos entre as apresentações, o mágico BIDU (Irmão Álvaro) apresentou um excelente show de mágicas, o que foi acompanhado com muito interesse pelos rostinhos felizes de nossas crianças.

O êxito alcançado deve-se ao esforço, pesquisa, preparação, criatividade e sobretudo, reverência de todos os participantes, principalmente por parte das crianças e liderança da Primária das alas e ramos da estaca. A presidência da Primária da estaca agradece a todos os que participaram desta magnífica tarde cultural.

Enviado por
Maria Clara Saporito e Cleide Soares Campos

Festival de Teatro

No dia 26 de julho foi realizado mais um festival de teatro, um espetáculo de alto nível da Estaca Santo Amaro.

Participaram as alas Brooklin, Santo Amaro, Guarapiranga, Aeroporto, Congonhas, Jardim Capela e Moema.

A Ala de Guarapiranga conquistou o primeiro lugar com a peça "Casa das Bonecas", de Liliana Duarte Bilar, adaptada pelo grupo de jovens da ala.

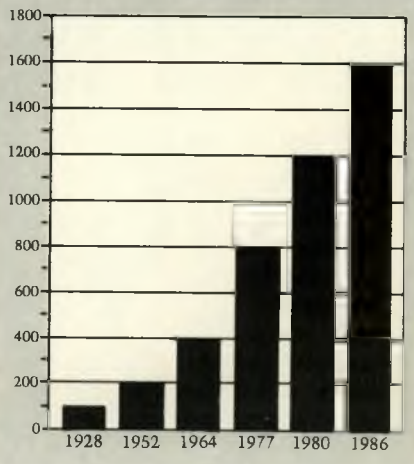
O festival foi um sucesso. Todos os jovens da estaca saíram vencedores pela qualidade do desempenho e da participação.

A liderança dos jovens está de parabéns por programas tão sábios.

Na foto, Bispo A. C. Milani com os jovens campeões após a apresentação.

1600 ESTACAS DA IGREJA

Com a organização da Estaca Kitchener Ontário, Canadá, em 22 de Junho último, a Igreja conta hoje 1600 estacas no mundo todo.



Sociedade de Socorro Homenageia Irmãs de Vitória

O Distrito de Vitória — ES, realizou no dia 12 de julho de 1986, a Convenção Anual da Sociedade de Socorro, na capela de Vila Velha.

O tema central da convenção foi a escritura Provérbios 31:30 — "Mas a mulher que te me ao Senhor, essa será louvada".

Os temas dos discursos foram relacionados ao papel da mulher no lar, Igreja e comunidade, e sua influência na edificação de Sião.

Após a abertura, cada irmã da Junta e Presidência da Sociedade de Socorro do Distrito apresentou um número especial — teatro, poesia, números musicais (piano, flauta), músicas em vários idiomas (inglês, alemão), esquetes, danças etc.

Também houve a apresentação do Coral da Sociedade de Socorro do Distrito, a distribuição de um gostoso lanche, e uma exposição de trabalhos de grande valor pessoal de propriedade das irmãs da Presidência da Sociedade de Socorro.

O programa originalmente denominado "DE NÓS PARA VOCÊS", foi uma demonstração do grande amor, carinho e união das irmãs de Vitória.

Lilliane Sperandio
Secretária-Tesoureira

Super SUD Show e Palestra para Seminaristas

Sob a coordenação do líder da obra missionária do Distrito de Goiânia — José O. Guimarães e os missionários, foi apresentado o Programa Super SUD Show.

A programação teve início com o filme: "Um Povo em Ação", seguida de show musical com a duração de 2h30 minutos, com a presença de dezenas de membros da Igreja e convidados.

O Super SUD Show, foi divulgado pela Rádio Antena 1, pelas televisões Brasil Central — Canal 13 e Goyá — Canal 4, que mostraram parte da apresentação, convidando o público e despertando seu interesse pelo estilo das músicas selecionadas.

Esta programação foi muito bem vista pela imprensa local e sua apresentação pela televisão despertou o interesse dos responsáveis pelo Seminário Regional de Goiânia, atualmente com 35 estudantes de teologia e filosofia, que convidaram a Igreja para dar-lhes uma palestra.

A presidência do distrito indicou os irmãos: José Guimarães e Rafael R. de Faria, do Conselho do Distrito, que falaram sobre a Restauração da Igreja e prestaram testemunho.

A liderança de Goiânia está feliz com o aumento da divulgação da Igreja, nesta capital, reconhecendo nos veículos de comunicação a maior ajuda na obra missionária de que dispomos, no momento.

Ângela Maria Magalhães Gonzaga
Diretora de Comunicações Públicas de Goiânia

Preservação da Moral e Bons Costumes

O diretor de Comunicações Públicas da Estaca Alegrete, interpelado pela liderança política da cidade, empenhada numa campanha de combate à pornografia, sobre a posição da Igreja no assunto, publicou um artigo na coluna de um jornal da cidade. Nesse artigo, a Igreja alerta o mundo sobre a constante invasão de material pornográfico, que destrói e corrompe a juventude, alterando a moral e o comportamento humano. O referido artigo foi apresentado na Câmara dos Vereadores e no Rotary Clube, que também tratou do assunto. Com a nossa posição contrária à pornografia, como também de outros líderes religiosos e políticos, o vereador do PFL, Dr. Zulmir Rasch, entregou à Câmara Municipal de Livramento um projeto de lei proibindo material de propaganda e legenda de filmes, cinemas ou teatros ou em qualquer logradouro público, que atentem contra a moral e os bons costumes. De acordo com a Lei Orgânica do Município, o projeto foi aprovado e promulgada a Lei nº 2.026 de 29.05.86, que entrou em vigor. Foi uma vitória, na qual, líderes da Igreja contribuíram com sua parcela de apoio às autoridades no intuito de preservar a moral e os bons costumes.

Victor Hugo Vargas
Diretor de Comunicações Públicas
Estaca Alegrete Brasil

III Olimpíada da Estaca Santos Brasil

Sorrisos, alegrias, tristezas e lágrimas, tudo isto unido com uma linha que não se desgasta nunca: a linha do respeito e amor ao próximo.

Foi neste ambiente que, no dia 26 de julho de 1986, realizou-se a III Olimpíada da Estaca Santos Brasil, desta vez destinada aos Rapazes e às Moças. Utilizando-se as dependências do SESI, a nível de inauguração extra-oficial, no bairro de Chico de Paula, as piscinas das Faculdades Santa Cecília e a quadra de futebol de salão da Ala do Jabaquara, atletas e demais presentes puderam sentir durante as competições um sentimento de amor concreto, e onde o amor vive, aí está o Senhor.

Desde o empenho inicial da comissão organizadora, até o último som do baile do encerramento, foram trabalhados 5 meses com muitas pessoas envolvidas. Aproximadamente 130 jovens disputaram troféus e medalhas, estabelecendo belas marcas. Marcas estas que, espera-se, fiquem guardadas, para servirem de comparativo nas próximas competições, quando da quebra de recordes.

Clóvis Mendes Costa, membro do Sumo Conselho, responsável pelos Rapazes e pelas Moças, afirmou que na próxima Olimpíada, "haverá uma divisão por faixa etária, nos esportes, para equilibrar melhor as disputas. Serão incluídos novos esportes, como o lançamento de dardo". Os objetivos fundamentais foram alcançados, pois o número de membros inativos participantes, realmente foi grande.

A equipe dos Rapazes da Ala Areia Branca compunha-se de 8 rapazes, o que não seria novidade nenhuma se, destes, 7 não fossem membros inativos. Além disto, os oito rapazes participaram de todas as modalidades, conseguindo medalhas e troféu de 2.º colocado em futebol de salão, tendo realizado apenas um único treino. Trazer 7 irmãos inativos para juntarem-se a 1 ativo, foi sua maior disputa, talvez o mais belo recorde estabelecido nesta competição.

Para o Presidente da Estaca Santos Brasil, Nívio Varella Alcover, esta atividade, de grande magnitude, serviu para melhorar as relações a nível social e mostrar que a Igreja "não é um casulo; ela pode, deve e tem que sair de seus muros".

As irmãs da Sociedade de Socorro com muito carinho prepararam um delicioso jantar para os atletas.

Eli Campos Perez

Equipe Campeã Brasileira de Futebol em 85 Tem Três Atletas SUD

A equipe do Coritiba Football Club, campeã brasileira em 1985, conta em suas fileiras três jovens mórmons. São eles: *Evandro Nunes*, lateral-esquerdo, começou a atuar em Cambará - PR em 82. Tornou-se profissional na Ponte Preta, de Campinas. Foi batizado em março de 1984 em Campinas. Disse ele: "Desde o primeiro contato com a Igreja, senti que era fundamentada na verdade. Esse testemunho permanece comigo e me fortalece. Acredito que o Profeta Joseph Smith recebeu revelações de Cristo."

Evandro veio para o Coritiba e fez muitos amigos no clube e entre a juventude da Igreja.

Jorge Martinez, uruguaio, meia-esquerda, começou na equipe Júnior do Sud America de Montevidéu. É profissional, desde os 17 anos. Foi emprestado ao Corinthians Paulista e logo após contratado pelo Coritiba. Ao ser indagado sobre sua conversão, disse: "Conheci a Igreja por intermédio do Evandro. Quando vim para Curitiba fiquei muito "solito" e uma contusão me tirou do time por dois meses. Comecei a ficar agressivo com tudo e com todos. Foi nesse momento difícil que encontrei uma palavra amiga e confortadora que me deu forças para lutar. Evandro me falou da Igreja e de seus ensinamentos e desejei ouvir as palestras. Tudo mudou dentro de mim e ganhei novo conceito da vida e do amor. Agora vejo as coisas de modo diferente e belo. Os irmãos da Igreja me ajudaram muito." Segundo ele, o que mais o impressionou ao ouvir as palestras, foi a gloriosa verdade da ressurreição. Jorge Martinez foi batizado em 27.07.86.

Ademar Padilha, ponta-esquerda, jogou quatro anos em Joinville e sagrou-se tetracampeão catarinense pela equipe do mesmo nome. Neste ano foi comprado pelo Coritiba. Sobre a conversão, Ademir comentou: "Foi o Evandro que me falou da Igreja. Aceitei a visita dos missionários. Com as palestras, um espírito maravilhoso confirmava em mim tudo o que diziam. Era como se eu estivesse redescobrindo uma mensagem em que acreditava, mas que não sabia onde encontrar." Ademir foi batizado em 27.07.86, na mesma ala que Jorge Martinez.

O bom exemplo e a coragem de falar do evangelho aos colegas, tem feito de Evandro um atleta missionário. Também o meio-campista Netinho, ex-integrante da Seleção Brasileira de Juniores (vice-campeã do Mundial da China) está sendo ensinado. Os élderes Ramos e Oldhalm, (na foto), ensinaram e batizaram os mesmos.

Da esquerda para a direita: Élder Oldhalm, Jorge Martinez, Élder Ramos, Evandro e Ademir.

Campeões de Luta Olímpica Brasileira 1986

Roy Golladay, Jr., bispo da Ala de Cerqueira César da Estaca São Paulo Perdizes, é diretor-técnico da equipe de luta olímpica de São Paulo, e dirigiu o time para a posição de 1º lugar no último campeonato nacional brasileiro que foi realizado em São Paulo, em julho p.p.

Esta foi a primeira vez que São Paulo se saiu tão bem neste campeonato nacional, conquistando medalhas em diversas categorias.

A equipe vai se preparando agora para a participação no campeonato pan-americano a ser realizado em Colorado Springs, EUA, em setembro e o campeonato sul-americano, marcado para novembro.

Bispo Roy, é o segundo da esquerda.

Missão Cumprida – Um Retorno Feliz

Maio foi o mês que trouxe alegrias para os santos dos últimos dias da Ala Rangel, em João Pessoa, unidade pertencente à Estaca Campina Grande Brasil. É que regressaram do campo missionário os Irmãos João Tomaz da Silva e Pedro Olimpio da Silva, filhos do Bispo Olimpio Tomaz da Silva e da Irmã Maria José de Oliveira Silva.

Ambos foram para o campo no mesmo dia e regressaram praticamente juntos. O Élder João Silva passou vinte meses na Missão Porto Alegre Brasil e Olimpio vinte e cinco meses na Missão São Paulo Sul.

Um outro filho do casal Silva, Diogo de Oliveira Silva, aguarda seu chamado para cumprir missão.

José Hélio de Oliveira
Diretor de Comunicações Públicas da Estaca Campina Grande Brasil

Testificar das Verdades Eternas; O Estandarte dos Irmãos Martins

Provavelmente aqueles dois jovens missionários, após ouvirem — "Não temos interesse, já temos uma religião" nunca pensariam que depois de baterem em tantas portas, alguém lhes pediria que voltassem.

Assim foi em dezembro de 1969. A Irmã Wanda Martin, explicava que já tinham uma religião. No dia seguinte, chegava de férias do Exército, Altair, o filho mais velho da família, contando que havia mudado de religião, e que era mórmon. Quando soube que os missionários haviam estado em sua casa, falou da importância da mensagem que tinham e foi procurá-los para que voltassem e ensinassem a família.

Todos foram batizados, com exceção de Altevir Léu, que na época ainda não tinha oito anos, e os missionários chamavam-no de "sapinho" porque ao perguntarem à família se sabiam "De onde vinham antes de nascerem nesta vida" ele apressou-se em dizer que era da lagoa onde todos éramos sapinhos.

A família ficou firme no Ramo de Erechim (Rio Grande do Sul) e foi ali que Sérgio Luiz e Ana Maria viram iniciar o programa de Seminário, do qual foram alunos aplicados, participando também de todos os Super Sábados do distrito.

No final de 1978, Ana Maria partia para a Missão Brasil Rio de Janeiro, que logo foi dividida e ela foi para a Missão Brasil Recife. Sérgio Luiz sempre teve o desejo de cumprir missão, mas havia algumas dificuldades, principalmente de ordem financeira.

Certo dia, Sérgio leu em *A Liahona* um artigo que muito o tocou e decidiu que aquele era o momento; o Senhor proveria todas as soluções. Foi chamado para a Missão Brasil Recife, iniciando sua missão em fevereiro de 1980, quando faltavam menos de quatro meses para sua irmã terminar a missão. Afirmam eles ter sido a maior bênção de sua vida.

Quando Sérgio Luiz estava terminando a missão, Altevir Léu, o sapinho, foi morar em João Pessoa, PB, lá noivou com a Irmã Germana Vasconcellos. Foram incentivados, e em 1984 partiam também para uma missão; ela para a Missão Brasil Porto Alegre e ele para a Missão Brasil São Paulo Norte.

Hoje são todos ativos na Igreja com vários cargos. Todos têm testemunho do evangelho e um grande amor à Igreja como também um objetivo comum: no futuro voltarem para o campo missionário como casais missionários. Para eles o trabalho de proselitismo é motivo de bênçãos sem medidas.

Enviado por Fernando Luiz Gomes de Carvalho
Av. Sinésio Guimarães, 465 - Torre
Paraíba

A Oração

Há alguns anos, certo dia ao chegar em casa, recebi uma notícia que me deixou atordoada. Meu filhinho havia sido atropelado por um caminhão e se encontrava hospitalizado. Pedi a uma pessoa amiga que me levasse ao hospital. Depois de muito procurar, consegui localizá-lo, como também ao médico que o havia atendido. Indaguei sobre o seu estado de saúde e ele respondeu que era bastante grave. Disse-me: — Mãe, seja forte, ore muito para que o seu menino não entre em estado de coma, pois ele está com fratura no crânio.

Na mesma hora ajoelhei-me no chão, na presença do médico e de todos os que se encontravam no local naquele momento e comecei a orar. Entreguei a vida de meu filho nas mãos do Pai Celestial e pedi que ele conservasse meu menino comigo. Ao entrar no quarto onde estava inconsciente, novamente de joelhos, orei mais fervorosamente ainda. Ao terminar a oração vi Charles se mexer, o que meu deu mais forças. Voltei para casa com o pensamento no Pai Celestial, passando toda a noite orando e em jejum. Dias depois, meu filho recebia alta do hospital e hoje se encontra com muita disposição e feliz por ter recebido uma grande bênção.

Dirce Ferreira do Nascimento
Ala Jardim Taboão
Estaca São Paulo Taboão

A Sociedade de Socorro Anuncia Mudanças no Currículo

A presidência geral da Sociedade de Socorro anunciou mudanças no currículo da organização, a partir de primeiro de janeiro de 1987. As mudanças, para que o programa da organização seja mais simples, adaptável e flexível, foram feitas para atender às necessidades das irmãs no mundo todo.

"Fizemos mudanças em nosso currículo para os problemas que enfrentamos atualmente", disse a Irmã Barbara B. Winder, Presidente Geral da Sociedade de Socorro. O livro de lições para 1987, *Aprendei de Mim* (PCRS58H5PO) publicado em vinte idiomas, difere dos livros de lições antigos nos seguintes pontos:

1. Contém o dobro de lições de Viver Espiritual, com duas lições programadas para cada mês. Inclui discursos proferidos pelos membros da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze. De acordo com as palavras da Irmã Winder, esta mudança é resposta às crescentes pressões que as mulheres enfrentam nos dias atuais... "Esperamos que a ênfase na espiritualidade do novo currículo possa ser uma âncora contra a corrente do mal no mundo de hoje."

2. As lições de Relações Sociais e Serviço de Solidariedade foram combinadas em uma só categoria.

3. As lições de Educação Maternal passaram a se chamar Lições de Educação Familiar no Lar, que serão de interesse para um número maior de mulheres em circunstâncias diferentes.

4. As lições de Refinamento Cultural, que eram difíceis de serem adaptadas a todas as culturas foram eliminadas.

5. As lições de Administração do Lar, a serem ensinadas mensalmente na reunião de economia doméstica, focalizam a preparação pessoal e familiar.

6. Lições suplementares com assuntos de interesse atuais, incluindo abuso de drogas, pornografia e aborto foram incluídos. Estas poderão ser usadas no quinto domingo ou quando necessário.

7. O livro de lições não contém as mensagens das professoras visitantes. As mensagens serão publicadas em *A Liahona*, a partir de 1987. Durante os meses de janeiro e julho, quando são publicados os relatórios das conferências gerais, nenhuma mensagem para as professoras visitantes será publicada. Durante esses meses as professoras devem basear sua mensagem nos discursos da conferência publicados na revista.

8. O novo livro de lições é de tamanho menor do que os anteriores. Disse a Irmã Winder: "será mais conveniente para as irmãs usarem-no com as escrituras como um guia de estudo pessoal." Um índice por assunto no final do livro, também ajudará as irmãs a usá-lo como referência para encontrar os assuntos para a noite familiar, lições e discursos.

Flexibilidade na programação. O novo livro de lições contém cinqüenta lições que podem ser usadas com alguma flexibilidade para atender às necessidades locais. As líderes das alas e ramos programarão as lições mensais, incluindo duas lições de Viver Espiritual, uma de Educação Familiar no Lar e uma de Serviço de Solidariedade/Relações Sociais.

O número de professoras será determinado pelo bispo/presidente de ramo e pela presidente da Sociedade de Socorro de acordo com o tamanho da unidade local e com o número de mulheres disponíveis para ensinar. Uma irmã poderá dar todas as lições ou até mesmo cinco professoras poderão ser chamadas.

As reuniões optativas de aprimoramento podem ser realizadas durante a semana com a aprovação do bispo. Grupos de irmãs poderão estudar assuntos culturais, artísticos, artesanato ou outros assuntos de interesse comum. Esses grupos podem reunir-se uma ou mais vezes durante o mês. "Elas devem usar materiais aprovados pela Igreja, como antigos livros de lições da Sociedade de Socorro e revistas da Igreja", disse a Irmã Winder. Essas reuniões dão às irmãs que trabalham com a Primária ou Moças, a oportunidade de estudar as lições da Sociedade de Socorro que não puderam assistir.

Um Chamado para Encontrar o Salvador — A capa do livro de lições para 1987 é uma pintura a óleo de Del Parson, intitulada *Maria e Marta*, mostrando Jesus Cristo ensinando Maria e Marta. (Ver Lucas 10:38-42.) "É uma mensagem forte e simples da necessidade de equilíbrio em nossa vida. Como jamais anteriormente, as mulheres precisam desenvolver uma força interior e espiritualidade para enfrentar os tempos difíceis. O livro de lições para 1987 *Aprendei de Mim* é um chamado para que as mulheres encontrem o Salvador, por intermédio de quem podem desenvolver essa força interior e crescente espiritualidade", disse a Irmã Winder.